



literatura
livre

Livro do tigre e do raposo

SAHL BIN HĀRŪN

Kitāb Annamir wa Atta^{al}ab (séc. 8-9)

Tradução: Mamede Jarouche

Edição bilingue:
PORTUGUÊS • ÁRABE

Sesc



— •
literatura
livre

Livro do tigre e do raposo

Sahl Bin Hārūn

Edição Bilingue

Sesc **mojo**^{org}

— •
literatura
livre

Livro do tigre e do raposo

Sahl Bin Hārūn

Tradução:
Mamede Mustafa Jarouche

Edição Bilingue
Português-Árabe

sesc **mojo**^{org}

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

H873 Hārūn, Sahl Bin (m.c. 830 d.C.)
Livro de tigre e do raposo / Sahl Bin Hārūn. Tradução de Mamede Jarouche. – São Paulo: Instituto Mojo, 2022. (Coleção Literatura Livre).
E-Book: PDF, ePUB, MOBI
Disponível em: <https://mojo.org.br>

Título Original: Kitāb Annamir wa Atta'lab

Edição bilingue: Português - Árabe

ISBN 978-65-89008-32-3

1. Literatura Árabe. 2. Contos Árabes. 3. Fábulas. 4. Questões Sociais.
5. Cultura Política. I. Título. II. Série. III. Letrados em pele de raposo.
IV. Jarouche, Mamede, Tradutor. V. Instituto Mojo de Comunicação Intercultural. VI. Literatura Livre. VII. Jarouche, Mamede Mustafa.
VIII. Hārūn, Sahl Bin (m.c. 830 d.C.)

CDU 821.411-21

CDD 892.7

Catálogo elaborado por Regina Simão Paulino – CRB 6/1154

Livro do tigre e do raposo

Introdução — Letrados em pele de raposo	7
Livro do tigre e do raposo	35
Endnotes	148
Texto original em árabe	168
Manifesto pela democratização do domínio público	155
Literatura Livre	156
Instituto Mojo	157
Ficha técnica	158

INTRODUÇÃO

LETRADOS EM PELE DE RAPOSO

Composto pelo escriba Sahl Bin Hārūn em meio às tribulações da corte califal da Bagdá do século 9 d.C., o *Livro do tigre e do raposo* é um fabulário político que apresenta, ao contrário de seus similares, narrativa planiforme, despida de subnarrativas, e anuncia o seu judicioso propósito logo nas primeiras linhas: articulando vários gêneros discursivos de então, pretende tornar-se referência “para o sábio letrado e o ajuizado sagaz”. Trata-se, portanto, de obra voltada para receptores cuja distinção e mérito são previamente constituídos como *conditio sine qua non* para a sua conveniente fruição e adequado proveito. Resíduo do êxito alcançado por *Kalīla e Dimna*, fabulário político de origem sânscrita adaptado ao árabe em meados do século 8 por Ibn Almuqaffa^c, o *Livro do tigre e do raposo* também se produz como reação a ele, imitando-o no afã de superá-lo e substituí-lo. Para

tanto, realça o tom islâmico das falas, introduz versos de poetas caros à tradição árabe e recheia as falas com máximas e provérbios oriundos dessa mesma tradição — elementos inexistentes em *Kalila e Dimna* —, além de conferir maior linearidade ao enredo, cuja sequência de eventos, que explora explicitamente as consequências da transferência de poder e autoridade, com seu inevitável corolário no par antitético lealdade/deslealdade, está em maior conformidade com o horizonte de expectativas das cortes árabes de então.

Alegoria da condição humana, elogio da inteligência e da artimanha, como é quase sempre o caso das fábulas, as ações e reações diagramadas neste livro propõem e repropõem, o tempo todo, hierarquias e relações que estão no cerne da cultura política em que se produziu. Encenando-as, parece investir na justeza de sua manutenção, constituindo, na superfície, os desvios como perversidade e desequilíbrio, mas insinuando-os, no contradiscurso que o pressupõe, como inerentes a tais relações e hierarquias, naturalizando assim conflitos e rebeldias, inserindo-os na ordem das coisas, e conferindo-lhes, por via transversa, naturalidade, se não pertinência, ou, em certo sentido, até mesmo legitimidade.

Hoje, neste inescapável desterro, o *Livro do tigre e do raposo* pode ser anacronicamente lido como uma defesa da profissionalização do discurso intelectual produzido como

diretriz, cuja eficácia, para além da moralidade sempre afetada, se pensa basicamente como uma relação bem lograda com o verossímil e o lugar-comum no trato de questões que supliquem aconselhamento e, conseqüentemente, conforto de alma. Destarte, a sabedoria nele encenada agencia relações e objetos dados desde sempre numa fala que repõe, pois situada em outra circunstância, soluções cuja adequação a tantas e tamanhas circunstâncias pretéritas é como que um delicado rodopio na perpétua reposição do mesmo, espécie de pesadelo da imobilidade sem motivo aparente: seu discurso, como se disse, atualiza soluções preexistentes aos problemas propostos, mal ocultando a sua maior questão, que é, de fato, a conquista do privilégio de enunciá-lo.

O autor

De Sahl Bin Hārūn (m. c. 830 d.C.) pode-se dizer que se trata de uma das celebridades mais obscuras das letras clássicas árabes. Escriba de renome em sua época, constantemente referido em coletâneas e compilações de boas letras e ditos agudos, são escassas as informações a seu respeito. Modernamente, durante um bom tempo o seu texto mais conhecido e divulgado foi uma epístola elogiando a avareza que Abū ʿUṭmān ʿAmrū Bin Baḥr Aljāḥiḻ (c. 775-868 d.C.) incluiu no início de sua obra cômica **كتاب البخلاء**

(*Kitāb Albuḥalā*'), *Os miseráveis*.¹ Em seus livros, Aljāḥiẓ, hoje consolidado como um autêntico patriarca das letras árabes, cita amiúde sentenças, relatos e versos de Sahl Bin Hārūn nas obras a ele atribuídas, chegando mesmo a lhe fazer uma descrição razoavelmente detalhada para os padrões da época:

"[...] face nobre, bons sinais, distante da tartamudez, altura regular, aparência aceitável; julgavam que tinha sabedoria antes de experimentá-lo, e sutileza de entendimento antes de lhe dirigirem a palavra, e agudez de doutrina antes de o porem à prova, e nobreza antes de o investigarem. E isso não o impedia de dizer aquilo que considerasse verdade, ainda que se colocasse em apuros".²

Porém, a "biografia intelectual" mais antiga e completa que sobreviveu a respeito do autor encontra-se em *الفهرست* (*Alfihrist*), *O catálogo*, elaborado pelo livreiro e letrado bagdali Annadīm, nascido entre 928 e 932 e morto em 990. Está na

-
- 1 Na melhor edição crítica da obra, que é a de Ṭāha Alḥājirī (Cairo, 4.^a edição, 1971), essa carta está nas páginas 9-16. A obra *Os miseráveis* foi traduzida pelo projeto Literatura Livre e está disponível em (<https://mojo.org.br/>).
 - 2 Aljāḥiẓ, *البيان والتبيين* (*Albayān wa Attabayīn*), "Exposição e esclarecimento". Edição crítica de ʿAbdussalām Muḥammad Hārūn, Cairo, 1968, v. 1, p. 89.

“segunda parte” do terceiro capítulo, consagrada às “notícias sobre os reis, os escribas epistolares, coletores de impostos, responsáveis por chancelarias e os nomes de seus livros”, e diz o seguinte:

“Ele é Sahl Bin Hārūn Bin Rāhyūn, de Dastumīsān.³ Mudou-se para Basra e estabeleceu-se a serviço do [califa] Alma’mūn como responsável pela Casa da Sabedoria.⁴ Era sábio, eloquente e poeta, de origem persa, adepto da doutrina šu’ūbiyya⁵ e hostil aos árabes, tendo escrito a esse respeito diversos livros e epístolas. Extremamente avarento, escreveu para Alḥasan Bin Sahl uma epístola na qual elogiou a avareza, incitou-o a ela e se pavoneou em sua prática, e então Alḥasan escreveu no verso da epístola: ‘Chegou-nos a tua epístola

3 Algumas fontes, como o معجم الأدياء (Muʿjam Aludabā), “Dicionário de letrados”, de Yāqūt Alḥamawī (1189-1229), trazem Rāhbūn (Edição crítica de Iḥsān ʿAbbās. Beirute, 1993, v. 3, p. 1409). Dastumīsān era uma aldeia no sul da Pérsia, nas proximidades de Basra, conforme afirma o mesmo Yāqūt em seu معجم البلدان (Muʿjam Albuldān), “Dicionário de países”, Beirute, s/d, v. 2, p. 455.

4 O califado de Alma’mūn é geralmente considerado pelos historiadores como o período áureo da cultura no mundo islâmico, e como exemplo cita-se o بيت الحكمة (Bayt Al-ḥikma), “Casa da sabedoria”, por ele fundada com finalidade cultural e pedagógica.

5 Criada pelos persas, essa doutrina advogava a inferioridade dos árabes.

e, adotando o teu conselho, fizemos da recompensa a ti aceitá-la e acreditar nela. Adeus', e não lhe deu nada por ela. Abū 'Uṭmān Aljāhīz o preferia e descrevia-lhe a destreza e eloquência, citando-o em seus livros".⁶

Logo a seguir, o livreiro Annadīm menciona o título de várias obras, alguns de tradução impossível, e entre eles o “*Livro de Tu'la e 'Afra, ao modo de Kalīla e Dimna, [...], Livro do tigre do raposo [...]*”.

É basicamente essa notícia, acrescida de alguns detalhes de somenos, que se encontra reproduzida em outras obras antigas. Filho do notável califa Hārūn Arrašīd (m. 809 d.C.), Alma'mūn (786-833) sucedera o pai, tomando as rédeas do governo a partir de 813, após breve interstício em que reinou seu meio-irmão, Muḥammad Al'amīn (787-813), cuja deposição encabeçou.

A atividade de Sahl Bin Hārūn se deu, portanto, entre os califados de Hārūn Arrašīd e Alma'mūn, tendo atingido o auge da importância, ao que parece, durante o governo do último, como se evidencia pelos elogios que dizem ter-lhe dirigido e pela recorrente remissão ao seu labor no بيت الحكمة (*Bayt Alḥikma*), “Casa da sabedoria”, a mais ilustre

6 Abū Alfaraj Muḥammad Bin Ishāq Annadīm, الفهرست (*Alfihrist*), “O catálogo”. Edição crítica de Ayman Fu'ād Sayyid, Londres, v. 1, t. 2, pp. 373-374.

das instituições criadas por esse califa, em cuja biografia se inscreveu o estímulo à filosofia e a simpatia pelo *mutalilizismo*, doutrina islâmica cujas principais obras desapareceram ou sobreviveram fragmentadas e que hoje, certamente com algum anacronismo, se considera adepta da “razão”.

Mas a ligação do nosso autor com personagens políticas de posições mais elevadas parece ser anterior ao envolvimento com Alma'mūn. Num longo texto preservado, entre outras, na compilação *العقد الفردي* (*Al'iqd Alfarīd*), “O colar singular”, do cordovês Aḥmad Ibn 'Abd Rabbihi (860-940), é a própria voz de Sahl que faz o relato da ruína dos barmécidas, clã de origem persa que desfrutara grande poder e prestígio desde a instalação do califado abássida, em meados do século 8. Em 803, por motivos ainda não inteiramente esclarecidos,⁷ o califa Hārūn Arrašīd se voltou contra o clã e ordenou que os seus membros fossem presos ou mortos. Falando na condição de secretário de um dos principais do

7 Os antigos historiadores árabes falam, de um lado, do enorme poder e riqueza acumulados pelos barmécidas, o que os tornava virtuais concorrentes do soberano. De outro lado, também são mencionados problemas de ordem subjetiva, como a consumação do casamento entre o vizir barmécida Ja'far e a irmã do califa, o que teria desagradado a este último. Recentemente, o pesquisador iraquiano Jalīl Al'atīyya localizou e publicou um raro manuscrito inteiramente dedicado aos barmécidas: أخبار البرامكة (*Aḥbār Albarāmika*), “Notícias dos barmécidas”, Beirute, 2006.

clã barmécida, Yaḥyà Ibn Ḥālid — vizir dos califas abássidas e antigo preceptor do próprio Hārūn Arrašid —, Sahl inicia o relato, transmitido por Aljāḥiz, com profusos elogios aos barmécidas, somente superados pelos elogios ao próprio califa, descrevendo em seguida como este enfim o poupou e o tranquilizara, apesar dos serviços que prestava a esse clã, e, enfim, como as intercessões a seu favor, levadas a cabo pela esposa de Yaḥyā, que amamentara o califa, e por Zubayda, esposa do califa, foram rechaçadas por Arrašid.⁸

O relato apresenta interesse também porque no cabeçalho da presente obra Sahl é qualificado como “escriba de Zubayda”, esposa do califa, mãe de Alamīn, que o sucedeu, e inimiga do meio-irmão deste, Alma’mūn, que o depôs e provocou sua morte. Teria sido nomeado após esses eventos ou se trata de equívoco do copista? Caso isso corresponda aos fatos, não deixa de ser uma situação curiosa, uma vez que também diante de Alma’mūn, durante cujo califado morreu, Sahl alcançou posição de relevo. Em suma, talvez se trate de personagem cuja carreira foi marcada pelo serviço a governantes e poderosos que entabularam entre si relações de variada fortuna, desde a amizade mais íntima ao ódio mais

8 Ibn ‘Abd Rabbihi, العمد الفريد (*Al‘iqd Alfarīd*), “O colar singular”. Edição crítica de Muḥammad Attuwanjī, Beirute, 2001, v. 5, pp. 53-62.

figadal. Nessa linha, faz muito sentido pensar num análogo do letrado profissional, especialista em falas articuladas e proposições agudas que pôs seu conhecimento a serviço de quem exercesse o poder — exatamente, aliás, como o raposo de seu fabulário. Num episódio onde é citado como personagem principal, destaca-se o uso da adulação retórica para que a balança da fortuna volte a pender a seu favor:

“O califa Alma’mūn estava irritado com Sahl Bin Hārūn, que foi ter com ele; os membros da sua corte estavam cada qual em sua posição, e o califa fez um discurso magnífico. Quando terminou, Sahl voltou-se para os presentes e disse: ‘Que tendes, vós que ouvis mas não vos conscientizais, que presenciais mas não compreendeis, que entendeis mas não vos admirais, que vos admirais mas não fazeis justiça? Por Deus que ele fala e faz num curto dia o mesmo que fizeram os [membros da dinastia] omíadas⁹ por toda sua longa vida. Entre vós, árabes são como os estrangeiros, e estrangeiros são como escravos! Porém, como pode conhecer o remédio quem não sente

9 Lembre-se que a dinastia omíada fora destronada em meados do século 8 d.C. pela abássida, à qual pertencia Alma’mūn.

a moléstia?’. Então, Alma’mūn voltou atrás em relação a ele, retomando sua [boa] opinião anterior”¹⁰

Como personalidade, sua constituição, embora não se possa considerar propriamente ambígua, conheceu mais de uma dimensão: avarento que empregava sua habilidade retórica para justificar a avareza, contador de anedotas e facécias, produtor de sentenças sapienciais e discursos muito bem logrados, letrado prudente e ajuizado, conforme se evidencia na pequena seleção abaixo:

“Um homem pediu a Sahl Bin Hārūn: ‘Dá-me algo que para ti não trará nenhum prejuízo’. Perguntou: ‘É o que seria?’. Respondeu: ‘Um dirham’¹¹ Disse Sahl: ‘Ó filho de meu irmão, menosprezas o dirham, que é a estampilha de Deus na terra! O dirham — ai de ti! — é um décimo de dez, e dez são um décimo de cem, e cem são um décimo de mil, e mil são um décimo do resgate de sangue de um muçulmano. Acaso não vês, ó filho de

10 Ibrāhīm Alḥuṣrī, *زهر الآداب وثمرات الألباب (Zuhr Alādāb wa Tamarāt Alalbāb)*, “Flores dos decoros e frutos dos entendimentos”. Edição de Ṣalāḥ Addīn Alhawārī, Beirute, 2001, v. 2, p. 316.

11 Normalmente, designa uma pequena moeda de prata, e aqui, moeda de valor ínfimo.

meu irmão, até que ponto chegou o dirham que tanto menosprezaste? E o que são as casas da moeda senão dirham sobre dirham?’ Então o homem se retirou, e, se não o houvesse feito, Sahl não teria se calado”.¹²

“Disse Sahl Bin Hārūn: ‘São três os que remontam à condição de loucos: o bêbado, o colérico e o ciumento’. Perguntou um de seus companheiros: ‘E o que dizes sobre o de pênis ereto?’ Sahl riu e disse: ‘É pior do que esses três...’”.¹³

“Disseram a Sahl Bin Hārūn: ‘Quem serve o povo é seu senhor’. Respondeu: ‘Isto é conversa de gente preguiçosa’”.¹⁴

“Disse Sahl Bin Hārūn: ‘Dá, a quem te incomoda e aborrece com pedidos, ouvido mouco e olho cego’”.¹⁵

12 Šihāb Addīn Annuwayrī (1278-1332), نهاية الأرب في فنون الأدب (*Nihāyat Alarab fī Funūn Aladab*), “O cúmulo da sagacidade nas artes do decoro”. Obra disponível em: www.alwaraq.net.

13 Arrāğib Alaṣfahānī (m. 1108), محاضرات الأدباء (*Muḥāḍarāt Aludabā*), “Palestras de letrados”. Obra disponível em: www.alwaraq.net. A resposta final é citação do primeiro hemistíquio do sexto verso de uma famosa poesia pré-islâmica (*mu‘allaqa*) de ‘Amrū Bin Kulṭūm, que nada tem que ver com esse assunto.

14 Ibn Ḥamdūn (m. c. 1166), التذكرة الحمدونية (*Attadkira Alḥamdūniyya*), “As apostilas de Ḥamdūn”. Edição crítica de Iḥsān ‘Abbās e Bakr ‘Abbās, Beirute, 1996, v. 9, p. 416.

15 Idem, v., 8, p. 176.

*“Disse Sahl Bin Hārūn: ‘O cálamo é o nariz da consciência; se acaso ele sangrar, divulgará os segredos dela e lhe iluminará os rastros’”.*¹⁶

*“Sahl Bin Hārūn escreveu a Dū Arriyasatayn: ‘As crises têm seu [momento de] alívio: se, portanto, o protetor desse alívio; o destino das crises tem reviravoltas: colhe delas, portanto, o teu quinhão; essas reviravoltas se estendem: abastece-te, portanto, antes dos momentos de agravamento. Se acaso consideras terrível isso que te informo, observa todos os aspectos da crise, e a advertência te será adequada em todas as suas partes. Considera bem que entregaras aquilo que dela recebeste’. Então ele escreveu a nomeaao de seu sucessor na Pérsia”.*¹⁷

16 Idem, v. 5, p. 409. Onde se traduziu “nariz” consta “língua”, mas, como a anedota consta de outras fontes, o texto foi retificado. Deve ser “nariz” porque o verbo que se segue, راعف (*ra^cafa*) significa “sangrar pelo nariz”.

17 Idem, v. 6, p. 327. Também consta, com leitura diferente em vários pontos, de Abū Ḥayyan Attawḥidi (m. 1010), البصائر والذخائر (*Albaṣa’ir wa Adḍaḥa’ir*), “Tesouros e clarividencias”. Ediao crítica de Widad Alqadi. Beirute, 1988, v. 3, pp. 96-97. Dū Arriyasatayn, alcunha do letrado e político de origem persa e recém converso ao islam Alfaḍl Bin Sahl (m. 818), significa “o [homem] das duas lideranças”, isto é, a política e a guerra. Inimigo dos barmécidas, concentrou enorme poder como vizir do califa Alma’mun e acabou morto por Galib, tio materno deste, a instâncias, ao que parece, do próprio califa. O episódio aqui relatado coloca o vizir na posiao de governador da Pérsia e tem relaao com a sucessão

*“Disse Sahl Bin Hārūn: ‘Do amigo não se cobram contas, e o inimigo não se leva em conta’”*¹⁸

*“Disse Sahl Bin Hārūn: ‘O perdão que de fato equivale à libertação é aquele que está livre da contagem de erros e isento da recordação de tropeços’”*¹⁹

*“Disse Sahl Bin Hārūn: ‘De tanto entrar no que me é indesejável, dispensei-me de entrar no que me é desejável’”*²⁰

“Disse Sahl Bin Hārūn: ‘O acompanhante do rei deve ser como que criado a partir do coração dele, comportando-se conforme os seus desejos, torcendo-se conforme as suas vontades, agindo a sério quando ele agir a sério e soltando-se quando ele se solta, sem se aborrecer da convivência e nem se desanimar com os serões, prevenendo-se quando ele se embriaga e despertando quando

nos cargos de governo, pois os registros históricos evidenciam que, normalmente, governadores e encarregados relutavam, quando não resistiam pelas armas, à sua substituição. Assim, a carta de Sahl Bin Hārūn teria tido o efeito de convencer Alfaḍl Bin Sahl a aceitar a própria substituição no governo da Pérsia.

18 Abū Ḥayyān Attawḥīdī, الصداقة والصديق (Aṣṣadāqa wa Aṣṣadiq), “A amizade e o amigo”. Edição crítica de Ibrāhīm Alkīlānī. Damasco, 1998, p. 86.

19 Idem, p. 146.

20 Abū Ḥayyān Attawḥīdī, البصائر والذخائر (Albaṣā'ir wa Adḍaḥā'ir), “Tesouros e clarividências”, op. cit, v. 8, p. 11.

ele acorda; deve guardar-lhe os segredos e divulgar-lhe a generosidade; deve estar, para o rei, abaixo do criado, pois este [só] serve em desoras, ao passo que o companheiro é para todas as horas”.²¹

“Disse Sahl Bin Hārūn: ‘O tinteiro é o manancial, o cálamo, o aguadeiro, e o livro, o lugar onde se descansa após saciar a sede”.²²

“Disse Sahl Bin Hārūn: ‘A boa língua e a poesia quase não se reúnem numa só pessoa’. E prosseguiu: ‘Mais difícil ainda que isso é que se reúnam a eloquência do cálamo e a eloquência da poesia”.²³

“Perguntou-se a Sahl Bin Hārūn: ‘O que é a retórica?’. Respondeu: ‘É o discurso que desliza pela naturalidade com a mesma leveza da pérola no colar recebido por uma jovem que o leva ao pescoço; nele, a língua não deve ser impelida a nada que não seja o caminho da espontaneidade, pois caso contrário nele aparecerá a feiura da artificialidade”.²⁴

“Disse Sahl Bin Hārūn a Alfaḍl Bin Sahl: ‘O secretário é uma das duas faces do rei: é a partir de sua piedade que

21 Idem, v. 4, p. 142.

22 Idem, v. 2, p. 38.

23 Idem, v. 4, p. 236.

24 Idem, v. 1, p. 219.

se considera a piedade do rei, e seus erros e grosseria o atingem. Toma como secretário, portanto, alguém de natureza afável, reconhecido pela piedade, e para o qual a bondade e a misericórdia sejam familiares. Que seja de bela fisionomia, boa capacidade, objetivo em suas disposições e melhores ações. Ordena-lhe que organize os homens conforme a posição de cada um, que lhes autorize [a entrada] segundo a hierarquia de tais posições, e que a todos ele dê a devida atenção, atraindo para si o coração de todos, a fim de que não bata às [tuas] portas alguém temeroso de receber um tratamento inferior à sua posição, nem de ser privado, em alguma audiência ou assembleia ou sessão de pedidos, de que algo que seja seu direito, nem privar alguém de sua posição. Que ele ponha, diante de ti, cada qual em sua posição. Cuida para que, caso alguém falhe, [o secretário] ajeite e ornamente as coisas”²⁵

“Disse Sahl Bin Hārūn: ‘Se acaso dois homens discursarem, ou conversarem, ou discutirem, ou descreverem [algo], sendo um deles belo, excelso, formoso, bem vestido, digno, de nobre origem, e o outro pequenino, desprezível,

25 Aljāhiz, كتاب الحجاب (Kitāb Alḥujjāb), “Livro dos secretários”, in: رسائل الجاحظ (Rasā’il Aljāhiz), “Epístolas de Aljāhiz”. Edição de ‘Abdus-salām Muḥammad Hārūn, Beirute, 1991, v. 1, pp. 37-38.

de aparência decaída, feioso, obscuro e ignorado, e os discursos de ambos tiverem o mesmo valor retórico e correção de igual peso, a assembleia se dividirá em relação a ambos,²⁶ e o vulgo julgará a favor do pequenino feioso contra o nobre de envergadura, e a favor daquele de aparência decaída contra o de boa aparência, pois o espanto com o segundo fará o vulgo se esquecer da equivalência entre ambos, e esse espanto se transformará em motivo para a admiração por ele, e o excesso [de atenção] para com ele se transformará em justificativa para o excesso de louvores a ele, e isso porque as almas [dos presentes] o desprezavam, nada esperavam de sua exposição e estavam distantes de invejá-lo, e, quando surpreendidos pelo que não fazia parte de suas cogitações, com a demonstração do contrário do que avaliavam, a boa qualidade de seu discurso se multiplica em seus peitos e se engrandece a seus olhos, pois, quanto mais distante de seu local de origem, mais espantosa é a coisa, e quanto mais espantosa é a coisa, mais profunda é a ilusão [que provoca], e quanto mais profunda for a ilusão [que provoca], mais insólita é a coisa, e quanto mais insólita, mais admirável, e quanto

26 “A assembleia [...] ambos” traduz لتصدع الجميع عنهما (la-taṣadda‘a aljam‘u ‘anhumā).

mais admirável, mais maravilhosa. Isso é como as anedotas em linguagem de garotos, ou facécias de loucos, nas quais o riso dos ouvintes é mais intenso, e maior a sua admiração por ele. Os homens são propensos a engrandecer o estranho, e curiosos pelo excêntrico, não lhes sucedendo, em relação ao que existe e está estabelecido, nem ao que está sob o alcance de sua visão e paixão, o mesmo que lhes sucede em relação ao estranho escasso, e ao raro incomum, ou ao que está em posse de outrem. É por isso que os vizinhos desdenham sua vizinhança, e os íntimos deixam de beneficiar seu íntimo, e é também por isso que são curiosos em relação ao estrangeiro e acorrem em direção ao adventício, abandonando quem lhes é de maior proveito, mais versado nos vários gêneros do saber, menos custoso e mais útil. É por isso que alguns preferem o forasteiro ao familiar, e o inusual ao usual'. Ele também dizia: 'Se porventura o califa for eloquente, e o senhor, diserto, nesse caso verás que a grande massa dos homens e a maioria dos notáveis serão, quanto a eles, uma dessas duas [classes de] homem: aquele cuja magnificação, preferência, consideração e reverência ao discurso deles é na medida do valor que tenham para si e da posição que ocupem em seu coração; ou aquele que deles suspeita ou teme que sua magnificação ao discurso

deles iluda-o [fazendo-o ver] no que dizem uma correção e uma eloquência que eles não possuem, a ponto de exagerar tais temores e acirrar tais suspeitas. A primeira [classe] julgará favoravelmente devido à consideração que tem, ao passo que a segunda [classe] julgará desfavoravelmente devido às suspeitas que nutre e ao medo de ser enganada. Assim, se o amor cega quanto aos defeitos [do amado], também o ódio cega quanto às qualidades. Não conhecem os fatos relativos aos sentidos subentendidos e às consequências da extrema sutileza nas questões senão o sábio sábio e o douto de humores equilibrados, bem como o poderoso resistente, que não se verga aos desejos da grande massa e da maioria mais ampla”²⁷.

Quanto à constituição do autor como “avarento”, seria interessante resgatar o relato tal como apresentado por Ibrāhīm Alḥuṣrī (m. 1061), poeta e compilador de Cairuão, na Tunísia:

“Sahl Bin Hārūn compôs uma epístola elogiando a avareza e censurando a liberalidade a fim de demonstrar a sua capacidade retórica, e a entregou a Alḥasan Bin Sahl quando

27 Aljāḥiẓ, البيان والتبيين (Albayān wa Attabyīn), “Exposição e esclarecimento”, cit., v. 1, pp. 89-90.

este era vizir do califa Alma'mūn. Então Alḥasan escreveu na epístola: 'Elogiaste o que Deus censura, e embelezaste aquilo que Deus enfeia, e a qualidade de tuas palavras não substitui a corrupção do teu sentido; portanto, tornamos o teu prêmio a aceitação do que na epístola afirmas'".²⁸

A anedota é citada em várias obras, anteriores e posteriores, como já se viu na nota biográfica de *O catálogo*. Mas o trecho em destaque, fundamental evidência de jogo retórico, só aparece nesta, cujo autor era visivelmente simpático a Sahl, tanto que em seus dados biográficos acrescentou: “chistoso, sábio, de boa argumentação, tem livros elegantes redigidos em oposição aos livros dos antigos, naquilo em que neles considerava incorreto, a ponto de ser chamado de ‘Buzurjmihir do islã’”.²⁹

De feito bem diverso — e contraditório, caso se pense na avareza antes alegada — é o perfil que se traça do autor

28 Ibrāhīm Alḥuṣṣrī, *زهر الآداب وثمرات الألباب (Zuhr Alādāb wa Tamarāt Alalbāb)*, “Flores dos decoros e frutos dos entendimentos”, cit., v. 3, pp. 275-276.

29 Idem, v. 2, p. 316. Nos registros dos antigos historiadores e cronistas árabes, Buzurjmihir, vizir do rei Kisrà na Pérsia pré-islâmica, é apontado como paradigma de cultura, prudência e sagacidade. Sobre essa personagem, consultar: Christensen, A. “La Legende du Sage Buzurjmihir”, in *Acta Orientalia*, VIII (1930), 81-128.

em obra do já referido Abū Ḥayyān Attawḥīdī, na qual certo letrado chamado Alḥarrānī investe até o limite da saturação nas tópicas encomiásticas derivadas da amizade:

“Perguntou-se a Alḥarrānī: ‘Existe amizade entre ti e Sahl Bin Hārūn; descreve-o, pois, para que saibamos’. Respondeu: ‘Ele é como o bem, avaliador do saber e de vasta generosidade; se entra em disputas, não mente, e se pilheriam com ele, não se encoleriza; ele é como a chuva, que beneficia o local onde cai, e como o sol, que leva a vida para onde aparece, e como a terra, que suporta tudo quanto se lhe dá a carregar, e como a água, que purifica quem a toca e satisfaz a sede de quem a bebe, e como o ar, da qual extraímos a vida respirando, e como o fogo, que mantém vivo o congelado, e como o céu, que mais belo se torna com a variedade da luz’”³⁰

A obra

O *Livro do tigre e do raposo* é a única obra de Sahl Bin Hārūn que chegou inteiriça, ao menos na aparência, até os

30 Abū Ḥayyān Attawḥīdī, الصداقة والصدق (Aṣṣadāqa wa Aṣṣadiq), “A amizade e o amigo”, cit., p. 229.

dias de hoje. Seu manuscrito, encadernado junto com outros documentos, foi descoberto na Tunísia, na década de 1960, por ^cAbduqādir Almahīrī, pesquisador e professor da Faculdade de Letras da Universidade da Tunísia. A fixação do texto árabe e sua tradução ao francês, acompanhadas de introdução também em francês, constituíram o doutorado do pesquisador, orientado pelo arabista Charles Pellat. Em 1973, alegando procedimentos pouco decorosos por parte de outros pesquisadores, Almahīrī publicou enfim a tese pela editora da Universidade da Tunísia, com a ressalva de que ele ainda continha problemas não resolvidos. Esse trabalho jamais foi republicado.³¹

O manuscrito encontra-se em bom estado de conservação, e, apesar de não haver sido possível determinar-lhe uma data exata devido à falta de indícios externos ou internos, deve ser recente, nele abundando erros de grafia, cópia e transmissão que evidenciam insipiência do copista. A trama, conforme nota Almahīrī, é relativamente simples, em especial

31 As queixas de Almahīrī tinham como destinatário outro pesquisador tunisiano, Almunjī Alka**ˀ**bī, que em 1980 fez às próprias expensas uma edição do *Livro do Tigre e do Raposo* (à qual, contudo, foi impossível ter acesso para a presente tradução). A polêmica entre os dois pesquisadores foi acerba, com acusações éticas e intelectuais.

quando comparada com a de obras similares, como *Kahla e Dimna* e *O Leão e o Chacal Mergulhador*.³²

Em nota à sua excelente edição crítica da já mencionada obra *O catálogo*, de Annadīm, o pesquisador egípcio Ayman Fu'ād Sayyid, do Instituto Francês de Arqueologia do Cairo, afirma, sem aduzir provas, que “há dúvida quanto à legitimidade da atribuição deste texto a Sahl Bin Hārūn”. Recentemente, contudo, essas dúvidas puderam ser relativizadas pela publicação integral de uma enorme compilação do século 12 intitulada التذكرة الحمدونية (*Attadkira Alḥamdūniyya*), traduzível como “As apostilas [ou: As lembranças] de Ibn Ḥamdūn”, letrado bagdali morto por volta de 1166. Nela, são citados vários trechos constantes deste *Livro do tigre e do raposo*, todos devidamente atribuídos a Sahl Bin Hārūn,³³ e cujo padrão obedece ao das citações, inúmeras e espalhadas por muitas compilações árabes antigas, do celebre fabulário *Kahla e Dimna*: citam-se as máximas e sentenças, os ditos sapienciais, a teoria, enfim, mas nunca a fábula ou a trama, isto é, a circunstância ficcional da enunciação. Contudo,

32 Ambas as traduções já foram publicadas por este tradutor, a primeira em 2005 (São Paulo, Martins Fontes) e a segunda em 2009 (São Paulo, Globo).

33 Os trechos, treze ao todo, estão assinalados nos locais correspondentes desta tradução.

há uma divergência: enquanto os trechos de *Kalīla e Dimna* aparecem citados como “Disse Ibn Almuqaffa”, ou “E [consta] no livro de Kalīla”, ou “E [consta] no livro da Índia”, ou mesmo “Disse Buzurjmīhr”, as citações de Sahl Bin Hārūn são atribuídas a ele, e não à obra. Seria esse um indício de que seus ditos foram recolhidos e inseridos num quadro ficcional por algum terceiro que depois lhe atribuiu a obra? Seria plausível não fosse o fato de o próprio *O catálogo*, fonte em geral confiável, elencar o título entre as obras desse autor.

A tradução

O primeiro dilema está justamente no título: a palavra árabe نمر (*namir*) pode indicar várias espécies de felino selvagem: tigre, guepardo, pantera etc. Modernamente, a primeira é mais comum. Numa passagem de sua imensa enciclopédia كتاب الحيوان (*Kitāb Alḥayawān*), *Livro dos animais*, que ao contrário do que o título sugere não é apenas nem sequer precipuamente um manual de zoologia, Aljāhīz cita, para desmenti-la, uma alegação corrente de que a girafa seria fruto da união da fêmea do animal designado como *namir* com o camelo, afirmando que o contrário (isto é, que a girafa seria fruto da união do *namir* macho com a camela) consistiria numa “ilusão

mais aceitável”.³⁴ Para o presente trabalho importa que, do ponto de vista da visibilidade, não há motivo para descartar que *namir* possa também ser traduzido como “tigre”, opção aqui adotada, ao contrário de Almahīrī e de arabistas franceses como André Miquel, que preferem traduzir a palavra como “pantera”.

Quanto ao متن (*matn*), ou texto propriamente dito, é interessante citar as observações de Almahīrī:

“A frase de nosso autor não tem as mesmas características em toda a obra, variando em função do assunto tratado: na narrativa, a estrutura é simples, normal a ordem dos termos e corrente o vocabulário. Encontramos aqui a mesma simplicidade que caracteriza a língua de Ibn Almuqaffac em quase todos os relatos de Kalīla e Dimna. Contudo, para além das passagens narrativas que, na realidade, ocupam um espaço reduzido na fábula, a frase torna-se mais complexa, mais trabalhada, mais longa, carregada de numerosos incidentes e adquirindo amiúde a amplitude de um verdadeiro período. Assim, nas passagens onde o raposo responde

34 Aljāhīz, كتاب الحيوان (*Kitāb Alḥayawān*), Livro dos Animais. Edição crítica de ʿAbdussalām Muḥammad Hārūn, Cairo, 1968, v. 7, p. 231.

aos três ministros, as frases são complexas e se articulam de tal modo que refletem, por assim dizer, os temas intelectualizados que veiculam”.³⁵

Enfim, a tradução buscou, talvez em vão, estar à altura da agudez do original, de sua riqueza vocabular e modulação frasal. Como de hábito, as notas procuram dar conta de aspectos históricos, linguísticos e literários, bem como compartilhar com o leitor algumas dificuldades e perplexidades enfrentadas durante o processo de tradução, umas advindas da mera ignorância do tradutor e de seu tempo, e outras, das obscuridades que empapam o original. Outro aspecto importante do qual as notas procuram dar conta é o relativo aos provérbios citados ao longo do texto, muitos dos quais recolhidos em compilações árabes antigas, sobretudo da bem conhecida *مجمع الأمثال* (*Majmac Alamtāl*), “Confluência de Provérbios”, de Aḥmad Almīdānī (m. 1124), conforme apontou Almahīrī nas notas à sua edição. Assim, as explicações traduzidas nas notas são as constantes dessa compilação, salvo indicação expressa em contrário. Optou-se por imprimir tais provérbios em itálico no corpo do texto e transcrevê-los em

35 °Abdulqādir Almahīrī, “Le Kitāb An-Namir wa-t-ta‘lab”, in ____ (ed., int. e notas), *كتاب النمر والعلب* (*Kitāb Annamir wa Atta‘lab*), *Livro do Tigre e do Raposo*, Túnis, 1973, pp. 28-29.

árabe nas notas, juntamente com a tradução da circunstância de sua enunciação conforme relatada por Almīdānī.

A transcrição

O critério é o mesmo que o tradutor vem adotando há tempos:

1) As vogais longas و ا ي se transcreveram ā, ū, ī. Podem pronunciar-se como se fossem vogais tônicas;

2) A gutural laríngea ء (*hamza*) se transcreveu com um apóstrofo fechado ('). Não foi marcada quando em início de palavra;

3) A ى, “a breve” final (*alif maqṣūra*), se transcreveu à;

4) Os chamados “sons enfáticos” do árabe, ظ ط ض ص , se transcreveram ṣ, ḍ, ṭ, ḏ. Sua pronúncia é semelhante a s, d, t, z, porém com maior ênfase;

5) A faríngea aspirada ح se transcreveu ħ. Não há equivalente para esse som em português;

6) A velar surda خ se transcreveu ḫ. Seu som é semelhante ao do *j* espanhol ou do *ch* alemão (após *a, o, u*) ou do *kh* em transcrição de palavras russas como *Bakhtin* ou *Bukharin*;

7) A velar sonora غ se transcreveu ġ. Seu som é semelhante ao do *r* parisiense em “Paris”;

8) A interdental surda ث se transcreveu ṯ. Seu som é semelhante ao do *th* na pronúncia inglesa em *think*;

9) A interdental sonora ð se transcreveu d . Seu som é semelhante ao do th na pronúncia inglesa em *the*;

10) A faríngea sonora ع se transcreveu c . Não tem som semelhante em nenhuma língua ocidental;

11) A laríngea surda ه se transcreveu h , e se pronuncia sempre como o h do inglês *home*;

12) A uvular surda ق se transcreveu q . Seu som é semelhante ao do k , porém com maior explosão;

13) A palatal surda ش se transcreveu \check{s} . Seu som é equivalente ao do x ou ch do português, como nas palavras *xarope* e *chapéu*;

14) A palatal sonora ج se transcreveu j , e seu som é equivalente ao do português;

15) O s se pronuncia sempre como em *sapo* e *massa*, independentemente de sua posição na palavra;

16) O artigo definido invariável do árabe, ال (*al*), foi grafado junto à palavra por ele determinada, sem separação por hífen; e, quando essa palavra determinada pelo artigo começa com um fonema que assimila o l , optou-se pela sua supressão, como em *assayf* (em lugar de *alsayf*);

17) Para os nomes de cidades, utilizou-se a forma convencional em português quando esta existe; do contrário, adotou-se a transcrição fonética;

18) Desde que não contivessem Abū, “pai [de]”, ou Ibn (ou sua forma reduzida Bin), “filho [de]”, os nomes próprios que formam sintagma de regência mediado pelo artigo definido ال (al) se transcreveram aglutinados, supondo-se sempre o caso nominativo para o primeiro elemento desse sintagma. Assim, por exemplo, grafou-se °Abdullāh, “servo de Deus”, em lugar de °Abd Allāh; e °Abdulmalik, “servo do rei”, em lugar °Abd Almalik, etc.

O tradutor agradece o interesse, a generosa leitura e as excelentes sugestões de Carolina de Pontes Rubira, Daniel Abrão e Milena de Mello Cassucci, bem como a gentileza do professor Mahmoud Tarchouna, da Universidade Tunisiana, pelo envio do exemplar da edição de Almahīrī, e, ainda, a Vanessa Sayuri Sawada, uma genuína arabista das artes gráficas.

والله ولي التوفيق

Mamede Mustafa Jarouche

LIVRO DO TIGRE E DO RAPOSO

de Sahl Bin Hārūn,
escriba de Zubayda,
esposa do califa Hārūn Arrašīd³⁶

Em nome de Deus, misericordioso, misericordizador,
E que sejam as preces divinas sobre o nosso senhor
Muḥammad e sobre os seus parentes e companhei-
ros, amém.

Disse o escriba Sahl Bin Hārūn, que dele Deus tenha
misericórdia:

36 Sobre o califa já se falou na introdução; quanto a Zubayda bint Jaʿfar, sua esposa favorita e prima paterna, ela morreu em 831 d.C. Segundo os registros históricos, a par do seu apego a joias e brilhantes, exerceu uma espécie de mecenato, protegendo e estimulando letrados e poetas, além de contribuir com a construção de mesquitas. Mãe do califa Alamīn, sucessor imediato de Hārūn Arrašīd.

Louvores a Deus, que inculcou em seus adoradores a capacidade de reconhecê-lo; e fez as línguas se esfalfarem para lhe descrever o poder; e vedou às criaturas o conhecimento da sua essência; e da luz criou os anjos; e constituiu os humanos no momento que bem quis; e arquitetou as constelações; e fez girarem os astros; e criou a noite e o dia. Magnificado seja aquele que se manifesta no poder de seu próprio reino, e que é o rei governante de sua criação! Exalçado seja o vivente perpétuo que não morre! Louvado seja o dominador santificado do qual não conseguem esconder-se nem mesmo as suas mais ínfimas criaturas, seja na noite escura, seja no céu estrelado, seja na terra repleta de desfiladeiros, seja no mar encapelado, seja na escuridão mais negra! Ele conhece o que é oculto, bem como o que está por cima ou por baixo do oculto.

Declaro que não há divindade senão Deus, único e sem associado, a quem não confundem as vozes das diferentes línguas, ele que é o sabedor dos mistérios mais recônditos, e declaro que o nosso senhor Muḥammad é o seu servo e enviado, luz com a qual iluminou as trevas e complementou as totalidades, por seu intermédio clarificando os sinais, encaminhando as mensagens, selando as profecias e inaugurando as boas obras, pois o enviou como profeta que conduz à senda reta e apóstolo que em seu nome exorta, e para ele aponta,

tendo uma prova diante de si.³⁷ Sejam as bênçãos e os cumprimentos de Deus sobre ele, seus parentes e companheiros.

*Indo ao assunto*³⁸ — apoie-te Deus por meio do êxito, e proteja-te por meio da correção —, eu considerei de bom alvitre compor para ti um livro sobre decoro, retórica, epistolografia, guerras, artimanhas e provérbios,³⁹ bem como sobre o sábio e o néscio, embebendo-o com algumas exortações e preceitos sapienciais de variada espécie; nessa linha, compus um livro conciso, abrangente e satisfatório, tornando-o referência para o sábio letrado e o ajuizado sagaz, com base no que me foi possível decorar e elaborar de modo encadeado, e a Deus pedimos auxílio, apoio, êxito e acerto. Não há poderio e força senão em Deus altíssimo e magnífico.

Conta-se que um raposo chamado Marzūq, cuja alcunha era Abū Aṣṣabāḥ, foi residir num vale onde não tinha vizinho algum, e ali viveu largo tempo em boa situação,

37 Isto é, o Alcorão, livro sagrado dos muçulmanos, para os quais constitui a maior evidência da sacralidade da missão maoméica.

38 Tentativa de tradução de *أما بعد* (*amma baʿd*), fórmula usualmente utilizada nos discursos para entrar diretamente no assunto precípuo; como não apresenta equivalente em português, parecendo aliás algo desajeitada, quando ocorrer será marcada com itálico.

39 De “decoro” a “provérbios”, eis os termos e suas respectivas traduções: *أدب* (*adab*), “decoro”; *بلاغة* (*balāga*); *ترسل* (*tarassul*); *حروب* (*ḥurūb*); *حيل* (*ḥiyal*); *أمثال* (*amṭāl*).

numa toca segura, despreocupado. Deu-se então que foi visitá-lo um amigo raposo chamado Ṭāriq, e alcunhado de Abū Almuğallis,⁴⁰ a quem ele recebeu muito bem como hóspede e tratou com deferência. Ṭāriq lhe disse:

— Ó Abū Aṣṣabāḥ, a tua situação é toda bela e as tuas ações todas provêm do arrojo e da boa *administração*,⁴¹ mas eu vejo que escavaste tua toca num local ruim, e ela é *a casa que mais merece ser abandonada*.^I

Disse-lhe Marzūq:

— Ó Abū Almuğallis, e o que, na toca, te faz desaprová-la e criticá-la para mim? Tu estás entre aqueles de cujo intelecto e conselho para os amigos não se suspeita: *teus nós não são fáceis de desatar*;^{II} *estou pela veia do teu braço*;^{III} *o crente é espelho*

40 Era também essa a alcunha de ʿAntara Bin Šaddād (m. c. 615 d.C.), um dos mais célebres poetas pré-islâmicos, responsável por uma das *معلقات* (*muʿallaqāt*), “poesias suspensas”, cuja vida aventurosa seria mais tarde tema de uma espécie de novela de cavalaria até hoje muito popular entre os árabes, e que mais de um crítico considera ter relações com a lenda de El Cid Campeador. *Muğallis* significa “aquele que viaja ou age à noite”. Ṭāriq quer dizer “estrela vésper”, *Marzūq*, “afortunado”, e *Abū Aṣṣabāḥ*, “pai do amanhecer”.

41 “Administração” traduz *تدبير* (*tadbīr*), termo problemático discutido com algum detalhe em obra anteriormente traduzida (*O leão e o chacal mergulhador*. São Paulo, 2009, pp. 227-228). Em razão dessa dificuldade, quase uma inadequação, sempre que se utilizar o termo ou um de seus cognatos, ele será marcado com itálico.

do seu irmão.^{IV} [O califa] °Umar Ibn °Abdul°azīz,⁴² que Deus dele tenha misericórdia, já dissera: Deus tenha misericórdia de quem nos aponta os nossos defeitos.

Respondeu-lhe Ṭāriq:

— Teu irmão é quem te diz a verdade, e *quem tem muito afeto sempre se aferra em pensar o pior.*^V Por estares, conforme vês, num vale imenso onde existem vestígios de inundação, considero impossível saberes o que ocorrerá. Não estou seguro de que alguma inundação não te invada a casa à noite, sem que lhe possas resistir, pois a inundação é *um dos dois imponderáveis*,^{VI} arruinando até mesmo locais elevados. Eu te conclamo em Deus, por ti e por tua família, que te mudes deste lugar e escolhas outro.

Marzūq respondeu:

— Tu és alguém de cujo parecer e conselho não suspeito. Falarei com minha esposa sobre a mudança.

E, indo até a mulher, disse-lhe:

— Ó fulana, o terrível erro de nos termos estabelecido neste vale nos levaria à morte não fora Deus permitir que o nosso amigo Abū Almuğallis nos alertasse e nos pusesse em

42 Foi o sétimo califa da dinastia omíada. Viveu entre 681-720 d.C., e governou a partir de 717. Trata-se do único líder dessa dinastia que constitui unanimidade entre os historiadores, em função, dizem, da sua intensa piedade e apego à fé.

guarda contra uma inundação da qual estamos próximos. Já se dizia: *Antecipação antes de arrependimento*.^{VII} Reúne, portanto, os teus pertences e muda-te.

Ela respondeu:

— Com um conselho desses, aquele lá não é teu amigo, mas sim alguém que, vendo a fartura da tua vida neste vale, a proximidade dos locais de caça e a lonjura de teus inimigos, passou a invejar-te. Vivemos aqui há anos e nunca vimos inundação alguma que nos aterrorizasse; ademais, nossa toca está afastada dos locais que usualmente as inundações atingem. Deixa-te desse parecer e não o leves em consideração.

Então Marzūq foi até Ṭāriq e o informou da divergência da esposa e de suas objeções devido à prosperidade que gozavam e ao largo período em que ali tinham levado uma boa vida. Ṭāriq lhe disse:

— Ó Abū Aṣṣabāh, se acaso não compreendes o sentido do conselho, então já não temos responsabilidade contigo. Dizia-se: *Resolução é firmeza, e indecisão, fraqueza*.^{VIII} Mulheres não têm bons pareceres. Que a tua mulher, com a teimosia dela, não te conduza a algo no qual estará o teu aniquilamento. Convence-te disso por meio do que diz, em poesia, Ṭufayl Alḡanawī:⁴³

43 Poeta pré-islâmico morto por volta de 610 d.C., em cuja poesia destaca-se a viva descrição dos cavalos.

*“Mulheres são como plantas que vivem juntas:
algumas são amargas, e destas, algumas comestíveis.
Quando as mulheres proibem alguém de fazer algo,
aí sim é que será obrigatório e imperioso fazê-lo”.*

Em seguida, Ṭāriq se retirou. Marzūq continuou a morar no local, e foi nessa situação que, avistando a inundação a se avizinhar, disse à esposa:

— *Ataca o problema tão-logo principie,*^{IX} pois já conheces o que disse Alquṭāmī⁴⁴ em sua poesia:

*“O melhor é te antecipares aos fatos,
e não, servil, te deixares levar por eles”.*

Certo sábio disse: *A pior das opiniões é a posterior ao fato consumado.*^X

E o raposo prosseguiu citando:

— *A flecha se empluma antes de ser disparada.*^{XI} A salvação é agora, porque depois dizer ‘quem dera fosse a hora da salvação’⁴⁵ não resolverá.

44 Alcinha de ‘Umayr Bin Šuwayim (m. 710 d.C.), poeta do período omíada cujos versos descrevem suas aventuras e participações nas dissensões entre as tribos de Taglul e Qays ‘Aylān.

45 Alcorão, 38, 3.

Respondeu-lhe a esposa:

— *Nem toda montaria de sobrançelha peluda é assustadiça.*^{XII}

Inundações assim já aconteceram seguidas vezes num só ano, e se acabaram antes de chegar até nós. Portanto, não nos faças sair desta nossa terra, pois nela estamos satisfeitos.

Estavam ambos nesse ponto da discussão quando a inundação os atingiu. O raposo saiu da toca para fugir, mas, tragado pela torrente, apenas conseguiu salvar-se num pedaço de madeira que ela arrastara, mantendo-se agarrado a ele até ser atirado ao mar, à vista do qual disse de si para si:

— *Detém-te, pois somente podes contar contigo mesmo.*^{XIII}

E redarguiu para si próprio:

— *E como proteger o dorso da tua montaria?*⁴⁶

Em seguida, citou como paradigma os versos do poeta Umayya Ibn Abī Aṣṣalt⁴⁷ quando disse:

*“Quem foge da morte certamente
a encontrará num descuido qualquer;*

46 Trecho de poesia atribuída a Almutalammis, alcunha de Jarīr Ibn ʿAbdilmasiḥ, poeta pré-islâmico de provável origem cristã morto por volta de 569 d.C., da região que atualmente corresponde ao estado de Bahrein, nordeste da Península Arábica.

47 Poeta pré-islâmico morto por volta de 630 d.C., foi um dos líderes de sua tribo, Ṭaqīf. De acordo com alguns relatos, teria se pronunciado contra a adoração de ídolos e praticado o ascetismo.

*por mais que deseje viver, a alma, mesmo
a de vida longa, pela morte será alcançada:
seu condutor a conduzirá para a morte,
e, célere, seu guia para ela a empurrará:
quem não morre em dias ditosos morre de velho,
pois a morte é uma taça da qual o homem provará”.*

As ondas não cessaram de cair sobre ele até que o lançaram em certa ilha do oceano e, mal suas patas tocaram o solo, o raposo disse:

— *Quem não passou não morreu.*^{XIV}

Em seguida, citou como paradigma os seguintes versos do poeta Ala^cṣā:⁴⁸

*“Juventude, cãs, privação e riqueza:
por Deus, como é volúvel o destino!”.*

Passou aquele dia inteiro sem ouvir som algum nem avistar vivente nenhum, o que o afligiu, fazendo-o pensar

48 Ala^cṣā significa “aquele que não enxerga bem à noite”, e foi alcunha de mais de vinte poetas pré-islâmicos. No presente caso, trata-se de Maymūn Bin Qays, morto em 629 d.C., cujos versos plenos de musicalidade lhe valeram também o epíteto de صانعة العرب (*ṣannājat al^carab*), “cimbaleiro dos árabes”.

que estaria morto até o amanhecer. E foi em meio a essa hesitação que topou com um lobo a quem cumprimentou, indagando-lhe nome e alcunha. O lobo respondeu:

— Meu nome é Mukābir e minha alcunha, Abū Alfirā'.⁴⁹

O que te fez parar aqui, raposo, nesta ilha onde não tens o que comer?

Então o raposo lhe contou a sua história e depois perguntou:

— Como então me desanimas, Abū Alfirā', de obter alimento neste local?

O lobo respondeu:

— Aqui não há senão gazelas e vacas selvagens.

Perguntou o raposo:

— E o que vos impede de caçá-las para que eu desfrute uma parte dessa fartura?

Respondeu o lobo:

— Aqui constituímos um grupo no qual ninguém se atreve a ultrapassar nem sequer um palmo de seus limites. A fraqueza e o dano a que nos submetemos nenhuma criatura suportaria.

O raposo perguntou:

49 *Mukābir* significa "arrogante" ou "contumaz", e *Abū Alfirā'*, "pai dos onagros".

— E o que acontece?

O lobo respondeu:

— Vive aqui um tigre chamado Almuzaffar Bin Manşūr,⁵⁰ que se impôs como rei desta ilha. Sua crueldade, avaréza e mesquinharia são na medida que já conheces das características dos tigres. Mesmo ao te falar agora não me sinto seguro, e temo que ele surja e nos flagre.

Separaram-se então, combinando encontrarem-se num local recôndito no dia seguinte. O raposo saiu triste e preocupado devido ao que já presumia quanto à hostilidade dos tigres e à inexistência de alimento. Pensou e disse para si mesmo:

— O mérito do intelecto de alguém só se conhece nas adversidades e calamidades; na abundância o néscio quase se equipara ao sábio, e o idiota, ao inteligente, e isso porque, nesses casos, o auxílio que o mundo fornece ao néscio esconde a sua inferioridade relativamente à superioridade do inteligente e encobre a distinção entre ele e o perspicaz. Alguém como eu não tem forças para caçar gazelas e vacas selvagens, mas cada um caça conforme a sua capacidade, e neste caso não resta senão achar alguma artimanha.

50 Nome que significa “o triunfante, filho do vitorioso”.

Quando amanheceu, o raposo se dirigiu ao local que combinara com o lobo, e ali se encontraram, longe da vigi-
lância do tigre. O raposo disse:

— Ó Abū Alfirā', não me bastasse já estar aflito com a
minha situação, a confiança e revelação que fizeste sobre
a tua má situação só fez aumentar-me a aflição. Contudo,
tenho aqui um plano que, se acaso me ajudares sinceramente
a executá-lo, talvez acarrete algum bem.

Perguntou o lobo:

— E qual é o plano?

Respondeu o raposo:

— Vai até o tigre e pede-lhe que te encarregue do gover-
no de alguma província que possa trazer-te algum proveito,
carreie boa memória e granjeie louvor.

Perguntou o lobo:

— Acaso não prestaste atenção ao que te informei sobre
a sua avareza e crueldade de caráter? O tigre é como se diz:
ele e o nada se equivalem.^{xv}

Disse o raposo:

— Informa-lhe de que nada caçarás que não lhe reme-
tas uma parte, pois ainda assim no resto disso encontrarás
proveito e benefício. Caso ele aceite, não ficarás sem minha
boa ajuda nem meu bom auxílio no que for necessário. Sê
como disse o poeta:

*“Nada se encontra com procura ligeira;
deves, isto sim, lançar teu balde ao poço:
às vezes te virá cheio, mas em outras
te virá com lodo e bem pouca água”⁵¹*

Disse o lobo:

— Ó Abū Aṣṣabāḥ, já se dizia: evita a companhia do cobiçoso traiçoeiro, pois, se acaso ele te vir com poder, ver-te-á em tuas situações mais aleivasas, e se acaso te vir na abundância, não te deixará em paz com a tua abundância.⁵²

Disse o raposo:

— Ó Abū Alfirā’, *para satisfazer-se não é necessário abocanhar tudo*:^{xvi} quem não vive obscuro nem desprestigiado e faz o bem a si mesmo e aos amigos terá vida longa, ainda que curta seja a sua vida, e quem vive em apuros e não faz

51 Versos atribuídos, em antigas compilações como o *Livro das canções*, de Abū Alfaraj Alaṣbahānī (m. 967 d.C.), a Abū Alaswad Addu’alī (605-688 d.C.), poeta e gramático da tribo de Dayl que, nas primeiras refregas intestinas do islã triunfante, apoiou ‘Alī, o quarto califa, contra o então rebelado Mu‘āwiya Ibn Abī Sufyān, mais tarde iniciador do califado omíada.

52 “Situações mais aleivasas” traduz أخيث حالانك (*aḥḥaṭ ḥālātika*), ao passo que “abundância” traduz فضول (*fuḍūl*), também entendível como “sobras”, o que poderia levar a traduzir como “vivendo de favores”, hipótese afastada porque um cobiçoso traiçoeiro não se interessaria, em princípio, por alguém que vive de favores.

o bem nem a si mesmo terá vida curta, ainda que longa a seja sua vida.⁵³

Disse o lobo:

— Já se dizia que três são as coisas às quais não se atreve senão o imbecil e das quais não escapam senão poucos: fazer companhia ao soberano, confiar segredos às mulheres e ingerir veneno para experimentar.⁵⁴

Disse o raposo:

– *Pode-se encher a boca mordendo pelas beiradas,^{XVII} e só monta o indócil quem não tem montaria dócil.^{XVIII}* Não persevera às portas do soberano nem dele alcança o que pretende senão quem abre mão do orgulho, suporta o prejuízo, reprime a irritação e trata as pessoas com delicadeza.⁵⁵

Disse o lobo:

— Já se dizia: não te ufanes de soberano sem justiça, nem de riqueza sem licitude, nem de retórica sem veracidade, nem de prodigalidade sem correção, nem de boa obra sem piedade.

53 “Quem não vive [...] vida”: discurso muito assemelhado ao do ambicioso chacal Dimna no fabulário *Kalila e Dimna*, traduzido ao árabe em meados do século 8 d.C. (cf. *Kalila e Dimna*, São Paulo, 2005, p. 49).

54 Os exemplos do lobo são os mesmos que os do prudente chacal Kalila, cit., p. 51.

55 “Delicadeza” traduz *رفق (rifq)*, que também poderia ser “sutileza” ou “habilidade”.

Disse o raposo, citando o provérbio para exemplificar:

— O homem inteligente deve ser habilidoso com o tempo tal como o nadador é habilidoso com a água corrente: [para salvar a vida,] *basta que te pendures no navio.*^{XIX}

Disse o lobo:

— O motivo pelo qual o incapaz alcança o que necessita é o mesmo que se interpõe entre o capaz e aquilo que ele busca.

Disse o raposo:

— O dinheiro amplia víveres e pareceres [de quem o possui]. Não se obtêm amigos, filhos e colaboradores senão com dinheiro, e é só por meio dele que se manifesta o brio.⁵⁶ Quem não possui dinheiro ver-se-á impedido, devido a essa falta, de atingir o seu propósito, ficando aquém do que pretende.

Disse o lobo:

— O soberano pode incidir em algumas formas de embriaguez, tais como demonstrar apreço por quem merece desprezo, e desprezar quem merece apreço. É por isso que se disse: Corre risco quem se faz ao mar, mas risco maior corre quem se acerca dos soberanos.

Disse o raposo:

56 “Brio” traduz *مروءة* (*murū'a*), conjunto de qualidades ideais entre os árabes.

— Quem não arrosta os terrores por causa de suas dificuldades não alcança os seus anelos. E quem deixa de lado aquilo que possivelmente o fará atingir seu objetivo, por medo daquilo que possivelmente sofrerá, não alcançará grande coisa, e já se dizia que três obras ninguém consegue realizar senão mercê de elevada pretensão e grandioso desígnio: cooperação com reis, comércio marítimo e enfrentamento de inimigos.

Admirado com tais palavras, o lobo foi até o tigre, e, com uma submissão até então desconhecida, louvou-o, sentou-se diante dele e tomou a iniciativa de lhe dirigir a palavra dizendo:

— Com base no bom aconselhamento e na lealdade de que sou dotado, ó rei, analisei quem se encontra às tuas portas e constatei que ali faltam auxiliares adequados e servidores confiáveis; vendo o rei muito ocupado, cheio de encargos, sobrecarregado de fadigas, repleto de preocupações e, embora pródigo em conceder dádivas, desprovido, em meio a seus súditos, de quem o auxilie em suas fadigas e o livre de preocupações em seu trabalho, encarreguei minha alma daquilo que me considero capaz de desempenhar melhor: boa condução política, boa gestão da província de cujo governo eu for encarregado e, em consequência, entrega, ao rei, dos benefícios daí provenientes.

Tendo se agradado de suas palavras, o tigre, ambicionando o cumprimento da promessa, disse ao lobo:

— Foste veraz e sincero, e eu vou te atender e nomear. Vê como se dará a tua manutenção, suficiência, necessidade e satisfação, com base naquilo que tu próprio estabeleceste como condição.⁵⁷ Redige, ó escriba,⁵⁸ a nomeação do lobo para as Fontes das Gazelas, e encarrega-o de todos os distritos daquela região.

Então o lobo saiu e se encaminhou para o seu trabalho levando consigo o raposo, a quem nomeou vizir-escriba. Quando chegou à região designada, emboscou-se nas proximidades das fontes, enquanto o raposo ficava como vigia. Começaram então a caçar, diariamente, o que necessitavam, até que sua situação se tornou confortável, seus pelos se amaciaram, suas cores se suavizaram e a gordura se avolumou sob suas peles; então, o lobo traiu seu compromisso e quebrou sua promessa, até que o tigre, considerando aquilo inaceitável, ordenou que lhe fosse escrita a seguinte carta:

57 “Vê como [...] condição” traduz فانظر كيف يكون ضبطك وكفايتك وغناؤك ووفاءك , بما شرطت على نفسك , *fa-nzur kayfa yakūn dabṭuka wa kifāyatuka wa ḡanā’uka wa wafā’uka bi-mā šaraṭta ‘alà nafsika*.

58 “Ó escriba” traduz يا غلام (*yā ḡulām*), literalmente, “ó criado”, “ó garoto” etc.

“Em nome de Deus, misericordioso, misericordiadador, e que as preces e as saudações de Deus sejam sobre nosso senhor Muḥammad e os seus.

Indo ao assunto: Se o homem cuidasse da vestimenta de suas benesses não seria atingido pela nudez da miséria — apegando-se aos fios que a sustêm por já haver sofrido com o seu rompimento —, e se suportasse a dureza de manter a dignidade não sofreria a humilhação da infâmia. Tu deverias estar mais imbuído disso que a maioria dos teus contemporâneos em função das várias lições que o destino te ministrou, e aos esclarecimentos que te fez sobre as suas vicissitudes,⁵⁹ e aos seus ensinamentos sobre a maneira como alterna venturas e desventuras. Tu, porém, após engordares e adquirires rotunda pança, sentaste na displicência e cavalgaste a petulância; o demônio crocitou em teus ouvidos, seduzindo-te, e tu lhe anuíste com a cabeça e lhe obedeceste com a testa. Assim é que marchas em meio à tua ignorância e te arremessas à perdição, supondo que teus misteres não se denunciarão e que teus planos não serão examinados, embora estejas a par das condições que tu mesmo definiste, e pelas quais comprometeste tua palavra e consciência. Por isso, eu juro que, se acaso não retirares o laço da dúvida

59 “Vicissitudes” traduz سبيل (*subul*), “caminhos” ou “meios”.

de teu pescoço, não voltares atrás em tua desobediência e não te admoestares a ti mesmo com as máximas sapienciais correntes e as admoestações já conhecidas, colocar-te-emos numa posição em que poderás contemplar teu erro e então retomar a boa conduta, corrigir teus tropeções e apagar os maus vestígios de tuas passadas; [caso contrário,] tanto te pisoteari que ensanguentado ficarás. ‘Aqueles que praticaram a injustiça saberão aonde irão parar’⁶⁰.

Quando a carta lhe chegou, o lobo ordenou ao raposo que a lesse para ele, e então a considerou terrível e perigosa; invadido por intenso pavor, perguntou:

— Qual é a tua opinião a respeito, ó Abū Aṣṣabāḥ? O que supões tenha levado o rei a tanto?

Respondeu o raposo:

— O rei te considerou lento naquilo para cuja execução te nomeou, pois atrasaste o combinado e desmentiste a tua sorte. Com esta carta, ele te incita, e se acaso não emendares essa tua desatenção e corrigires esse tropeção, desgraças prorromperão e o caso ficará bem drástico. *Açúcar em leite azedo acalma a cólera.*^{XX}

Disse o lobo:

60 O trecho entre aspas simples é do Alcorão, 26, 227. E, antes, “ensanguentado” traduziu *رثيم* (*raṭīm*).

— Acaso me vês dedicando-me por inteiro e sinceramente a um assunto em função do qual me afastei de minha terra natal, esfalfei o meu corpo e vendi a minha própria fé, para ao cabo, quando ele enfim rende os seus frutos e logra a sua finalidade, entregar a nata preferencialmente a outro, após seu peso ter-me vergado as espáduas? Em absoluto! Escreve a resposta à carta dele e sê eloquente⁶¹ nos termos.

Disse o raposo:

— *Quem se casa com a bela é que lhe paga o dote.*^{XXI} O simples fato de caligrafar as palavras não evita o tropeção das pernas, e a sinceridade deixa no coração vestígios que as tempestades provocadas pelas ventanias do aldrabão⁶² não apagam. Quanto às recriminações que o rei te faz, se acaso supões suficiente, para conseguires a aceitação de tuas desculpas e seres absolvido, que eu te dê boa forma a um discurso cuja exposição faria alguém inteligente considerá-lo excelente e admirar-lhe o arranjo, então em ti está se avolumando a

61 “Sê eloquente” traduz بالِع (bāliġ), que poderia ser também traduzido como “exagera”, mas o andamento da narrativa mostra que tal opção seria inadequada.

62 “Aldrabão” — antigo arabismo português que significa “charlatão”, “impostor” — traduz كذوب (kaḍūb), que é a palavra constante de التذكرة الحمدونية (Attaḍkira Alḥamdūniyya); o original traz كروب (kurūb), “aflição”, o que não faz muito sentido.

estupidez, e te equivocas naquilo em que nenhuma outra criatura⁶³ se equivocaria.

Disse-lhe o lobo:

— Escreve e não me contestes.

Então o raposo escreveu uma carta cuja cópia é a seguinte:

“Em nome de Deus, misericordioso, misericordioso, sejam as preces e as saudações de Deus sobre o nosso senhor Muḥammad, o nobre profeta, e os seus.

Indo ao assunto: chegou a mim a carta do rei, com suas recriminações e ameaças, e eu a compreendi. Quanto ao que o rei menciona sobre os apuros da vida dos quais me esqueci, e a vestimenta do prejuízo que vesti, e ao triunfo contra um destino que me maltratava e cujas presas me feriam até o rei me salvar do peso da ruína e me resgatar do precipício da aniquilação, bem como sobre o meu vislumbre das várias faces do prejuízo, e que me fizeram merecedor de bem ver a boa senda e trilhar o caminho exemplar, afirmo que os dias não têm mostrado, por louvor e graça de Deus, que eu seja

63 Tentando manter a coerência do discurso, “criatura” traduz إنسان (*insān*), literalmente, “ser humano”, muito embora se deva ressaltar que em árabe essa mescla entre humanos e irracionais não é desusada, conforme se verifica em *Kalila e Dimna* e *O leão e o chacal mergulhador*.

algun pobre covarde, nem um vil aterrorizado, mas sim que sou tal como disse o poeta:

‘Com mais de cinquenta, em plena força,
endurecido pela experiência das coisas’.⁶⁴

Contudo, à mão do rei devo favores,⁶⁵ e a ela sou grato: não a empurro nem maldigo, pois sua folhagem⁶⁶ me protege o coração, sua sombra sobre mim está estendida, fértil e verdejante, e eu a rego com a água da gratidão e a revigoro com a bela lembrança de suas dádivas, sem que a desbaste o passar dos dias nem a queime a censura da pederneira; é de sua seiva que me nutro a todo instante enchendo cubas reforçadas. A que ponto chegou o rei com suas suspeitas, embora eu seja filho de suas benesses e sorvedor de sua abundância! Suas

64 Versos atribuídos a Suḥaym Bin Waṭīl Arriyāḥī (séculos 6-7 d.C.), poeta que viveu quarenta anos no período anterior ao islã e outros sessenta durante o islã.

65 “À mão do rei devo favores” traduz يد الملك عندي بيضاء (*yad almalik ‘indī bayḍā*), literalmente, “a mão do rei ante mim é branca”.

66 Neste ponto, a imagem desliza da metonímia da mão (do rei) para a metáfora da árvore. O movimento obedece a um princípio louvado na codificação retórica em árabe: a sutileza na transição de uma imagem a outra, cujo ápice pode ser situado no uso da palavra طلع (*ṭalʿ*), “espada de palmeira” (aqui traduzida como “folhagem”), evidente analogia com o dedo.

asas me abrigam, e sua indulgência me protege; seu castelo me cativa, e seu refúgio me salva. Porventura, o rei — que Deus com ele delicia a todos — não domina as benesses cuja árvore ele plantou, e cujos frutos ele fez surgirem com suas portentosas dádivas, enormes graças e grandes benesses? Porém, suas cominações e ameaças me tiraram o sono, sua investida me angustiou e sua incriminação me calcinou, conquanto eu saiba que sua condescendência para comigo me garante o seu perdão a este meu tropeço. Que o rei me liberte de sua cólera é o que espero de sua misericórdia. E se acaso isso ocorrer outra vez — Deus me livre disso! —, será um tropeço tal que nem o mais prevenido se safará, e uma aflição tal que os rogos do claudicante não encontrarão ajuda. Eis-me aqui diante do rei, derrubado por sua autoridade, libertado por seu perdão, pois ele é tal como disse o poeta:

‘Quando pune, castiga, e quando premia,
é bem generoso, pois pouco lhe importa.’⁶⁷

Adeus”.

67 Versos atribuídos ao já referido poeta Ala^cšà Maymūn.

Ao receber a carta, o tigre — feliz com a descrição que o lobo ali fazia de sua gratidão, com as desculpas que apresentava, com sua confissão de culpa e com o pedido de que lhe relevasse o tropeço — avaliou que tudo aquilo se devia ao seu bom arrependimento e ao reexame de seu juízo, e, com a alma na expectativa da chegada de seus presentes e tributos, pôs-se a aguardar e a indagar sobre os enviados do lobo, até que se passaram dias e meses sem que visse nada. Então, fortemente enraivecido com o lobo, ordenou que lhe fosse remetida, em tom pesado, uma carta de admoestação e censura, cuja cópia é a seguinte:

“Em nome de Deus, misericordioso,
misericordiadador,
e que as preces de Deus sejam sobre o nobre
profeta Muḥammad.

Indo ao assunto: Ó trapaceiro! É injusto quem do lobo faz pastor.^{xxii} Quando o prazo das benesses concedidas lhe é prolongado em demasia — com o tolerante fito de lhe proporcionar deleite com as coisas boas vida e o término das dificuldades —, o servo se encanta com as fontes da insolência e considera propício embarcar no navio da arrogância, fácilimo de manobrar rumo ao que lhe carregará a desgraça e

o guiará para o infortúnio: correrá na calada da noite escura à beira de uma encosta arruinada,⁶⁸ precipitando-se na aniquilação e *debatendo-se às cegas*,^{XXIII} esquecido de agradecer as benesses, negligente com a lembrança de suas obrigações; sua traiçoeira gratidão fê-lo esquecer a miséria de seu passado e o crepúsculo de seus tempos idos, pois não cumpre o exigido nem economiza esforços para satisfazer a fome⁶⁹ e esconder a indigência, mas sua condição é insuficiente para afastar a humilhação da pobreza, e ele não consegue livrar o cangote nem do laço nem do opróbrio da carência. Este não é senão tu ao seres ungido pelas benesses daquele a cujas graças és ingrato, e a quem não compensas pelos favores, ao contrário do que já fizeram gentes da tua igualha e semelhança. Não preferisse eu conhecer as justificativas — antes de agravar dificuldades ou procurar pretextos para abandonar a formalidade das explicações, convincentes ou não, cerrando o punho da punição antes de tratar do caso e vestindo as asas da misericórdia antes da punição —, evitaria escrever-te e informar-te de tudo, deixando que fosses aniquilado devido ao que as tuas mãos empalmaram, mas ‘Deus não é injusto

68 “À beira de uma encosta arruinada” é expressão corânica (9, 109).

69 “Apetite” traduz *مخضمة* (*maḥṣama* ou *muḥaṣṣama*), palavra não localizada em dicionário algum; seguiu-se a tradução francesa.

para com os seus servos'.⁷⁰ Aparta-te dessa paixão pela perdição e arroja a leviandade da tua opinião, pois continua aberta para ti a porta da penitência, cujo ventre está pronto para acolher o teu arrependimento, antes que desabe sobre ti a mão que te sobrecarregará de calamidades. E Deus não afasta senão quem foi injusto. Adeus”.

Quando a carta lhe chegou, o lobo considerou o que já se passara e o que se renovara e disse:

— Vem ouvir estas ameaças, ó Abū Aṣṣabāḥ! Mas às vezes há seca debaixo de nuvem carregada!^{XXIV}

Respondeu-lhe o raposo:

— Ó comandante! Ainda que o caráter dele seja irascível, conforme já sabemos, o tigre está coberto com as vestimentas da realeza, é chamado de rei e segue a conduta dos de sua condição: na satisfação, o rei é menino, e na cólera, ancião; sorrindo, ordena a morte; brincando, extermina povos inteiros; mistura o sério ao jocoso; na punição, ultrapassa o tamanho do delito; às vezes se mortifica com ninharias; outras, desdenha enormidades; as coisas que levam à morte ou [mantêm] a vida estão pendentes na ponta de sua língua; não conhece a dor da punição para conseguir perdoar, nem

70 Alcorão, 41, 46; na passagem anterior, a imagem e o vocabulário da aniquilação também parecem ter sido extraídos do Alcorão, 6, 70.

é repreendido por suas iniciativas para que as suspenda; erra e corrige, acerta e exagera;⁷¹ fascinado pela paixão, natureza grosseira que trespassa [o tamanho d]a punição;⁷² nem seu conhecimento do arrojo e da dedicação de algum dos membros de sua corte e tampouco a sua longa convivência com ele o impedem de matá-lo por um simples acesso de cólera, após o que não deixará de oferecer o posto desse membro a outrem, fazendo com que os homens o disputem, mas nem por isso o sucessor tomará como lição o que aconteceu com seu antecessor, e muito menos o rei se repreenderá pelo abuso que cometeu — ainda que isso não se evidencie em [ocasionais] acessos louváveis, cujo bem [eventual] não ilude os dotados de entendimento, que não o veem como compensação ao mal [que se sucederá], nem em sua doçura uma substituição ao seu amargor.⁷³ Sê, portanto, hábil no

71 Em نهاية الأرب في فنون الأدب (*Nihāyat Alarab fī Funūn Aladab*), “O Cúmulo da Sagacidade nas Artes do Decoro”, do letrado egípcio Annuwayrī (1278-1332), consta يفترض (*yaftariḍ*), “supõe” em lugar de يفطر (*yufrit*), “exagera”.

72 “Natureza [...] punição”: nesse ponto, preferiu-se a leitura constante de التذكرة الحمدونية (*Attadkira Alḥamdūniyya*), فظ الخليفة على اختراق العقوبة (*faẓẓ alḥalīqa ʿalà iḥtirāq alʿuqūba*), ao que consta no original (e na supracitada obra de Annuwayrī): فظ الخليفة أخرج العقوبة (*faẓẓ alḥalīqa aḥraq alʿuqūba*), “de natureza grosseira, torpe na punição”.

73 “Ainda que [...] amargor” traduz وإن لم يبن ذلك لخطرات محمودة لو حصلها ذو اللب لم ير في خيرها عوضاً من شرها ولا حلوها ما يقوم بمرها (*wa in lam yabin ḍālika*

trato e trilha o caminho da obediência ao rei, pois és o guardião daquilo que ele te encarregou. Não o trates por meio da arrogância, pois então ele irá lidar contigo por meio da violência e da imposição.

Disse o lobo:

— Já percebi que pretendes dar o melhor conselho, indicar o bom parecer e apontar a correção, mas eu sou homem de não humilhar meu nariz, e mais, não farei meia-volta. A cólera que esse rei demonstrou tornou-lhe corrupta a pretensão, para a qual agora já não há conserto.

Disse o raposo:

— Se acaso a cólera se dever a algum motivo, a pacificação existe, mas, se ela for sem motivo, inexistente a pacificação, pois, para quem a procura, a falsidade existe em qualquer situação.

Disse o lobo:

— Então será a morte, sem escapatória! E, para mim, morrer com dignidade é preferível a viver na humilhação. A cada coisa o seu destino.

Disse o raposo:

*li-ḥaṭarāt maḥmūda law ḥaṣalahā dū allubb lam yara fī ḥayriḥā
‘awḍan min šarriḥā wa lā ḥulwuhā mā yaqūm bi-murriḥā*],
trecho obscuro que o tradutor francês optou por descartar.

— Os destinos, conquanto se cumpram, não impedem o arrojado de evitar o que é temível e prevenir-se daquilo de que todos se previnem. Isso, porém, reúne a crença no destino à tomada de precauções.

Disse o lobo:

— Aquele que se desloca com ligeireza quase não consegue evitar o tombo; escreve sem delongas, pois, uma carta [cujos termos se situem] entre a suavidade e a rudeza.

Tendo compreendido que o lobo pretendia romper a obediência e planejava sublevar-se, o raposo percebeu que nele se instalara a fatuidade com o que obtivera; assim, escreveu uma carta cuja cópia é a seguinte:

“Em nome de Deus, misericordioso, misericordioso, e que as preces de Deus sejam sobre nosso senhor Muḥammad, o nobre profeta.

Indo ao assunto: A carta do rei — que Deus nos deleite por seu intermédio — chegou-me com o que ele preveniu e alertou, antepôs e pospôs, e eu a compreendi. O rei — que Deus o preserve — me encarregara dos assuntos desta temível região longínqua na ocasião em que o inimigo nela se disseminava, o acesso a ela se encontrava obstruído, seus habitantes divergiam e as paixões provocavam cisões; vendo a calamitosa proporção dessa fissura, reorganizei os fatores de submissão, descobri onde estavam as trevas da sedição

e, capaz enfim de engolir a saliva após o nó na garganta, reprimi os partidários da hostilidade e do ódio, restabeleci uma justiça cujos símbolos estavam abandonados e derrotei uma perdição cujos ilícitos caminhos se percorriam, buscando com isso insigne recompensa, nobre retorno e satisfação e dignificação do rei, mas meu esforço reverteu em nada, e do rei nada obtive de louvável; *alguém igual a mim não se amedronta com ressoadas de odre velho*,^{xxv} pois a minha envergadura pode se propagar ao longe; se acaso o rei completar sua obra ampliando as benesses, para ele estarei *entre o pau e sua casca*;^{xxvi} caso contrário, porém, verá que sou *tronco de se coçar*^{xxvii} — *quando arrancas a casca de uma ferida a fazes sangrar*^{xxviii} —, rubro espadachim, e adeus”.

Quando leu tal carta, o rei percebeu que o lobo se decidira pela desobediência e guerra contra si, e reuniu seus vizires, que eram três, consultando-os a respeito do assunto. O primeiro disse:

— Meu parecer é que o rei lhe envie uma carta sucinta buscando conhecer o que o lobo verdadeiramente pensa e fazê-lo revelar o que lhe vai pelo peito; assim, inteirado de suas pretensões, poderá derrotá-lo com um argumento em mãos.

O segundo vizir disse:

— Meu parecer é que o rei o evite, desconsidere-lhe o tropeço e renuncie ao que ele já empalmou, pois, se acaso

começar as hostilidades, necessitará mover-lhe guerra, reunir homens e investir uma quantia de dinheiro muitas vezes superior ao que os impostos daquela região lhe carregavam. Ademais, o rei não sabe quais serão as consequências, pois se trata de guerra, e *a guerra é imprevisível*.^{xxix} Na melhor das hipóteses, esgotará o dinheiro e fará correr muito sangue; e, na outra hipótese, a situação se agravará deveras, e tudo se exacerbará, com o inimigo odiento em todo lugar, e as rebeliões se instilarão. Já se dizia: O povo mais arguto é aquele que não busca os seus interesses por meio da guerra se porventura encontrar outro meio, pois na guerra o investimento é em vidas, ao passo que nos demais misteres o investimento é somente em dinheiro, e quem dá de comer ao elefante dá de comer à perdição.⁷⁴

Disse o terceiro vizir:

74 “Quem dá de comer ao elefante dá de comer à perdição” traduz من يؤاكل الفيل يؤاكل الحين (*man yu'ākilu alfil yu'ākilu alḥayn*). Em *Kalīla e Dimna*, modelo da presente obra, ocorre o mesmo período, mas ali, devido aos caóticos erros de cópia constantes do original manuscrito cujo texto se fixava, o responsável pelo trabalho leu الحيف (*alḥayf*), “injustiça”, em lugar de الحين (*alḥayn*), “perdição”, o que nos levou a interpretar de modo figurado o verbo يؤاكل (*yu'ākilu*), “comer junto” ou “alimentar”, e, por [in]consequência, a traduzir o trecho como “quem se fia em elefantes se fia na injustiça” (Cf. *Kalīla e Dimna*, cit., pp. 142 e 333). A lição constante de *O tigre e o raposo* é obviamente melhor, e deveria levar a uma revisão da passagem no original árabe de *Kalīla e Dimna*.

— Meu parecer não é como este nem como aquele, mas sim que se resolva logo o assunto e se deflagre a guerra, antes que as coisas se compliquem ainda mais, com sua revolta ganhando corpo e suas artimanhas se multiplicando. O soberano não deve considerar excessivo o investimento de quantias portentosas para corrigir as regiões mais desprezíveis, sendo que o bem disso decorrente não será exclusivo dessa região em que o inimigo se acantona, mas sim de todas as regiões e fronteiras, pois em todas as regiões as cervizes dos sediciosos estão inclinadas, mas, quando eles virem que a atitude do soberano para com quem lhe rechaça as ordens é conforme a visão sugerida pelo segundo vizir, estenderão suas cervizes para a sedição, aliviando os costados do peso de suas obrigações para com o soberano e metendo as mãos em tudo, com conseqüências que não são do interesse da fé nem da vida mundana.⁷⁵

O tigre adotou o parecer do primeiro vizir e ordenou que se escrevesse a carta cuja cópia é a seguinte:

“Em nome de Deus, misericordioso,
misericordiadador,

75 “Fé” e “vida mundana” traduzem, respectivamente, دین (*dīn*), e دنیا (*dunyā*), pares antitéticos muito comuns nesse gênero de argumentação.

e que as preces de Deus sejam sobre nosso
senhor Muḥammad, o nobre profeta.

Indo ao assunto: Vejo que adiantas uma perna e recuas a outra.⁷⁶ Assim, quando vires esta minha carta, decide-te quanto ao que pretendes: se a paz, então apresenta-te a mim; caso contrário, será a guerra, e adeus”.

76 “Vejo [...] outra”: trecho de curta mensagem enviada pelo califa omíada Yazīd Ibn Alwalīd (705-744 d.C.) a seu parente Marwān Bin Muḥammad, que se mostrava insubmisso. Considerado o mais eloquente dos omíadas, Yazīd lhe escreveu simplesmente: *أما بعد، فإني رأيتك تقدم رجلا وتؤخر أخرى، فاعتمد على أيهما شئت (amma baʿd, fa-innī raʾaytuka tuqaddim rijlan wa tuʾahhir uḥrā, fa-ʿtamid ʿalā ayyahimā šīʿta)*, “indo ao assunto, vejo que adiantas uma perna e recuas a outra; vê então em qual delas pretendes firmar-te”, ao que esse parente teria respondido: *أنا على لقاء العساكر أقوى مني على لقاء هؤلاء الكلمات (anā ʿalā liqāʾ al-ʿasākir aqwā minnī ʿalā liqāʾ ḥāʾulāʾi alkalmāt)*, “tenho mais forças para enfrentar soldados do que para enfrentar tais palavras”, e retomou a submissão. A passagem entrou nas letras e nos tratados árabes de retórica como efetivamente exemplar, sendo citada, v.g., em *دلائل الإعجاز (Dalāʾil Aliʿjāz)*, “Provas da inimitabilidade [Corânica]”, pelo notável retor ʿAbdulqāhir Aljurjānī (m. 1078 d.C.), que assim lhe comentou a eficácia: “Quando dizes ‘vejo-te adiantando uma perna e recuando a outra’ és mais eloquente para caracterizar a hesitação do que quando dizes ‘és como quem adianta uma perna e recua a outra’”.

Ao ler essa carta, o lobo teve certeza de que algo ruim aconteceria e percebeu que não teria trégua do tigre nem de ninguém. Chamou o raposo e lhe perguntou:

— Que te parece?

O raposo respondeu:

— Súditos não têm capacidade de mover guerra a reis, e muito menos derrotá-los.

O lobo perguntou:

— E por que isso?

O raposo respondeu:

— Porque os misteres dos súditos não são organizados, e sua paciência não perdura; para as guerras os reis dispõem de duas minas, uma proveniente da outra, e de cuja proteção recíproca se produz o triunfo, extraindo-se, com a força [daí resultante], água de pedra; seu fogo apaga qualquer ardor; não se esgotam por mais que as utilize; quem as enfrenta é derrotado, quem tenta enganá-las é rechaçado, e quem as desafia é prostrado; não desbarates algo que conseguiste mediante os laços da obediência, adverte-te com o que ocorreu a quem desafiou os reis ao longo dos séculos, e atenta para a situação em que ficaram, pois nisso há para ti algo em que refletir, bem como cenário para contemplar.

Perguntou o lobo:

— E quais são essas duas minas contra as quais alertaste e que tanto engrandeceste?

Respondeu o raposo:

— Dinheiro e homens, [recursos] que provêm dos reis e a eles pertencem, mas não a ti. Já se dizia: Procura a perdição quem enfrenta rei habilidoso, sagaz e bem servido, que não se ilude com venturas nem se aturde com desventuras. Disse certo sapiente: Hostilidade de reis é como inundação noturna, a qual não sabes como te atingirá, nem como evitar. Ou vais até o rei e lhe apertas a mão, pacificamente, ou tomas uma fortaleza para nela te refugiares, ou algum meio que te possa proteger, pois já se dizia: Quanto ao inimigo com o qual não se pode, e que é impossível surpreender, só o que se tem de fazer é fugir. Não me consta que hesites ou te confundas quanto aos teus próprios interesses, para que sejas pego pelo focinho e então te arrependas, pois teu delito não será perdoado. Já se disse: *Se queres safar-te, que seja antes da batalha,*^{xxx} e fica sabendo que os homens são [de] três [gêneros]: dois resolutos e um incapaz, sendo um dos resolutos aquele que diante da desgraça não se aturde, não se lhe dispersa o coração nem seu parecer extravia a artimanha por meio da qual tentará escapar do problema, embora mais resolutos do que esse seja aquele que se antecipa, devidamente preparado, e sabe o que ocorrerá antes de sua ocorrência;

já o incapaz é aquele que permanece entre a hesitação e o embasbacamento até ser aniquilado.⁷⁷

Disse o lobo:

— A questão não é inteiramente como descreves, pois na guerra só se tem necessidade de valentia.

Respondeu o raposo:

— A valentia pode ser derrotada por um erro de parecer. E muita vez o bom parecer substitui a valentia, a qual, por sua vez, não dispõe de substituto algum que dispense o bom parecer.

Disse o lobo:

— Escreve-lhe renovando as divergências com ele, pois é a veracidade que te põe a salvo, não a ameaça.^{XXXI}

Então o raposo escreveu o seguinte ao tigre:

“Em nome de Deus, misericordioso, misericordiadador, e que as preces de Deus sejam sobre nosso senhor Muḥammad, o nobre profeta.

Indo ao assunto: Li a carta, com o que ela revela sobre a tua consciência e evidencia sobre a fraqueza das tuas forças. Ordenas que eu marche até ti e me coloque à tua disposição, ou então me prepare para a guerra e aguarde a tua armadilha;

77 Em *Kalila e Dimna* ocorre praticamente o mesmo enunciado, sucedido pela história dos três peixes. Cf. *Kalila e Dimna*, op. cit., pp. 67-68.

tantas foram as vezes em que avançaste para o teu extravio, e te deliciaste com tua própria sombra — iludido por tua suposta segurança, incólume às consequências do remorso, buscador de teus interesses alimentando esperanças em teus servidores e com promessas estimulando-os, amparado por um destino que para ti estende a corda de suas seduções contra a injustiça de suas próprias vicissitudes, distrai-te de suas emboscadas fraudulentas e te veste com os ornamentos de seu prazer, arrebatando-te a lentidão do tempo e mimando-te o excesso de serviçais e ajudantes — a tal ponto que imaginaste ser a tua queda um pecado desse destino, e que a tua hora [final] estaria esquecida até o dia da ressurreição; é como se não visses os próceres da mais manifesta pertinácia e do poder vencedor, nem os detentores de legiões enormes e sua mútua cooperação, os quais exerceram poder tirânico e então foram iníquos, exerceram a valentia e então ousaram além da medida, ocuparam vastos domínios e então corromperam: é como se não visses como o destino lhes quebrantou as aspirações, destruiu os alicerces, derrubou as edificações, desbaratou as fileiras, rompeu a unidade e embotou a incisividade, entregando-os à aniquilação ignominiosa e à calamidade da vingança, golpeados pela [mesma] mão da segurança [que detinham] com a espada da autossuficiência e alvejados pela [mesma] impavidez [com que se portavam] com o arco do tropeço;

o tempo direcionou contra eles as desgraças do destino, a autoconfiança os arrancou dos dias [de grandeza] e o afeto [que desfrutavam] alterou-se com a passagem do tempo, precipitando-os à inanidade após a força, e à humilhação após a glória. É esse o fim de quem extravia a verdade, menospreza a benesse, veste-se com a roupagem da soberba, envolve o flagelo do intelecto com as roupas da fatuidade e se encourça com as faculdades do capricho⁷⁸ para aquilo de que necessita. Embora me consideres pau quebrado, ‘resíduo de palha seca’,⁷⁹ erras em absoluto: estás, isto sim, envolvido pelo braço mais potente, encrocado com o adversário mais furioso, atingido por pedra forte, espinho que Deus cravou em ti tão fundo que o local ferido não se recupera nem a dor causada passa, e com o qual se castigam soberbos arrogantes e opressores tirânicos como tu. *Atém-te à tua debilidade*,^{xxxii} ó

78 “Capricho” traduz *هوى* (*hawà*), termo que, em rigor, deveria ser traduzido como “paixão”, sempre entendida, nesse contexto, em acepção negativa, como uma espécie de oposto da razão. Não é possível perder de vista, contudo, que em português o sintagma “faculdades da paixão” pode soar hoje como algo positivo, em razão do cruzamento semântico entre “paixão” e “amor”. “Fazer algo com paixão”, no sentido de dedicar-se amorosa e obstinadamente a algo, é formulação que em árabe teria sentido exclusivamente depreciativo.

79 “Resíduo de palha seca”, *هشيم المختصر* (*hašīm almuḥtaḍar*), é sintagma corânico (54, 31).

tigre, pois não submeterás os nossos corpos à humilhação do teu poder, nem cometeremos injustiça contra nós mesmos aceitando a tua justiça; só o que encontrarás conosco é o fio da espada, os esquadrões combatentes, o enfrentamento dos corajosos e a investida das flechas; a sombra que te damos é a dos estandartes tremulantes, e o odor que de nossa parte sentirás é o do acre metal. Se porventura retrocederes dessa precipitação imprudente com uma boa *administração*, ser-te-á mais digno; do contrário, tratar-te-ei da maneira como for tratado”.

Quando a carta lhe chegou, o tigre ficou preocupado e, jurando que regaria a terra com o sangue do lobo, enviou para combatê-lo um tigre chamado Alwat̄t̄āb Ibn Almuntaḥiṣ,⁸⁰ nas guerras já escolado e nas batalhas experimentado, temido pelos inimigos devido à sua brutalidade e detentor de reverência no peito dos súditos. O rei lhe ordenou que marchasse contra o lobo e o desafiasse para a guerra, apresentando-lhe uma carta para amedrontá-lo, aterrorizá-lo e abalar-lhe o moral:

“Em nome de Deus, misericordioso, misericordiadador, e que as preces de Deus sejam sobre o nosso senhor Muḥammad, o nobre profeta.

80 Nome que significa “o atacante, filho do voraz”.

Indo ao assunto: Ó filho de uma infame, escravo do pau, é com guerra que nos pretendes amedrontar? É do interior dela que saímos, é de seu leite que nos nutrimos, seu pó e fumaça somos nós que levantamos, em sua agitação e inundação caminhamos, é com nossas espadas que fazemos chover suas nuvens de sangue, e é com nossas lâminas que seus relâmpagos rebrilham. Da morte somos progênie, e das espadas, recém desmamados; não surte flecha de sedição que não aparemos, nem contra nós arremete iníquo que não liquidemos; nossas fortalezas são armas, e nosso encontro, combate; nossas fontes são lagos da morte, de cujas águas envenenadas enchemos taças para brindar com regozijo,⁸¹ e em cujas margens instalamos nossas tendas. E quando vires a mó da morte a girar, e o sangue dos campeões a espirrar, e flecha contra flecha a se chocar, sem que se ouçam senão grunhidos, rugidos, pancadas e gemidos, então procurarás castelo para refugiar-te, fortaleza para defender-te, e morde-rás os dedos de arrependimento, mas quem dera fosse em boa hora! Fica certo, ó presunçoso desvairado a caminho da perdição, de um dia em que para ti será escurecido pelas estrelas, cuja procissão te cercará tal como disse o poeta:

81 “Brindar com regozijo” traduz o verbo نَهَى (*nuhillu*), que tem vários outros sentidos, entre os quais o mais comum é “invocar o nome de Deus”, mas não parece ser o presente caso.

‘As estrelas aparecem com o sol brilhando:
nem a luz ilumina, nem a treva escurece’.⁸²

Para ti, esse dia começará neste mundo e terminará no outro, sem que nesse momento possas fugir, pois quem te chamará é Deus, em cujas mãos já está o que ele procura! Acaso é contra nós que atiras os laços da sedição e inflamas o fogo da guerra? Pretendes furtar-te à aniquilação que te será enviada, superar aquilo que já está prometido, e, em menosprezo ao determinado por Deus bendito e altíssimo em seus desígnios, buscas subtrair-te à execução de seus julgamentos, seduzido pelo demônio com esperanças semelhantes ao fulgor das miragens, mas com as quais nem sequer se mata a sede. Destaquei para ti *Wattāb Ibn Almuntahiš*, protetor da verdade, defensor do que nos é caro, cobrador de nossa vingança e preservador de nossos interesses, que irá trespassar-te com a sua espada, despedaçar-te e arremessar-te ao abismo. Olha bem onde te encontras, pois cairás sobre o teu próprio sangue. Se te recusas [a entender], *que se deem mal tuas mãos e tua boca.*^{xxxiii} Adeus”.

82 Hemistíquio atribuído ao poeta pré-islâmico Annābiġa Aḍḍubyanī (m. 604 d.C.).

Disse [o narrador]: Quando chegou ao lobo, a carta lhe encheu o peito de terror, e, certo de que enfrentaria uma guerra, perguntou ao raposo:

— Qual é o teu parecer, ó Abū Aṣṣabāh?

O raposo respondeu:

— O parecer é como a árvore cujo alimento se oferece em períodos determinados. Se abusares na colheita perderás o bem que ela te fornece. Tiveste escapatória daquilo que é indesejável, pois então [a emissão] do parecer não era problemática, mas agora fica certo de que enfrentarás uma guerra que já desnuda as pernas.⁸³ Vejo que o teu armamento está armazenado, tua constituição, robusta, teu corpo, firme, e teu ânimo, arrojado. Vai portanto, munido de tua gravidade e ardor, enfrentar Wattāb, cujas sombras quiçá já se estejam projetando sobre ti.

Ambos mal se tinham separado quando foi avistada uma poeira a levantar-se, e o lobo foi receber e enfrentar Wattāb, que lhe disse:

83 “A guerra já desnuda as pernas” traduz كسفت الحرب عن ساقها (*kašafat alḥarb ʿan sāqihā*), formulação comuníssima em árabe, e cuja lógica deriva, segundo Atṭaʿālibī (961-1038 d.C.), do provérbio قد شمّرت عن ساقها فشمر (*qad šammarat ʿan sāqihā fa-šammir*), “ela desnuda a perna, desnuda também tu”, aplicado para “estimular à seriedade (em alguma questão)”.

— Por que causar a morte dos nossos companheiros? Eia, duelemos nós dois. Trata-se de um modo justo de arbitragem, e dirimidor de litígios.

Disse o lobo:

— As criaturas são superiores umas às outras. Isso que estás propondo não é considerado justiça.

Disse Wattāb:

— A superioridade não se prova com a sua mera alegação, nem a palavra sem a ação. Mostra-nos, quanto a isso, algo que confira crédito às tuas palavras e comprove o teu julgamento.

Então ambos se atracaram. Wattāb golpeou-o com a pata, rasgando-lhe a pele, ao passo que o lobo o mordeu, rompendo-lhe a jugular: o tigre desabou morto e seus soldados se dispersaram. Ferido e sangrando, o lobo Mukābir foi dali carregado, mas não tardou em sarar e ficar bem.

A notícia chegou ao rei tigre, que, em pânico com a morte de Wattāb e o desbarato de suas tropas, organizou um novo exército à cuja testa colocou um tigre que era seu companheiro de confiança, chamado Haddāš Ibn ʿAḏḏāḏ,⁸⁴ conhecido pela energia e coragem. Integralmente equipado e armado, com ele o rei enviou ao lobo uma carta cuja cópia é a seguinte:

84 Nome que significa “o dilacerador, filho do rompedor”.

“Em nome de Deus, misericordioso,
misericordiadador,
que as preces de Deus sejam sobre nosso senhor
Muḥammad, o nobre profeta.

Do rei dos tigres, Almuḏaffar Ibn Maṣṣūr, ao tirano que se assemelha a seu nome, Mukābir Ibn Musāwir.⁸⁵
‘Saudações a quem segue o bom caminho’.⁸⁶

Indo ao assunto: Não carreaste para ti, matando Wattāb, chuva de nuvem alguma, nem recebeste bebida salobra, mas sim atraíste o látego da tortura e uma envenenada taça de colóquinto; ah, se visses as laringes de ferro com duplo reforço, e os gasganetes dos estandartes rodeados de soldados, e os brilhos das espadas sorrindo para a ofensiva e da morte se rindo, e os bastões se quebrando, e os escudos se rompendo, e as lanças gotejando sangue, e os corações estremecendo, e as colunas tremeleando, e os braços arqueando-se, e os crânios se cindindo, e os pescoços se decepando; então trocarias tua felicidade por aflição, e tua alegria por prostração, e teu júbilo por arrependimento, e tua negligência por censura, e tua sonolência por desespero,

85 Nome que significa “o arrogante, filho do embriagado”.

86 Alcorão, 20, 47.

e tua tranquilidade por consternação. Fica sabendo, ó presunçoso, que [o triunfo da] falsidade é fruto de reviravoltas auxiliadas pelas calamidades do destino, cruelmente impostas pelos dias, desgraçadamente produzidas pelo predomínio da escória e pelos pretextos dos néscios, defendida por quem inveja as benesses alheias e pelos de abjeta condição, e protegida pelos pioneiros da mediocridade e pelos débeis de intelecto, a tal ponto que seus senhores e líderes passaram a supor que as pernas da falsidade engrossaram,⁸⁷ e que seus relâmpagos anunciam chuva, e que seus pilares estão fixados, e que seu trono está dominado, e que seu silêncio se pronunciou, e que sua cordura se amotinou, e que suas artimanhas se conjugaram, e que seu laço se consolidou, mas eis que a mão da verdade surge em seu destino⁸⁸ e extirpa-lhe as débeis raízes, arranca-lhe a vegetação, torna-lhe seco o relâmpago,⁸⁹ distancia-lhe a chuva, inutiliza-lhe as artimanhas, enfraquece-lhe as mãos, quebra-lhe os pilares,

87 “Que suas pernas engrossaram” traduz *أَنْ قَدْ اسْتَغْلَظَ سَوْقَهَا* (*anna qad istağlaẓa sūquhā*), sintagma que também poderia ser entendido como “que seu mercado se robusteceu”.

88 Entenda-se: o destino da falsidade, isto é, de seu triunfo. A tradução procurou manter as metáforas e símiles, cuja obscuridade apenas aparente logo se esvai, em lugar de introduzir paráfrases explicativas.

89 “Torna seco o seu relâmpago” traduz *اِخْتَلَبَتْ بَرْقَهُ* (*iḥtalabat barqahu*).

debilita-lhe os pontos fortes, emudece-lhe os partidários e empana-lhe o brilho. Tais são os resultados finais a que chegarás, pois vencer a falsidade é prova para os entendidos e teste para o intelecto dos decorosos; o surgimento dos defensores da verdade é derrota para os celerados e punição para os criminosos. Enviei para combater-te Ḥaddāš Bin ʿAdḍāḍ, afrontador de cavaleiros, irmão de intermináveis guerras, cuja veste é a determinação e cujo despertador é o arrojo, precedido pela vitória e sucedido pela conquista, que não poupará nem desperdiçará até *desbastar-te como se desbasta a acácia*^{xxxiv} e colocar-te na casa de correção, deslocando-te da vastidão dos campos pastoris para a estreiteza da prisão, da altivez da força para a humilhação da derrota, da liberdade desenfreada para a sujeição da escravidão, e da riqueza excelsa à submissão da passividade; teus crimes te atraíram, tuas iniquidades te mataram, e tu resfolegarás devido aos teus excessos, intentando, suplicante, que seja aceita a tua penitência, mas como relevar tal tropeço após tão terríveis mortes? Que Deus não distancie senão a ti, e adeus”.

Quando a carta lhe chegou, Mukābir convocou o raposo e o consultou dizendo:

— Por Deus que de Wattāb só me safei por um traguinho na altura do queixo!^{xxxv} Mas este Ḥaddāš, que eu já conhecia,

possui força inquebrantável, ampla reputação, sangue frio e grande intrepidez. Vejo que, se acaso enfrentá-lo, estarei me expondo ao risco, sendo mais adequado evitá-lo. O que pensas?

O raposo respondeu:

— A incerteza do homem quanto à vitória na guerra não é exposição ao risco.

O lobo disse:

— Se abalar-se a uma guerra sem estar certo da vitória não é expor-se ao risco, o que é então?

O raposo respondeu:

— A perda da [capacidade de] observação.⁹⁰

O lobo perguntou:

— Porventura os sábios já não disseram que a exposição ao risco é um erro?

Respondeu o raposo:

— Disseste a verdade, mas esta sentença é genérica, coexistindo debaixo dela dois sentidos, o primeiro dos quais é que, se acaso houver escapatória do que é terrível, então expor-se a ele é errado; caso contrário, enfrentá-lo é acertado.

90 Essa resposta traduz *بإضاعة النظر* (*bi-iḍāʿat annaẓar*), literalmente, “com a perda do olhar”.

O lobo perguntou:

— Então em qual ponto é errado, e em qual ponto é acertado?

O raposo respondeu:

— Se te expões ao terror para carrear algum benefício que não valha a pena, ou para afastar algum prejuízo possível de afastar de outra maneira, então isso seria equivocado. Porém, se te expões ao terror para afastar algo bem maior do que ele, ou se a ele és inapelavelmente forçado, então fazê-lo é acertado.

Perguntou o lobo:

— Já compreendi o que disseste, exceto um ponto: qual terror seria maior que a guerra, regalo da morte?

Respondeu o raposo:

— Antes lançar-se ao fogo que se expor à infâmia!

Disse o lobo:

— Descreve a guerra para mim.

Respondeu o raposo:

— A guerra é um corpo composto por dois humores diferentes e uma só conformação,⁹¹ que ora se fortalece, ora

91 “Conformação” traduz a palavra خلق, que foi lida como *ḥalq*, embora também possa ser lida como *ḥuluq*, o que daria “caráter”, igualmente viável não fosse a referência explícita a بدن الحرب (*badan alḥarb*), “corpo da guerra”, o que faz de “conformação”

se enfraquece, sendo esses dois humores constituídos pelo pretexto dos oponentes [para a luta], ao passo que a conformação é dada pela esperança. O pretexto dos oponentes provém da divergência de interesses entre os dois grupos, e a sua conformação, do fato de que cada grupo pretende atingir o mesmo objetivo; caso os dois oponentes entrem em acordo, a guerra morrerá, e, caso a esperança da vitória se dissipe em algum deles, o outro estará a salvo.

Disse o lobo:

— Alegas que o corpo da guerra se sustenta graças à oposição em seus humores, mas até o momento nunca vimos corpo que se sustente senão pela correspondência e combinação dos humores. Como então que a tua comparação incidiu no oposto do sentido [que pretendeste]?

Respondeu o raposo:

— Não é oposto, pois a vida do corpo humano não se dá pela concordância de seus humores, mas sim pelo fato de lhes permitir que lutem entre si, pois é essa disputa que mantém a vida. Se acaso a luta entre eles se acabar, então

a única alternativa adequada neste caso. Já “humor” traduz طبيعة (*tabīʿa*), embora o termo mais antigo em árabe para indicar esse conceito, traduzindo a antiga terminologia grega, seja خلط (*ḥalt*), conforme se lê ao longo de *Kalila e Dimna*, entre outras obras.

consulta a Deus sobre o melhor a fazer⁹² e lança mão do dizer poético de Labid:⁹³

*“Mente se acaso falares com a tua alma,
pois a verdade lhe destrói a esperança”.*

Disse [o narrador]: Mal haviam terminado aquele diálogo quando Ḥaddāš despontou com seus soldados, e então o lobo saiu, pondo-se ambos a se desafiar mal se viram. O tigre avançou até ele dizendo:

— “Sou Ḥaddāš e meu pai é ʿAḏḏāḏ;
trago na destra um rompedor agudo
todo feito de pureza e brancura também,
tal como brilhante raio de chuva fina;
suas mordidas, traço em muita cabeça,
protegeram muita honra e muita nobreza”.

Então Mukābir avançou até ele dizendo de improviso:

92 “Consulta a Deus sobre o melhor a fazer” traduz استخر الله (*istaḥīr Allāh*).

93 Poeta pré-islâmico (560-661 d.C.) que alcançou o islã e a ele se converteu.

— “Sou Abū Alfirā’, filho de Almuntahis;⁹⁴
trago na destra o acendedor das tochas,
semelhante a um raio iemenita nas trevas,
que destroça cabeças e aniquila almas,
da vida dos inimigos surrupiador, e
protetor de honras em noite escura”.

Então Ḥaddāš o golpeou com a garra espalmada e lhe quebrou a pata, enquanto Mukābir o mordeu fazendo com que suas tripas escorressem; o tigre desabou morto, ao passo que o lobo desmaiou e o carregaram dali, mantendo-o em tratamento até que se curou. A notícia da morte de Ḥaddāš e da dispersão de suas tropas chegou ao rei, que, supondo ser aquilo motivo da extinção de seu reinado, deixou cair tudo quanto carregava nas mãos, e foi então ter com seus três vizires incumbidos de aconselhá-lo, aos quais, após consolá-los da morte de seu irmão Ḥaddāš, consultou, ao que um deles respondeu:

— Como vosso inimigo se está habituando a vos devorar e a beber vosso sangue, meu parecer é que deveis enviar contra ele tropas bem numerosas cujo comandante seja arrojado e o desafie para a luta sem delongas.

94 *Almuntahis* significa “o afrontador”.

Disse o segundo vizir:

— Meu parecer é que *remédio para rasgão é costura*,^{xxxvi} embora me pareça igualmente que se deva tentar alguma reconciliação⁹⁵ até que se encerre a época [de sorte desse lobo], pois não estou seguro de que ele não derrotará mais um de vossos exércitos, após o que virá bater às vossas portas. Esqueci-o enquanto de vós ele estiver esquecido.

Disse o terceiro vizir:

— Com efeito, se lhe enviardes algum de vossos servidores, não estarei seguro de que ele não sofreria o mesmo que sofreram os dois anteriores, quando então vos ocorreria algo contra o qual por vós eu me refugio em Deus. Porém, se acaso vos reconciliardes com ele e lhe soltardes o cabresto, deixando-o prevaricar neste tempo e autorizando-o a dominar a terra e o dinheiro de que se apropriou, nesse caso o seu poderio se fortalecerá, suas artimanhas se multiplicarão, suas ações serão mais rápidas e sua fama se espalhará pela terra,

95 “Reconciliação” traduz *موادعة* (*muwādaʿa*). A palavra também pode ser lida como *مواعدة* (*muwāʿada*), “compromisso mútuo”. A opção adotada se deve à fala do próximo vizir, na qual se usa o verbo *وادع* (*wādaʿa*), “reconciliar-se”, origem do substantivo ora adotado, pois, tendo em vista um princípio analógico que servia para evidenciar a coerência interna da exposição, o campo semântico/morfológico dos discursos dos três vizires não raro se entrelaça.

disso resultado o rompimento das fronteiras e a aparição de divergências entre vossos súditos. Por isso, meu parecer é que o rei em pessoa vá até ele com os seus generais, partidários, auxiliares e principais do governo, pois não devem mover guerra a reis senão reis. Investir nisso trará grande lucro, e economizar nisso acarretará evidente prejuízo. Extirpando-lhe as raízes é que florescerão vossos ramos, e combatendo-o é que haverá vida para vós.

O rei adotou o parecer do terceiro vizir, pondo-se em marcha com seus equipamentos, munições, auxiliares e generais; a notícia chegou ao lobo, que, apavorado, foi ter com o raposo, a quem disse:

— Já te havia chegado, ó Abū Aṣṣabāḥ, a notícia desta terrível desgraça? Preciso do teu parecer! Emite-o, portanto! É para isso que eu te dei leite com tâmara curtida!^{xxxvii}

Disse o raposo:

— Tu me consultaras no começo dessa questão toda, e eu não te poupei de conselhos, por temer que chegasses a semelhante resultado. Preveni-te contra os efeitos nefastos da queda, mas tu me desobedeceste e tomaste o mau caminho, até que se revelou, com a rebeldia, a tua máscara, tendo-se rompido [a viabilidade de] qualquer desculpa. Então te sugeri como confrontares os teus iguais e lutares contra inimigos a ti equivalentes, e tu me obedeste e

foste bem conduzido, mas agora já faz sombra sobre ti, por parte desse rei, algo que não podes suportar; assim, se acaso conseguires, procura um túnel debaixo da terra para nele enfiar-te, ou então escadas no céu para nelas alçar-te, pois tu não és páreo para ele, nem possuis mãos que o possam derrotar. Estás à mercê de suas unhas: se acaso ele te mover combate, não escaparás de seus golpes nem consolidarás teu domínio. Renuncia, pois, a manter-te no caminho dele e faze tua pessoa desaparecer de suas vistas. Caso assim procedas, o teu lugar para o rei não será casa de residir nem albergue de se instalar.⁹⁶ Quando ele se retirar daqui, retorna e retoma a tua presente posição. Acautela-te, porém, do embasbacamento da dúvida e da ambição da expectativa, pois ambos constituem o maior motivo de desgraças.

O lobo então se propôs a fugir, mas, considerando melhor reavaliar esse parecer, convocou um de seus companheiros lobos para lhe expor a sugestão do raposo, a qual esse lobo ridicularizou e rechaçou dizendo:

96 “O teu [...] instalar” traduz literalmente لم يكن موضعك للأمر بدار ولا محلة قرار (*lam yakun mawḍiʿ-uka lilamīr bidār wa lā maḥallat qarār*). Preferiu-se a tradução literal nessa passagem, com exceção da palavra أمير (*amīr*), “comandante”, “líder”, “emir”, que se traduziu pelo sentido metaforizado, “rei”. A idéia, obviamente, é que com a retirada prévia do inimigo o lugar perderia toda a importância para o rei.

— Se fugires, as eventuais vantagens decorrentes de nosso abandono serão inferiores àquilo que nosso inimigo lucrará nos dizimando.⁹⁷ Ademais, neste lugar nós somos como plumas espalhadas, sem toca que nos proteja nem área na terra que nos caiba: logo, a caçada te alcançará, bem como a nós, e a investigação nos denunciara, ao passo que o raposo se enfiará na toca mais próxima e ninguém jamais terá notícias dele nem lhe encontrará rastro algum. Certo sábio já disse: se alguém defronta seu inimigo em terrenos onde sabe que será aniquilado — quer lute com denodo, quer não lute —, então será lícito que lute pela honra e para [tentar] preservar-se.⁹⁸ Contudo, eu considero que lutar contra o tigre é arrojo, e executar tal parecer é firmeza, pois a [vitória na] guerra não se dá com a exibição de corpos ou com o excesso de auxiliares, mas sim com o exercício da clarividência, a paciência na irritação e a entrega ao destino.

O lobo adotou esse parecer, descartando o do raposo, e apareceu para guerrear. Quando se aproximou para travar

97 “Se fugires [...] dizimando” traduz *لئن هربت لما تنال به من إضاعتنا أكثر مما يناله عدونا منا* (*la’an harabta lamā tanāl bihi min iḍā‘atanā akṭar mimmā yanālahu ‘aduwunā minnā*).

98 Numa situação narrativa análoga a esta, ocorre passagem semelhante em *Kalīla e Dimna*: “se o homem souber localizar no inimigo os pontos que irão aniquilá-lo, ele deverá lutar, em nome da dignidade e da preservação” (op. cit., pp. 63-64).

batalha, o tigre lhe montou uma armadilha: enquanto terçavam, armas e lesões numerosas já haviam atingido os dois grupos, tropas que se mantinham escondidas, comandadas pelo rei, atacaram os lobos pela retaguarda, sendo Mukābir o primeiro a ser morto; após dominá-las, o tigre manietou as tropas inimigas, e levou como prisioneiros todos os soldados lobos, juntamente com o raposo, ordenando a seguir que fossem decapitados, e devoradas as suas carnes. Quando chegou a sua vez, o raposo gritou com a voz mais possante:

— Tenho um conselho para o rei!

Então o tigre citou como paradigma um hemistíquio recitado a respeito de Muḥammad Ibn Ṭalḥa:

— “Quer lembrar-me *ḥā-mīm* em meio a lanças abundantes, Mas quem dera recitasse *ḥā-mīm* antes de ir ao combate”.⁹⁹

99 Segundo o dicionário *لسان العرب (Lisān Al-ʿarab)*, “A Língua dos Árabes”, de Ibn Manẓūr (1232-1311), a palavra *حاميم (ḥā-mīm)* faz referência a qualquer capítulo corânico iniciado com essas duas letras. Esse Muḥammad era filho de Ṭalḥa, companheiro do profeta, e morreu com grande bravura na chamada “batalha do camelo”, travada em 656 d.C. entre os partidários de ʿAlī, primo do profeta, e os partidários de ʿĀʾiṣa, viúva do profeta, tendo cerrado fileiras com esta última, que foi derrotada. Em seu já citado *مجمع الأمثال (Majmaʿ Alamṭāl)*, “Confluência de Provérbios”, relata Almidānī que tal poesia foi recitada por quem o matou.

E ordenou que se trouxesse à sua presença o raposo, a quem disse:

— Qual poderia ser o teu conselho, ó perverso? Muito nos fraudaste e te esforçaste por semear a discórdia entre nós, com isso almejando a nossa aniquilação!

O raposo respondeu:

— Deténs o reino, ó rei: sê, portanto, benevolente. E, se acaso desejas ampliar a extensão do teu reino e o alcance da tua voz, então poupa-me.

O tigre perguntou:

— Eu de fato desejo o que mencionaste. Como posso ter a garantia de que me proporcionarás isso?

O raposo respondeu:

— Os guardados mais valiosos estão nos corações mais virtuosos, e os mais úteis cabedais estão na aquisição de serviçais. Trago comigo para ti cinco boas coisas, cada qual melhor do que muito dinheiro.

O tigre perguntou:

— E quais são elas?

O raposo respondeu:

— Conselho que jamais será alcançado por escândalo, lealdade não conspurcada por traição, obediência não corrompida por desobediência, serviço ao qual não se mistura desânimo, e opinião não sucedida de equívoco.

Disse o tigre:

— Trata-se de promessas que muita vez o promitente quebra; ademais, o crédulo no que não sabe já está burlado.

Disse o raposo:

— Na provação há experimentação, e na reavaliação, consideração.

Disse o tigre:

— Certamente, mas na tolerância para contigo está a perda da oportunidade de prender-te, sendo que o sábio já disse: O que [a passagem dos] dias produz é o pânico, e a condição [estabelecida pelo] tempo são as calamidades.¹⁰⁰

Em seguida, voltando-se para os seus vizires, perguntou-lhes:

— O que determinais?

Respondeu o primeiro:

— Eis aí um inimigo que, após ter empregado o intelecto em hostilizar-vos, guardou em suas bagagens o ódio a vós, que ora intenta dissimular. Como podereis confiar em seus conselhos? Ele se esforçou em demolir o que consolidastes, e procurou desfazer o que firmastes, e só o que pretende agora com tal embeleco é deslocar os pés

100 Conforme nota ^cAbdulqadir Almahīrī, esse trecho é de difícil compreensão. Parece que sua transmissão está corrompida no manuscrito.

do lugar da punição, pois a dor que ele já sofreu em razão das feridas que lhe infligistes e a humilhação da prisão a que o submetestes já são suficientes para lhe tornar o coração imprestável para vós, que não estareis seguro da sua perfídia. Assim, para vós o melhor parecer é que o mateis, assegurando desse modo a tranquilidade com relação a ele, visto que os sábios já disseram: O inteligente não se apieda daquele a quem teme.

Disse o segundo vizir:

— Não sou da opinião de que ele deva ser morto, pois não se trata de alguém que porte armas e de cujas armadilhas se deva cuidar, nem de alguém dotado de força cuja mão se tema; trata-se de alguém sozinho nesta ilha, na qual não possui tribo: a fraqueza de seu corpo vós todos podeis ver, e de sua humilhação vós sabeis. Se porventura matardes um raposo por temor e terror, isso consistirá em [demonstração] de vossa fraqueza e pequenez de desígnios. Que ele seja englobado por vosso perdão, com o qual vossa recompensa na outra vida será bem maior; afastai-o de vossas vistas e vossos corações sossegarão.¹⁰¹

Disse o terceiro vizir:

101 “Vossos corações sossegarão” traduz يفتح عن قلوبكم (*yufṭaḥ ʿan qulūbikum*), com apoio na versão francesa.

— Ao inteligente a inimizade do inimigo não impede de aproximá-lo em busca do que este pode carrear-lhe caso deseje afastar algo temível e atrair algo apetecível. Ponderei entre o benefício que o raposo proporcionará caso seja perdoado e a satisfação da sede de vingança com sua punição à morte. Concluí que os atos que deixou escapar não equivalem à execução da vingança matando-o. Ouvi-lo agora mesmo, e com generosidade, é possível no seu caso: concedei-lhe, em deferência ao seu pedido de perdão, uma dilação, pois já disse quem citou o provérbio: *se [o inimigo] desaba imóvel, retirai vossas mãos.*^{XXXVIII}

O primeiro vizir lhe respondeu dizendo:

— Às vezes uma inimizade oculta com aparência de amizade é mais nefasta que a inimizade declarada, e, embora o ajuizado deva permanecer fiel ao pacto de reconciliação, não pode confiar que seu inimigo fará o mesmo; por consequência, nada lhe é mais prioritário que manter tal inimigo afastado e prevenir-se contra ele na medida de suas possibilidades. Qualquer relação cuja origem consista em inimizade depois tornada amizade por alguma premência que a isso tenha impelido, retornará à sua origem quando se extinguir o fator que provocou tal mudança,¹⁰² tal como a água que se esquent

102 “Qualquer relação [...] mudança” é tradução adaptada de um trecho claríssimo em árabe من كان أصل أمره عداوة ثم أحدث صداقة لحاجة حملته على ذلك فإنه إذا ذهب الأمر الذي أحدث ذلك صار إلى أصل أمره (*man kāna aṣlu amrihi*)

no fogo, mas que dele retirada volta a esfriar. Já se dizia: O fraco estará mais próximo de escapar ileso que o forte, pois aquele se previne contra este, não sendo atingido pelo que atinge o forte quando se ilude com o fraco e relaxa diante dele.¹⁰³ Ademais, não há notícia de punição abandonada que não fosse por incapacidade ou fraqueza.

Disse o segundo vizir:

— Capaz é quem tem capacidade contra o mal, e incapaz é quem não tem capacidade de desejar afastá-lo. Não há pilar mais firme e sólido nem estrutura mais portentosa que praticar ações louváveis e receber louvores, e isso porque o renome [proveniente] da magnificação devida às boas obras perdura nos corações e se perpetua com a passagem do tempo; quem se

°adāwatan ṭumma aḥḍaṭa ṣadāqatan liḥājatin ḥamalathu °alà ḡālika fa-innahu iḡā ḡahaba alamru allāḡī aḥḍaṭa ḡālika ṣāra ilà aṣli amrihi), mas cuja tradução ao português, com a manutenção dos elementos sintáticos na mesma posição, torna o trecho quase incompreensível: “Quem tem a inimizade na origem e depois a transforma em amizade, por alguma premência que a isso o impila, retornará à sua origem quando se extinguir o fator que provocou essa transformação”. A estranheza desse discurso se situa na existência de um sujeito animado, que na formulação árabe “tem a inimizade na origem”, o que torna a leitura ambígua em português, pois tal origem pertence à relação com ele entabulada, e não a ele mesmo.

103 Embora, por provável defeito na transmissão, o trecho esteja confuso no original, trata-se de conceitos auto-evidentes, verificáveis em diversos tratados políticos árabes. Aproveitou-se aqui a leitura de °Abdulḡadir Almahīrī.

entrincheira na generosidade, prodigaliza favores, pede emprestado o ornamento ao seu véu e túnica,¹⁰⁴ obtém o que anela e é por Deus recompensado.

Disse o tigre:

— Já adotei o parecer de perdoá-lo. Mas submetei-o a provas agora mesmo onde estais, e experimentai-lhe o intelecto mediante a correção dos argumentos que dele ouvirdes e a clareza de suas formulações. O intelecto é resultado dos diferentes humores que constituem cada espécie.¹⁰⁵ Se porventura o considerardes digno da nossa companhia, fazei-o frequentar nossas portas, mas, se para tanto ele não for apto, mandai-o embora. Indagai-o de modo tal que eu ouça.

Então o primeiro vizir encarou o raposo e lhe perguntou:

— Informa-me sobre o homem, sua condição, seus defeitos e sua perfeição.

104 “Pede emprestado o ornamento ao seu véu e túnica” traduz literalmente a obscura formulação *استعار الحلية ريطتها وسربالها (ista‘āra alḥilyata riṭatahā wa sirbālahā)*. É possível entender: “faz do ornamento sua veste”. Na tradução francesa, “emprunte à la vertu sa parure”, com a observação, em nota, de que “vertu” está metaforizada pelas vestimentas. O verbo traduzido como “pedir emprestado” também tem o sentido de “metaforizar”.

105 “O intelecto é resultado [...] espécie” é tradução que procura ser, com apoio na leitura de ‘Abdulqādir Almahīrī, o menos desastrada possível para o incompreensível trecho *فإن العقل ينتظم من أنواع أطباع الصوره الجنسيه (fa-inna al‘aqla yantaẓimu min anwā‘ aṭḥbā‘ aṣṣūra aljinsiyya)*, que, obviamente, contém erros de transmissão.

Respondeu o raposo:

— O sentido do homem é o intelecto: se for com ele agraciado, merecerá a denominação de homem, mas, se não for, então será defeituoso, e não se acompanhará senão da denominação de aparência.

E prosseguiu:

— E se acaso obtiver uma parte e lhe faltar uma parte, então será um homem defeituoso.

Perguntou o primeiro vizir:

— Informa-me sobre o intelecto: seria algo que, caso o homem dele obtenha o mínimo, poderá alcançar o máximo? E os homens, na obtenção do intelecto, são iguais ou de níveis diversos?

Respondeu o raposo:

— Claro que de níveis diversos.

Perguntou o primeiro vizir:

— Como então os dotados de escasso intelecto são designados de modo igual aos dotados de grande intelecto? Ambos são designados como racionais,¹⁰⁶ embora em intelecto

106 “Racionais” traduz *عقلان* (*‘āqilāni*), que neste texto tem-se traduzido sistematicamente como “inteligentes”. No caso em tela, contudo, foi necessário encontrar outro vocábulo, pois em português não se aplica, ao dotado de pouca inteligência, a qualificação de “inteligente”.

sejam desnivelados. Seria uma mesma denominação aplicável aos dotados de níveis variados?

Respondeu o raposo:

— Sim, e isso não consiste em erro de quem assim fala, pois esses desníveis se referem a uma única espécie, sendo dificultoso para a língua, nesse caso e em seus análogos, aplicar a cada um dos níveis de uma mesma espécie denominações diferentes; se porventura a língua fosse sobrecarregada com tal distinção, os discursos se prolongariam a esmo em função da multiplicação dos sentidos necessários para cada denominação; por isso, a tudo ela abrange com uma única denominação, designando os desnivelados pelo mesmo nome.

Perguntou o primeiro vizir:

— Como distinguir o mais dotado do menos dotado, já que são ambos unificados pela mesma denominação?

Respondeu o raposo:

— Pelo discernimento e luz do conhecimento. O paradigma disso na língua é a mesma denominação dada aos praticantes do mesmo ofício, embora nesse ofício eles possam ser de níveis díspares: com efeito, diz-se *construtores*, *marceneiros*, *mercadores* e *alfaiates*, mas cada um deles, comparativamente a seu colega de ofício, é superior ou inferior. Os seres humanos estão todos no mesmo grau relativamente aos defeitos de intelecto que lhes cabem, e no intelecto que

receberam são superiores ou inferiores: quanto mais agudo de intelecto for o homem, mais bem dotado dele terá sido.

Perguntou o primeiro vizir:

— Como é que a culminância [do intelecto] se tornou tão distante que os dele dotados ficaram impedidos de atingi-la?

Respondeu o raposo:

— Isso se deu por ser a culminância a própria perfeição, característica essa não aplicável senão ao criador, que não está no mesmo plano da criatura — esteja Deus acima disso.

Perguntou o primeiro vizir:

— Pode-se acaso conhecer a extensão do intelecto humano, a ponto de alguém que pretenda descrevê-lo não ser levado além de seus limites nem ficar aquém deles?

Respondeu o raposo:

— Essa seria a certeza do conhecimento. Decerto existe o homem cujo conhecimento em algumas coisas é certo, e incerto noutras. E entrementes medeiam muitos degraus, não sendo possível senão ao criador recensar aquilo em que o conhecimento humano é certo e aquilo em que é incerto. Entretanto, o coração¹⁰⁷ dos dotados de entendimento

107 Lembre-se que, no presente texto, “coração” indica sempre o lugar do entendimento, do discernimento, ocupando posição análoga à da palavra “mente” nos dias de hoje.

possui uma balança de conhecimento na qual as pessoas são avaliadas após serem postas à prova e bem compreendidas, sendo quase sempre inseridas num lugar que evidencia a justeza dessa avaliação. Nisso, os corações, com todo o entendimento que dominam, são superiores às línguas, com toda a fala que dominam, ainda que quem fala pelo coração seja mais sublime.¹⁰⁸ Acaso não vês que qualquer falante, conquanto se esforce para tal, não descreverá a profundidade do conhecimento que seu coração detém? Isso não se deve a uma incapacidade da língua imposta por um defeito qualquer, pois o motivo da falha, isto sim, é que a fala está aquém do entendimento.¹⁰⁹

Perguntou o primeiro vizir:

108 “Nisso [...] sublime” traduz *وللقلوب في ذلك بما طوقته من الفهم فضل على الألسن بما طوقته من النطق، وإن كانت تراجمة القلوب أسمى (wa li-lqulūb fi dālīka bi-mā ṭawwaqathu min alfahmi faḍlun ʿalā alalsuni bi-mā ṭawwaqathu min annaṭqi, wa in kānat tarājimat alqulūbi asmā)*. O maior problema para a compreensão deste trecho reside no sintagma *تراجمة القلوب (tarājimat alqulūbi)*, literalmente, “intérpretes dos corações”, em razão de uma questão lógica: por que a concessiva, se a superioridade dos corações já fora explicitada? A resposta é que o referido sintagma se refere, na verdade, à conjugação entre língua e coração, ou seja, o coração é superior, conquanto a sua manifestação, por intermédio da língua, possa ser mais sublime.

109 “O motivo [...] entendimento” traduz *ولكن الفهم عن المنطق سبب نقصه (wa lākin alfahma ʿan almanṭiqi sababu naqṣihi)*.

— E qual o motivo disso?

Respondeu o raposo:

— O motivo disso é que a língua é o mensageiro, ao passo que o coração é o remetente. O enviado não ocupa o posto do remetente.

Perguntou o primeiro vizir:

— Informa-me sobre o quinhão de intelecto que cada homem recebeu: seria uma oferta que adquiriu por ter sabido como fazê-lo, ou então uma característica inata, latente em sua essência?

Respondeu o raposo:

— Claro que se trata de uma criação instalada em sua natureza.

Perguntou o primeiro vizir:

— Como então pode ter lugar a censura ao néscio?

Respondeu o raposo:

— Se a necessidade existisse e o intelecto não, tal censura seria descartável. Porém, ao homem que possui [ao menos] uma parte de intelecto é necessária a censura à medida [estrita] que ele desperdice o correspondente a tal parte, consistindo em injustiça a imposição de algo superior ao seu intelecto. Todavia, muitos costumam increpar as gentes de intelecto defeituoso numa proporção maior do que merecem, e o censor somente faz isso devido a seu escasso

conhecimento da medida que o intellecto do censurado suporta, impondo-lhe algo além de sua capacidade. Porventura não vês que os delitos, quando algum juiz os analisa de modo certo, mostram-lhe a face, permitindo-lhe discernir o que é ignorância e o que não é? Assim, quando o juiz julga o que se cometeu com premeditação — a perpetração do delito com conhecimento —, pune, e, quando julga o que se fez por equívoco — a perpetração do delito por desconhecimento —, suspende a punição, dado que não se deu de propósito por parte do delinquente, e com isso se suspendem os reproches.

Perguntou o primeiro vizir:

— A responsabilidade pelo prejuízo causado por tal ignorância não poderá ser imputada a quem delinuiu sem conhecimento?

Respondeu o raposo:

— A punição não se aplica senão a quem desperdiça o intellecto, assim como a censura se faz a quem tem lugar entre os dele dotados.

Perguntou o primeiro vizir:

— O intelligente tem necessidade de algo do qual é melhor estar próximo que distante?

Respondeu o raposo:

— Sim, do saber ele tem a maior necessidade, pois às vezes o homem dispõe de intellecto natural, mas não de saber,

e então seu paradigma será o do arco, que carece de utilidade se desprovido de sua corda, mas que, reunido a ela, alcança o que dele se pretende.

Disse o primeiro vizir:

— Descreve para mim, separadamente, a essência do intelecto e a do saber.

Disse o raposo:

— O intelecto é a base de tudo quanto é louvável, e a defesa contra tudo quanto é indesejável, vida da alma e repouso do corpo; sua duração produz alegria, e seus dias conduzem à segurança; reunifica as distintas doutrinas e resgata o erro de todos quantos se perderam;¹¹⁰ abrigo da misericórdia, chave do reto caminho, provedor da boa vontade para com os corretos e os que caem em dúvidas e se afastam da certeza; semeador do bem e frutificador da sagacidade; afastador da paixão dos terrenos do aniquilamento, sua luz não se extingue nem sua mecha se enfraquece; para ti ele colhe o fruto da boa saúde e te livra de consequências nefastas; acompanha as atividades e carrega o êxito; chave de todos os bens e mina de todas as ações virtuosas, é nele que se apoia o desprovido e se

110 “Resgata [...] perderam” traduz راجع فوت كل ذاهب (*rāji^c fawt kulli dāhib*), em que o particípio ativo ذاهب (*dāhib*), literalmente, “o que partiu”, foi entendido, com base na tradução francesa, como “o que se perdeu”.

compensa o desapossado. Quanto ao saber, é ele o parâmetro da fé e o emblema do crente, a vestimenta do inteligente e a balança do justo, a sapiência do reto caminho, a língua dos prudentes, entretenimento do entristecido, deleite do sábio, jardim no qual se eleva o entendimento, descanso para o peso das preocupações, colar precioso, acompanhante no exílio, companheiro na solidão, abrigo aconchegante, leve de carregar; a pobreza não macula quem o detém, nem a riqueza ornamenta quem dele carece; quem com ele comercia lucra, e quem o procura triunfa; ignorá-lo não o apequena, nem o esbanjamento o esgota; tutor das garras contra o pecado, vigia da honra contra o vício; de ouvi-lo, a audição não se aborrece; escudo na batalha dos argumentos, seu grau é o mais elevado; com ele o coração do inteligente se inflama, e o peito do néscio se constrange; seu poderio é vitorioso, e seu oponente é derrotado; quem o procura se torna a cada dia mais ativo, e com o que dele obtém, mais satisfeito; trata-se do tesouro desta e da outra vida.

Perguntou o primeiro vizir:

— E em que o intelecto e o saber podem ser descritos conjuntamente?

Respondeu o raposo:

— Se ambos se reunirem num homem, então o discernimento será o atributo com o qual protegerá a sua honra;

a prevenção, seu escudo contra o indesejável; o arrojo, a espada com a qual decepa o embasbacamento da dúvida; a suposição, a seta com a qual alveja o que lhe escapa das vistas; o bem, a prática mediante a qual afasta o risco da dissipação; a firmeza, a rédea com a qual conduz o carro de suas paixões; a veracidade de língua, [a arma] com a qual enfrenta os opo-
sitores; o silêncio, a joia com a qual reprime os erros de sua fala; o otimismo,¹¹¹ a montaria com a qual triunfa em suas necessidades; a resignação, o emblema com o qual preserva seu corpo; a paciência, a fortaleza na qual se entrincheira contra o arrependimento da precipitação; a temperança, o asno com o qual pisa a garganta de sua ambição; o pudor, o véu com o qual evita a odiosidade de sua impudência; a gratidão, o instrumento que faz aqueles em quem vê fortuna agraciarem-no; a honestidade, o líder com o qual previne as suspeitas contra si; a castidade, o soberano com qual obtém a dignidade de sua influência; a equanimidade, a natureza com a qual dissipa a nocividade de suas demandas; a moderação, o campo no qual corre para o seu repouso e com o qual se liberta do império da cólera; a reflexão, os olhos com os

111 “Otimismo” traduz رجاء (*rajā*), literalmente, “esperança”, “expectativa” etc.; no trecho, porém, há uma carga positiva no vocábulo.

quais revolve sua *administração*, observa as conseqüências das coisas e avalia o que será pelo que já foi.

Perguntou o primeiro vizir:

— O que pensas de alguém que é ditoso numa escolha da qual resulte um mérito qualquer? Porventura se julgará que isso foi inevitável e derivado de sua virtude?

Respondeu o raposo:

— Não, até se saber se ele de fato escolheu aquela alternativa meritória descartando o seu oposto. Isso porque o louvor só recai sobre quem, entre duas questões distintas, opta pela melhor e mais sublime; mas aquele cuja característica é [previamente] forjada para ser modelar¹¹² não é obrigatoriamente merecedor de louvores, ainda que o seu tipo seja o melhor. Acaso não vês que não há lugar para louvar o sol por sua luz, nem a lua por seu brilho, pois isso em ambos é incorporado e necessário, e a tal não se podem furtar? Qualquer homem magnânimo que não tenha provado o amargor da humilhação ou se alimentado da doçura da vitória ou engolido a cólera provocada pelo vexame não é magnânimo; qualquer generoso que não tema a pobreza de modo tal que o leve a reconhecer o

112 “Aquele cuja característica [...] modelar” traduz من صنعت خلقه على مثال (man ṣuni‘at ḥulquhu ‘alà miṭālin), formulação obscura, como muitas, aliás, desta parte da obra. “Modelar” poderia ter sido traduzido como “exemplar” ou mesmo “ideal”.

valor do dinheiro, nem a humilhação da miséria de modo tal que o leve a se apegar à pujança da riqueza, não é generoso; qualquer corajoso que não conheça a dor dos ferimentos, o valor da vida e os prazeres mundanos que não desfrutará não é corajoso; qualquer homem paciente que só tem paciência por falta de opções e a quem a aflição nunca teve acesso não é paciente; qualquer benfeitor que faça uma benesse [em troca] de algum desejo ou por medo, e não por generosidade, só para receber gabo ou recompensa, não é benfeitor; qualquer comedido que não se abala com inquietações nem encontra refúgio contra a privação não é comedido. E assim, sucessivamente, não há lugar para louvar ou censurar qualquer homem dotado de alguma característica boa ou má da qual nunca possa livrar-se e passar à sua contrária.

Então o segundo vizir se voltou para o raposo e disse:

— Ouvimos a tua descrição das características louváveis e dos decoros satisfatórios nos dotados de intelecto. Vemos, porém, que alguns dotados de needade apresentam muito em comum com aqueles, a tal ponto que os opostos se reúnem na nomeação de uma só característica, pois tanto o dotado de intelecto como o dotado de needade são chamados, quando dadivosos, de generosos; quando suportam adversidades e são pacientes com o prejuízo, longânimes; quando arriscam a vida, corajosos; quando é expedita a sua fala e vernáculo o

seu discurso, eloquentes; quando se satisfazem com pouco, sóbrios; quando guardam silêncio, reservados; quando examinam e refletem, ponderados; quando distribuem benesses, benfeitores. Destarte, como poderemos, nestas e noutras qualidades, distinguir o inteligente do néscio?

Respondeu o raposo:

— Foste veraz na tua descrição. Porém, inteligente e néscio não se reúnem nessas características senão em denominações que correm na língua do vulgo, pois, em sentido próprio, ambos são nelas divergentes, e sua condição não se confunde ante o dotado de perspicácia. Assim é que cada uma das características louváveis que citaste possui um limite diante do qual não estaca senão inteligente, e somente ultrapassado pelo falto [de intelecto]. Quem compreende esses limites não designa por tais características senão aqueles que estacam diante de seus limites, não os ultrapassando rumo à falta, e, se acaso alguém disso se desviar, será designado pelo grau correspondente ao seu desvio. O vulgo, porém, deixa-se levar, quando descreve e qualifica, pelo seu escasso conhecimento dos limites [dessas características] e dos graus dos estágios [a elas correspondentes], unificando então homens de diferentes posturas sob uma única denominação, o que induz ao erro de julgamento quem ouve essa característica [atribuída a alguém], pondo-lhe a certeza em risco e levando-lhe a conjectura à

incorreção. No primeiro plano [das características louváveis] está o saber, cujo limite é a ação correspondente ao tanto que dele se adquiriu, e é por meio do saber que o homem faz jus à denominação de homem, [pois, se acaso não o aplicar adequadamente, não fará jus a tal denominação],¹¹³ mesmo que dele o seu quinhão seja abundante, merecendo, isto sim, a denominação de desventurado, devido às longas fadigas e ao constante cansaço provocados pelo emprego de suas forças naquilo que não o beneficiará. Assim, aquele cuja atitude para com o saber consiste em desviar-se de seu caminho correto está no primeiro estágio, e lhe cabe a denominação de extraviador, sendo o extravio um dos ramos da needade. No segundo plano está a longanimidade, cujo limite é o seu emprego para a preservação da honra contra os vis e obscuros, ou a renúncia a punir seus iguais por algum delito, generosamente, pois à alma repugna infligir-lhes o mal, fazendo jus, com isto, à denominação de longânime; se acaso algum desses limites for ultrapassado, a denominação de incapaz ser-lhe-á mais adequada, sendo que o praticante da incapacidade¹¹⁴ é abjeto

113 No original visivelmente existem lacunas. O trecho entre colchetes preenche uma delas em conformidade com as suposições do tradutor ao francês.

114 “Praticante da incapacidade” traduz أخو العجز (*aḥū al-ʿajaz*), literalmente, “o irmão (ou amigo) da incapacidade”.

e desprezível. Em seguida vem a generosidade, cujo limite é a tolerância com o gasto adequado das sobras do seu dinheiro, descontado o necessário para a sua subsistência; isso merece a denominação de liberalidade; mas caso tolere o gasto além do limite, então será imbecil, e caso o empregue inadequadamente será esbanjador, e, se acaso for generoso em prejuízo de sua própria subsistência, será dilapidador, e o praticante da dilapidação é odioso e miserável, e o miserável não tem brio, e quem não tem brio não tem pudor, e quem não tem pudor não tem fé, e quem não tem fé é melhor que morra. Em seguida vem o enfrentamento do perigo, que não verás ultrapassar um desses três estágios: ou é pelo mundo, na disputa com outros mundanos; ou é pela outra vida, para ali assegurar o seu destino; ou é pela veemência da cólera; quanto ao primeiro estágio, não encontrarás mercador que troque sua mercadoria por algo de menor valor senão o néscio: assim, quem se intromete numa guerra para doar a vida por algo de valor inferior, na busca [pelas coisas] do mundo, está em evidente perda, e inconseqüência é a sua melhor denominação; quando à segunda, em busca da outra vida, quem por ela doa a sua vida receberá o valor satisfatório [em comparação] ao que doou, pois se trata de valor perene, ao passo que o doado é finito, e é nisso que consiste a coragem; quanto à terceira — a veemência da cólera — a cólera é estupidez, e os que a têm só merecem por ela ser

denominados, a não ser que tenham saído vitoriosos após uma injustiça [sofrida]. Em seguida vem a facúndia na linguagem e a opulência no discurso, e seus limites são a concisão na fala e a precisão no sentido: eis aí a eloquência; porém, se acaso se equivocar, a denominação de desvario lhe será mais adequada. Em seguida vem o longo silêncio, o qual, se for reflexão, será quietude de inteligente, ou, caso contrário, impotência de néscio. Em seguida, vem o contentamento com o pouco, o qual, se for consideração pela recompensa [da outra vida] e abstinência de ganhos ilícitos, então será temperança, ou, caso contrário, idiotice, pois tal passividade terá sido provocada pela falta de artimanha. Em seguida vem a [ação somente mediante] asseguuração e ponderação, as quais, se forem prevenção contra o ilícito e exame das consequências, serão reflexão e sutileza, ou, caso contrário, embasbacamento e desperdício de opinião. Em seguida, vem a prática da *administração*, da qual se pode dizer algo semelhante: caso se dê com conhecimento, de modo que os pés não escorreguem, mas sim permaneçam firmes, será arrojo e energia, ou, do contrário, será açodamento de equivocado, e no açodamento tanto o equivocado como o acertado não são louváveis. Em seguida vem o reconhecimento pelo favor feito: o nobre planta a benesse [recebida] no coração, e a nutre com sua gratidão, e a cria rememorando o relevo dela para o seu espírito, sempre a magnificá-la por pequena

que seja e a aumentá-la por parca que seja, até a morte, sendo também assim o granjear favores e a obtenção de recompensas; já o miserável não encontra para a benesse nenhum eco em seu ser, exceto sua doçura entre uma patuscada e outra, esquecendo-a, porém, assim que lhe atravessa a goela, e se porventura lhe ocorrer lembrá-la, desdenhará a grandiosidade do que se lhe deu, considerando fastidioso aquele muito [que ganhou] e supondo que isso não passa de mera obrigação para consigo: eis aí a degradação do favor, o rebaixamento da benesse e o desperdício da doação. Em seguida vêm a riqueza e a capacidade, cujas qualidades, no inteligente, são a modéstia e a simplicidade, e, no néscio, a presunção e a arrogância. Em seguida vem o ascetismo, cujo mérito o inteligente escolhe como adorno, logo se ampliando seu desejo por ele, ao passo que o néscio se pavoneia com o ascetismo por vaidade, fama e artimanha para lograr alguma coisa ou por eventual hábito e instinto corporal, como sói suceder aos néscios;¹¹⁵ ademais, tal proceder, ainda que se prolongue no tempo, sofrerá inevitável retrocesso, e enfrentará marchas e contramarchas até que os receios [que levaram ao ascetismo] se desvaneçam.¹¹⁶ Em

115 Como o trecho é incompreensível, a tradução se baseou nas conjecturas de ʿAbdulqādir Almahīrī.

116 “Tal proceder [...] desvaneçam” traduz ذلك العمل وإن طال الزمان عليه يرجع القهقرى على عقبه ثم يسير حتى تزول الشوك عنه (dālīka alʿamalu wa in ṭāla

seguida vem a justificativa dos delitos cometidos: no perspicaz, ela é reconhecimento e busca de perdão, e no débil, negação e vitória de seu erro; o primeiro se justificará com desagravo e se arrependerá para fazer boas ações, ao passo que o segundo aumentará a obstinação e insistirá nas más ações. Em seguida vem a satisfação,¹¹⁷ que para o inteligente é construção fortificada que pensamentos suspeitosos não demolem, madeira sólida que calúnias de detratores não abalam, e véu espesso que invejadores de benesses não arrancam, ao passo que no néscio é como sombra de nuvens ou como pluma no deserto, que os ventos carregam de um lado a outro. Em seguida vem a consulta de opiniões: o inteligente consulta comparando as diversas opiniões [que lhe são emitidas] com a sua própria, medindo umas pelas outras, a fim de que a sua escolha recaia

azzamānu ʿalayhi yarjaʿu alqahqarà ʿalà ʿaqibayhi tumma yasīru ḥattà tazūlu aššukūku ʿanhu). Trata-se de formulação que, para além de sua complexidade, decerto contém erros e lacunas que lhe dificultam a compreensão.

- 117 “Satisfação” traduz [رضا] [رضى (*riḌān*)], e indica a aceitação sincera daquilo que se obtém. Embora não exista termo mais adequado para traduzi-lo em português — “resignação”, por exemplo, tem um componente de amargura que semanticamente não corresponde ao termo árabe, ao passo que “aceitação” é por demais genérico —, deve-se notar que o alargamento de seu campo semântico para “alegria” pode ser um entrave a tal adequação. Em francês, traduziu-se como “*la façon de dire oui*”, o que é inaceitável em português.

na mais certa e próxima do caminho da correção, ao passo que o néscio só consulta hesitando, e as opiniões que ouve não o fazem senão ficar mais embasbacado perante as variáveis que escuta e a diversidade de pareceres, até que ele resvala no perigo e é atingido pelo indesejável.

Então o terceiro vizir se voltou para o raposo e lhe perguntou:

— Supondo que tenhas convivido com muita gente, descreve para nós o que experimentaste do carácter de quem conviveste dentre os mundanos, e o modo como foram constituídos no apego ao mundo, e como evitá-lo.

Respondeu o raposo:

— A todos eu experimentei conforme o seu modo de proceder,¹¹⁸ e lhes conheci conduta e método, e lhes averigui as tendências do comportamento: verifiquei que essa gente toda possui cada qual sua essência,¹¹⁹ modificada por bem poucos, pois o incidental na constituição de cada um é

118 “A todos [...] proceder” traduz كل بلوته على شاكلته (*kullun balawtuhu ʿalà šākilatihī*), mas uma disposição diferente dos diacríticos poderia levar a ler a segunda palavra como *balwatuhu*, o que levaria a traduzir: “a todos a provação se dá conforme seu proceder”, o que também é verossímil.

119 “Essência” traduz جوهر (*jawhar*), palavra que também pode ser entendida como “natureza”. Preferiu-se “essência” por sua melhor oposição a “incidente”, que vem a seguir.

artificial, não se manifestando senão a custo nem suportando, ademais, o peso da divergência [provocada] por sua mescla.¹²⁰ As pessoas creem mais em seus olhos que em seu coração,¹²¹ e se lhes fosse oferecido à contemplação algo que lhes alegre a alma e alguém então os convidasse a desfrutá-lo, mesmo que ao lado disso residisse a sua total aniquilação, os entregues a tal aniquilação, conquanto a conheçam de antemão, serão mais numerosos que os resistidores. Com efeito, o raio de visão avista os locais de boa caminhada, o rosto formoso, a beleza exterior e os bosques floridos, não consistindo em nenhum espanto que quem vê o aspecto externo [de algo] e ignora o interno passe a desejá-lo; espantoso, isso sim, é aquele que, compreendendo tal aspecto interior e sabendo que o seu desfrute consiste em veneno mortal, desmente seu saber e acredita em seus olhos, bem como aquele que, guiando-se por sua vista enganada, cobiça qualquer ilusão de nuvem que ele suponha vá provocar chuva, vigiando os restos que eventualmente deixa ao partir; sua visão não lhe

120 Embora a formulação seja um tanto ou quanto confusa, a ideia central que comporta não o é: o caráter é basicamente pensado como portador de um elemento fixo, sua essência, e de elementos por assim dizer flutuantes, incidentais; a modificação, que teria necessariamente de provir destes últimos, não se efetua justamente por causa de sua debilidade.

121 O coração, não custa insistir, é a sede do entendimento.

causa senão o aumento da sede, e a sede não lhe causa senão o aumento da volúpia; prefere o presente ao ausente. [...] ¹²² Isso prevalece nos mundanos, excetuado o homem a quem Deus concedeu intelecto abundante, reforçado pelo êxito; esse homem esmiúça a própria aljava, cujas flechas espalha a fim de examiná-las uma a uma, escolhendo afinal uma flecha que não se perderá, pois desemplumada da falsificação produzida pela tentação do desejo, nem se enfraquecerá, pois desprovida de esperanças mendazes; dispara-a do arco com um desígnio que não é abjeção e com um arrojo que a suspeita não retarda; apenas a dispara, a flecha atinge o ponto mortal desta vida mundana, ¹²³ que ele abandona presa de calamidade e vítima de ódio, sem a chorar, pois o amor por ela não aderiu a seu coração nem seu esplendor o seduziu para que dela tenha saudades; para ele, essa vida mundana é como um cadáver cuja efemeridade ele não desfruta senão obrigado, sem o desejar, não ultrapassando o estritamente necessário, até ser convidado para o banquete dos tempos

122 Nesse ponto, ocorrem no texto algumas linhas praticamente incompreensíveis, conforme afirma o responsável pelo texto árabe. Todavia, trata-se claramente do mesmo tom predicante de toda a passagem.

123 “Vida mundana” traduz *الدنيا* (*addunyā*), literalmente, “mundo”.

imorredouros,¹²⁴ e aceitá-lo. Quanto aos outros homens, são irmãos, [apesar de] suas diversas modalidades: cada qual foi impedido, por algum mistério que o cega, do conhecimento de sua alma e da compreensão de seu [efetivo] valor em relação aos outros, e então ele acredita possuir superioridade, ainda que o seu quinhão seja needade e doença; mas se acaso o seu intelecto se corrigisse, arruinada estaria a vida mundana. Quando o altíssimo e excelso os criou em diversas categorias, fez uns homens superiores a outros, em níveis, e os tornou iguais na morte. Investiguei os caracteres dos povos e constatei que a amizade do néscio e a hostilidade do inteligente consistem no mesmo perigo, bem como iguais em infâmia são a simpatia pela needade e a antipatia pelo intelecto,¹²⁵ e também que a suposição do inteligente está mais próxima da correção que a certeza do néscio, e, ainda, que a trapaça do inteligente é menos nociva que o conselho

124 “Tempos imorredouros” traduz القرون الخالية (*alqurūn alḥālyā*), literalmente, “os séculos passados”, figura retórica que lança mão do recurso da contradição, dizer o contrário do que se pretende. Contudo, o sintagma poderia, forçando-se um pouco a mão, ser entendido como “os séculos vazios”, isto é, desprovidos de tempo.

125 “Simpatia pela needade” e “antipatia pelo intelecto” traduzem, respectivamente, الأُنس بالجهل (*aluns bi-ljahl*) e الوحشة من العقل (*alwaḥṣa min al-aql*), que contêm, pela ordem, os semas de “familiaridade” e “estranhamento”.

do néscio, e, enfim, que o inteligente preserva melhor os segredos confiados que o néscio. Nunca vi mentiroso que tivesse vergonha, nem cobiçoso que tivesse riqueza, nem glutão que tivesse honestidade, nem mesquinho que tivesse misericórdia, nem desesperado que tivesse audição e visão, nem avarento que tivesse amigo, nem pândego que tivesse palavra, nem invejoso que tivesse descanso, nem sóbrio que tivesse miséria, nem depravado que tivesse respeito, nem quem saia ileso [do convívio] com os homens, nem criatura amarga que fosse tragável, nem alguém equânime consigo mesmo ou satisfeito com seu tempo ou justo quando confrontado por sua paixão.

Disse o terceiro vizir:

— Agora descreve para mim o inteligente.

Respondeu o raposo:

— O inteligente tem o êxito de ser bem guiado em todas as suas questões: não o verás senão aconselhando os dirigentes, venerado pelos líderes, frequentador dos doutores da lei, leal com os amigos e cauto com os inimigos, não invejador dos companheiros nem trapaceador com os virtuosos, nem cercado por malvados, nem intrigante com o alheio, nem rechaçador de quem lhe busca os favores, nem descuidado com a *administração*, nem avarento na riqueza, nem subserviente na pobreza, nem desguarnecido na cólera, nem direcionado

à paixão, nem refutador do destino ou dele dependente, nem encarregado do que está acima de suas forças, nem buscador do que não se alcança, nem comprometido com o que não pode, nem investidor no que não lhe trará retorno, nem pleiteador de recompensa que não esteja na medida de seu esforço [para obtê-la], nem feliz com o que dele se diz senão com aquilo de que se considera merecedor, por saber que se encarregar do que supera suas forças é estupidez, e buscar o que não se alcança é exaustão, e prometer o que não realizará é impertinência, e investir sem benefício é inépcia, e pedir recompensa sem esforço é ridículo, e pretender prestígio sem merecimento é precipitar-se à aniquilação.

Disse o terceiro vizir:

— Agora então descreve o néscio.

Respondeu o raposo:

— É aquele a quem vês contradizer-se, admirar-se de sua própria conversa, elevar a voz com suas risadas, lançar conjecturas de modo equivocadas, abandonar-se às facécias com gente que não é de sua confiança, repelir o saber, responder sem entender, emitir opiniões sobre aquilo cuja essência ignora, afastar-se dos doutores da lei, entrar em controvérsias com os sábios, exceder-se em importunações, e oprimir aqueles com quem convive; quando o domina o mau-caratismo e nele predomina a

natureza vil, tenderá inteiramente à cupidez do mal: seus apetites se multiplicarão e será mesquinho com o que empalma, e se acaso a sua mão por descuido se antecipar praticando alguma ação pia, ele a corromperá com exigências [de compensação], provocando o seu extravio; se enriquece, torna-se petulante; se empobrece, humilha-se; alegra-se com ninharias e bagatelas; sujeita-se a miseráveis cobiças; desperdiça a sagacidade em mesquinhas; cheio de ciúmes no apego ao dinheiro que lucrou e na dedicação aos bens que amealhou, mais eficaz e enérgico que o general que durante a guerra faz jorrar o próprio sangue e o de seus comandados mediante a mais sutil *administração*,¹²⁶ recôndita perspicácia, rigorosa prevenção e clareza de visão, o néscio considera que ninguém além de si é digno de benesses, e a inveja o leva a desdenhar o que os outros possuem — embora ele cobice parte disso — e a superestimar o que ele próprio tem em mãos, e que se esforça em multiplicar.

Disse o terceiro vizir:

126 “Sutil administração” traduz أَلْفُ التَّدْبِيرِ (*alṭaf attadbīr*), título semelhante ao de mais de uma obra árabe. Na comparação entre o néscio e o líder militar, o que se pretende ressaltar é o esforço de ambos, cujas consequências, a despeito dos cuidados de que porventura se cerquem, serão inescapavelmente nefastas.

— Pode ocorrer, portanto, que no bem-dotado de intelecto se conjuguem características louváveis, mas ele nem sempre estará imune aos condenáveis defeitos que atribuíste a quem deles é dotado.

Respondeu o raposo:

— Informei-te que ninguém será perfeito em todas as características a ponto de não ser atingido por defeitos, pela frente ou pela retaguarda. O dotado de entendimento, porém, ainda que seja mesclado por algumas qualidades ruins, terá o intelecto como protetor que as vedará às vistas alheias, e se acaso não puder derrotar o que esconde, saberá cativar sua alma até que dela se aparte a má denominação, transformando-a em seu contrário; assim é que a covardia se fará cuidado; a avareza, valorização; a injúria, vitória; a cobiça, ganho; a tartamudez, quietude; a truculência, potência; o exagero na punição, adestramento; a cólera, força; a angústia, delicadeza; a malevolência, cuidado; o açodamento, arrojo; a solidariedade tribal,¹²⁷ altivez; o erro, destino; a injustiça, poder; a ilusão, confiança; a baixeza, humildade; o disparate, eloquência; e a dispensa do aconselhamento, autoconfiança. No caso do néscio, o uso das boas denominações se transfere

127 “Solidariedade tribal” traduz عصبية (*‘aşabiyya*), conceito fundamental — e de compreensão problemática — no eminente historiador Ibn Khaldun (1332-1406 d.C.).

para as más: assim, se acaso ele empregar a busca do saber, buscará o que não conhece; se empregar a generosidade, dilapidará; se empregar a coragem, conduzir-se-á à morte; se empregar a eloquência, perpetrará disparates, prejudicando quem o acompanha; se empregar a frugalidade, abandonará os ganhos e resvalará na mendicância; se tomar o brio¹²⁸ como adorno, será incomodado pelo tédio e entediará seu amado, além de outros; se empregar a suposição, suspeitará de si próprio; se empregar o aconselhamento, logo chegará àquilo de que não necessita; se empregar a afabilidade, soltará as rédeas diante de qualquer um que se lhe achegue; se se obrigar à paciência, expor-se-á à desgraça; se for agraciado com a obediência [alheia], rebelar-se-á contra seu Deus; se impuser a gratidão à sua alma, agradecerá sem que se lhe tenha feito nenhum favor; se arma uma cilada contra seu inimigo, enforcar-se-á com ela; se acaso tomar a precaução como lema, em sua aplicação irá bem além das coisas que deve temer,¹²⁹ assemelhando-se destarte à ave piscívora que, tendo se livrado a custo da rede de pescador onde se enredara um peixe por ela colhido, passou depois disso a não ver peixe que não supusesse tratar-se de rede estendida, abandonando

128 “Brio” traduz مرؤة (*murū’a*).

129 “Deve temer” traduz يكره (*yakrahu*), literalmente, “detesta”.

assim a caça de peixes por precaução, até morrer de fraqueza e inanição; se demonstrar alegria, rirá em demasia; se empregar a tolerância, adotará a injustiça e se manterá na iniquidade; se *administrar*, corromperá mais do que consertará; se evitar precipitar-se, não fará o que lhe interessa; e se pedir conselhos, aconselhar-se-á com malvados.

Perguntou o terceiro vizir:

— Informa-me, então, sobre o idiota astuto: de onde lhe advieram astúcia e trapaça, embora ele seja qualificado pela falta?

Respondeu o raposo:

— Nele somente se encontrarão tais características em questões muito pontuais,¹³⁰ ninharias e abjeções; o idiota nada recebe, em termos de *administração* oculta da astúcia e de artimanha¹³¹ sutil, que o [inteligente] mais merecedor disso não possua com motivo mais poderoso e objetivo mais amplo, além de mais abundante para seus propósitos; porém, a dignidade de desígnios do inteligente e a nobreza de seu caráter impedem-no de empregar seu entendimento naquilo

130 “Questões muito pontuais” traduz دقائق الأمور (*daqā'iḳ alumūr*), em que a primeira palavra pode ser também entendida como “agudas” ou “exatas”. Na verdade, trata-se de uma descrição por acumulação de palavras pertencentes ao mesmo universo semântico, como a seguinte سفاسف (*safāsif*), “ninharias”.

131 “Artimanha” traduz حيلة (*hīla*).

em que o idiota põe os olhos e blasona seu embasbacamento, o que é comumente verificável entre gentes perversas, além de criadas de baixa condição, pois certo sábio já disse: A tudo conheces, com exceção da mulher insensata. Não consideres, em absoluto, que isso [mencionado em tua pergunta] consista em algum mérito do idiota relativamente a quem tem inteligência superior à dele, devendo-se, antes, ao que te informei [nesta minha resposta].

Perguntou o terceiro vizir:

— Qual é o sinal que torna evidente o intelecto do homem antes mesmo de ser posto à prova e ter examinada a sua conduta?¹³²

Respondeu o raposo:

— É o contrário do que mencionamos quanto à prova [da necidade] do néscio. Contudo, a prova favorável é insuficiente para julgar aquele cujo intelecto não se manifesta, diferentemente da prova desfavorável para julgar o néscio,¹³³

132 “Ser posto à prova” traduz *إبتلاء خبره* (*ibtilā' ḥabarihi*), literalmente, “o reconhecimento das suas notícias”, e “ter examinada a sua conduta” traduz *أيامه تصفح* (*taṣaffuḥ ayyāmihi*), literalmente, “o revirar de seus dias”.

133 “É o contrário [...] néscio”: trecho de compreensão bem difícil. Traduziu-se *شاهد* (*šāhid*), literalmente “testemunha”, como “prova”, e *غائب العقل* (*ḡā'ib al-'aql*) como “aquele cujo intelecto não se manifesta”, muito embora literalmente o sintagma corresponda a “ausente de intelecto”. A formulação toda joga com a

pois as características meritórias podem ser simuladas por aqueles que a elas não são aptos, mas as características defeituosas não são simuladas por aqueles em cuja natureza elas não estão. Assim, em assembleias, ou em qualquer ponto por ele ocupado durante alguma reunião, pode suceder, não raro, que [ao néscio] vejas tolerante, condigno e grave e, quando lhe concedem a palavra, dele ouças uma explanação na qual avalie tão bem as coisas que será acatado pelos dotados de sabedoria em *administrar*. Porém, quando se retira da reunião e se propõe a *administrar* suas próprias questões, vê-lo-ás retomar a sua parca articulação, débil força, defeituosa opinião e parte estropiada do bem.

Perguntou o terceiro vizir:

— E se ele for dotado de cordura, dignidade, eloquência e [boa] língua?

Respondeu o raposo:

antítese dos participios ativos شاهد/غائب (*šāhid/gā'ib*), “presente/ausente”. Ademais, a relação lógica entre as assertivas não fica clara no texto, o que impõe à tradução uma grande dose de arbitrariedade. “Abulqādir Almahīrī traduz para o francês da seguinte forma: “*Ce sont les indices contraires de ceux que nous avons indiqués pour le sot. Cependant les indices favorables ne [permettent] pas de juger d'une intelligence cachée, comme les indices desfavorables permettent de juger la sottise*”.

— Nesse caso ele terá ouvido as [conversas nas] assembleias dos bons e [sobre] as virtudes dos piedosos, e afetará então ter essas coisas após consumir de seu intelecto o tanto de tempo necessário para com elas adornar-se e apartar-se da medida de seu caráter, tal como aquele que pega roupas emprestadas a fim de com elas embelezar-se entre homens honoráveis, mas assim que deles se aparta devolve a roupa aos donos.

Então o rei se voltou para ele e perguntou:

— Ó raposo, quem é aquele ante cujos olhos a vida mundana é desprezível?

Respondeu o raposo:

— Aquele que é nobre para com a sua alma.

Perguntou o rei:

— Qual é o homem de maior valor?

Respondeu o raposo:

— Aquele que não se importa com quem está o mundo.

Perguntou o rei:

— Qual é a melhor das obras?

Respondeu o raposo:

— Evitar coisas ilícitas.

Perguntou o rei:

— Qual é o mais sábio dentre os homens?

Respondeu o raposo:

— O que mais intensamente teme a Deus.

Perguntou o rei:

— Qual é o pior dentre os homens?

Respondeu o raposo:

— O sábio quando se corrompe.

Perguntou o rei:

— Quem não tem saber?

Respondeu o raposo:

— Quem não tem vontade.¹³⁴

Perguntou o rei:

— Quem não tem dinheiro?

Respondeu o raposo:

— Quem não tem habilidade.

Perguntou o rei:

— Qual dos homens é o mais merecedor de misericórdia?

Respondeu o raposo:

— Sábio que aceita julgamento de néscio.

Perguntou o rei:

— Qual dos homens é o mais merecedor de [ficar na] espera?

Respondeu o raposo:

134 Literalmente, “quem não tem intenção” – من لا نية له – (*man lā niyyata lahu*).

— Aquele de quem nada se espera.

Perguntou o rei:

— Quem é exitoso no bem?

Respondeu o raposo:

— O satisfeito com pouco, e que mantém íntegra a sua fé.

Perguntou o rei:

— Quem está exposto ao mal?

Respondeu o raposo:

— O satisfeito com muito, e que corrompe a sua fé.

Perguntou o rei:

— Quem é que devolve a boa ação, e a amplia?

Respondeu o raposo:

— Quem dela obtém lucro e proveito.

Perguntou o rei:

— Quem é o melhor servidor da mundanidade?¹³⁵

Respondeu o raposo:

— Quem cupidamente mantém uma longa esperança.¹³⁶

135 “Mundanidade” traduz الدنيا (*addunyā*), literalmente, “o [baixo] mundo”.

136 “Longa esperança” traduz literalmente طول الأمل (*tūl alamal*), sintagma que à primeira vista parece ter acepção positiva ou, quando muito, neutra. Contudo, sua constituição negativa era uma tópica na cultura islâmica, e o pressuposto disso é a passividade implícita em “esperança”: basicamente, a ideia de uma espera prolongada, infrutífera e paralisante, que impede ou prejudica as demais atividades.

Perguntou o rei:

— Qual, dentre os misteres humanos, é o mais temível?

Respondeu o raposo:

— A insistência no delito.

Perguntou o rei:

— Onde se deve procurar a fortuna?

Respondeu o raposo:

— Onde ela estiver garantida ao homem.

Perguntou o rei:

— E onde não a procurar?

Respondeu o raposo:

— Junto a alguém que esteja na mesma procura, sem garantias: falhará no compromisso, e mentirá em suas garantias.

Perguntou o rei:

— Contra quem é mais necessário precaver-se?

Respondeu o raposo:

— Contra aquele que recebeu contínuas benesses mas que persevera na desobediência.¹³⁷

Perguntou o rei:

— Quem é merecedor do mais imenso desprezo?

Respondeu o raposo:

137 É evidente que aqui a tendência é compreender que النعم (*anni'am*), "benesses", e المعاصي (*alma'āṣī*), "desobediência(s)", respectivamente, provêm de Deus e se dão contra ele.

— Aquele que perdeu sua alma e se privou do intelecto.

Perguntou o rei:

— Qual a coisa mais prazerosa?

Respondeu o raposo:

— Favorecer os amigos.

Perguntou o rei:

— Em quem a língua do elogio é pura?

Respondeu o raposo:

— Naquele que está puro de indecências.

Perguntou o rei:

— Quem tem acanhados desígnios?

Respondeu o raposo:

— Quem prefere aquilo que célere se esgota àquilo que perdura infinitamente.

Disse o rei:

— Descreve o mundo¹³⁸ para mim.

Respondeu o raposo:

— O mundo gera a morte, falta-lhe consistência¹³⁹ e volta atrás em suas dádivas; todos quantos nele estão correm

138 No original, الدنيا (*addunyā*), “[baixo] mundo”, que em árabe é palavra feminina, fato esse que confere maior agudeza às formulações do original; pode ser entendida como “vida mundana” ou “mundanidade”.

139 “Falta-lhe consistência” traduz ناقصة المبرم (*nāqīṣat almubram*), literalmente, “carente do [que é] consolidado”.

para onde não sabem, e todos quantos nele se assentam estão insatisfeitos com sua situação: eis um sinal de que não se trata de moradia permanente, mas sim ilusória e inconfiável, desprezando quem nele solta as rédeas, honrando quem o odeia, privando aquele de quem ele foge e sendo obtido por quem dele nada espera; o mundo procura e é procurado, e quem procura a outra vida é procurado pelo mundo, que lhe oferece riquezas, enquanto quem procura o mundo é procurado pela morte, que o retira do mundo; casa do efêmero, moradia temporária, é indesejado pelos venturosos e desejado pelos desventurados; sua riqueza é pobreza, e seu saber, needade; caminhar nele é revés, e seus dias, insegurança; o homem, cujo fim é a morte, deveria renunciar ao mundo desde o princípio.

Perguntou o rei:

— E quem melhor conhece o mundo?

Respondeu o raposo:

— Quem não se alegra com a prosperidade nem se entristece com a desgraça.

Disse o rei:

— Descreve para mim o amigo do mundo.¹⁴⁰

140 “Amigo do mundo” traduz *صاحب الدنيا* (*ṣāhib addunyā*), sintagma que ocorre logo no início de *Kalila e Dimna*. Indica aquele que deve obter êxito nos misteres mundanos.

Respondeu o raposo:

— É aquele que em todos os seus misteres está em guerra e manipulação: manipula o demônio por sua fé, o mundo por seu ofício, o caráter por sua melhora, as paixões para refreá-las, as doenças para repeli-las, a necessidade para pô-la à prova, as esperanças para alcançá-las e os dissabores para dissipá-los, podendo levá-lo algum desses procedimentos a olvidar outros, e aquilo que ele olvida se extravia, e quem extravia é corruptor, e o corruptor é corrupto; como não há meio de ser hábil em tanta coisa, sapiente será aquele que, disso tudo, [deixa] extraviar-se o excedente a fim de conservar o permanente.

Perguntou o rei:

— O que é a retidão?¹⁴¹

Respondeu o raposo:

— [Consiste em que] a modéstia seja para o homem mais amada do que a busca de honrarias, e o pouco que o mundo dá seja mais amado do que o muito, e que tanto superior como o inferior lhe sejam iguais perante a verdade, e que julgue o alheio como julga a si próprio.

Perguntou o rei:

— Qual obra é mais merecedora de prioridade?

Respondeu o raposo:

141 “Retidão” traduz صلاح (*ṣalāh*).

— A imensa obra do além [é mais prioritária] que a pequena obra do mundo.

Disse o rei:

— Descreve-me para mim o amigo do tempo.¹⁴²

Respondeu o raposo:

— Dizia-se: quem exerce a justiça [só] por um dia está enganado, e quem carrega consigo o mal de seu dia é desafortunado, e quem não sabe dar mais de si mesmo é deficiente, e quem vive na deficiência é melhor que morra.¹⁴³

Perguntou o rei:

— O que é a determinação no agir?

Respondeu o raposo:

— Cultivar em prol da outra vida como se a morte fosse amanhã, e cultivar em prol do mundo como se a vida fosse eterna.¹⁴⁴

142 “Amigo do tempo” traduz *صاحب الأيام* (*ṣāḥib alayyām*), literalmente, “companheiro dos dias”, sintagma cuja lógica semântica é similar ao anteriormente traduzido como “amigo do mundo”.

143 Conforme observa o responsável pelo texto, existe um problema de conexão lógica entre as formulações dessa resposta, o que talvez se deva a defeito de cópia.

144 Essa fala emula um *ḥadīṭ* atribuído ao profeta: *أحرت لدياك كأنك تعيش أبدا، واعمل لآخرتك كأنك تموت غدا* (*uḥruṭ li-dunyāka ka-annaka taʿīšu abadan, wa iʿmal li-āḥīratika ka-annaka tamūtu ḡadan*), “cultiva em prol do teu mundo como se fosses viver eternamente, e age em prol da tua outra vida como se fosses morrer amanhã”.

Perguntou o rei:

— O que é merecedor de pasmo?

Respondeu o raposo:

— Quem deseja mas não age, e teme mas não retrocede.

Disse o rei:

— Descreve-me o curso do tempo.

Respondeu o raposo:

Ele é [composto de] três dias: um ontem sapiente, mestre no qual enxergas a sabedoria; um hoje amigo, despedindo-se, que, de há muito ausente de ti, veio ter contigo sem que fosses ter com ele, e rapidamente te deixará; e um amanhã que, em longa ausência de ti, não virá ter contigo nem irás ter com ele, [pois] desconheces se acaso farás ou não parte dos seus.

Perguntou o rei:

— O que é que [de fato] existe?

Respondeu o raposo:

— Aquilo que se antecipa em prol da outra vida.

Perguntou o rei:

— Qual é o [verdadeiro] butim?

Respondeu o raposo:

— O butim das coisas que passam pelo mundo, aquelas que permanecem.

Perguntou o rei:

— Qual o mais perdido dentre os homens?

Respondeu:

— O que só confia em si próprio.¹⁴⁵

Perguntou o rei:

— Qual a coisa que mais justamente deve satisfazer?

Respondeu o raposo:

— O arbítrio de Deus,¹⁴⁶ pois o homem necessariamente mais aprende com o que o desgosta do que com o que gosta.

Perguntou o rei:

— O que melhor ajuda o homem na vida mundana?

Respondeu o raposo:

— A riqueza.

Perguntou o rei:

— O que melhor ajuda o homem na outra vida?

Respondeu o raposo:

— A pobreza.

Perguntou o rei:

— Onde estão as lições?

Respondeu o raposo:

145 “O que só confia em si próprio” traduz من وكل إلى نفسه (*man wukila ilà nafsihi*).

146 “O arbítrio de Deus” traduz اختيار الله (*iḥtiyār allāh*), mas pode ser também اختبار الله (*iḥtibār allāh*), “as provações [impostas] por Deus”, pois a diferença de grafia entre as duas palavras se reduz a um único pingo.

— Na ingratidão com as benesses.

Perguntou o rei:

— Onde é o desaguadouro das lições?

Respondeu o raposo:

— Nos túmulos sob a terra.

Perguntou o rei:

— Qual é o bem que nunca se acompanha de mal algum?

Respondeu o raposo:

— A gratidão pela boa saúde e a paciência ante a adversidade.

Perguntou o rei:

— Em que está a salvação?

Respondeu o raposo:

— No abandono do que gostas mas que a Deus poderoso e excelso desgosta.

Perguntou o rei:

— Quais são as quatro coisas que, detidas em conjunto ou apenas uma delas, farão de seu detentor o mais virtuoso dentre os seus?

Respondeu o raposo:

— Intelecto que o oriente, ou religião que o corrija, ou honra que o proteja, ou pudor que o resguarde.

Perguntou o rei:

— Qual a coisa mais doce?

Respondeu o raposo:

— A obediência.

Perguntou o rei:

— E quem tem paciência com ela?

Respondeu o raposo:

— Quem considera a rebelião uma enormidade.

Perguntou o rei:

— Qual a coisa mais amarga?

Respondeu o raposo:

— A verdade.

Perguntou o rei:

— E quem tem paciência com ela?

Respondeu o raposo:

— Quem conhece o seu próprio mérito.

Perguntou o rei:

— Com o que mais fortemente o demônio provoca?

Respondeu o raposo:

— Com o poder do soberano.

Perguntou o rei:

— Em que reside a perfeição?

Respondeu o raposo:

— Em três coisas: no conhecimento da fé, na paciência com os infortúnios e na boa *administração* da sobrevivência.

Perguntou o rei:

— Quando o coração se conscientiza das admoestações que nele foram depositadas?

Respondeu o raposo:

— Quando desperta [da embriaguez] do amor ao mundo, pois, caso se mantenha preso a esse amor, tais admoestações não lhe terão serventia; tornar-se-á como o corpo quando debilitado, para o qual são inúteis comida, bebida, sono e repouso.

Perguntou o rei:

— O que é o ascetismo?

Respondeu o raposo:

— É desviar a alma dos desejos mais queridos.

Perguntou o rei:

— Qual o pior dos filhos?

Respondeu o raposo:

— Aquele a quem a indolência leva à rebeldia.

Perguntou o rei:

— Qual o pior dos pais?

Respondeu o raposo:

— Aquele cuja bondade [para com os filhos] leva-o ao exagero.¹⁴⁷

147 “Aquele [...] exagero” traduz من دعاه البر إلى الإفراط (*man da‘āhu al-birru ilà alifrāt*). A questão, nessa frase, é a palavra *بر* (*birr*), cujo significado também pode ser “piedade filial”, o que, nesse caso,

Perguntou o rei:

— Quem não é corrigido pelo exame de si mesmo?

Respondeu o raposo:

— Quem não é corrigido pelo decoro¹⁴⁸ de seu Deus.

Perguntou o rei:

— Quem é estrangeiro?

Respondeu o raposo:

— Quem não tem amigo fraterno.¹⁴⁹

Perguntou o rei:

— Quem se sente abandonado?

Respondeu o raposo:

— Quem não tem companhia.

Perguntou o rei:

— Existe alguma benesse que desgoste?

Respondeu o raposo:

— A benesse do iníquo.

Perguntou o rei:

— O que recebe quem pede ao generoso?

Respondeu o raposo:

levaria a traduzir como “aquele a quem a piedade filial o faz abusar [dos filhos]”, conforme se fez em francês.

148 “Decoro” traduz *أدب* (*adab*). Na tradução francesa, optou-se por “ensinamento”.

149 “Amigo fraterno” traduz *أخ* (*ah*) — cujo sentido primeiro é o de “irmão” —, mesmo procedimento adotado logo adiante.

— Regozijo e felicidade.

Perguntou o rei:

— O que recebe quem pede ao mesquinho?

Respondeu o raposo:

— Cólera e decepção.

Perguntou o rei:

— Com o que se destaca o nobre?

Respondeu o raposo:

— Com a crença em Deus.

Perguntou o rei:

— Com o que o homem prevalece?

Respondeu o raposo:

— Com quatro: saber, decoro, entendimento e honestidade.¹⁵⁰

Perguntou o rei:

— O que é o pior deste mundo e da outra vida, e o melhor de ambos?

Respondeu o raposo:

— Isso se encontra em quatro: na impiedade, na pobreza, na riqueza e na piedade.¹⁵¹

Perguntou o rei:

150 Esses quatro elementos traduzem respectivamente علم (*ilm*), أدب (*adab*), فقه (*fiqh*) e أمانة (*amāna*).

151 Esses quatro elementos traduzem, respectivamente, كفر (*kufr*), فقر (*faqr*), غنى (*ġinàn*), تقي (*tiqàn*).

— O que para toda gente é mais apreciado que a dádiva?

Respondeu o raposo:

— Palavra generosa e face risonha.

Perguntou o rei:

— Em que estão o louvor e a glória?

Respondeu o raposo:

— Não há louvor sem ação, nem glória sem dinheiro.

Perguntou o rei:

— Qual o melhor dentre os comensais e companheiros?

Respondeu o raposo:

— Aquele cujo proveito é o bem na religião; quem não for assim deve ter a companhia rechaçada.

Disse o rei:

— Descreve-me a fé.

Respondeu o raposo:

— É aquilo aquém do qual não há riqueza e além do qual não há pobreza.

Perguntou o rei:

— Com o que se resigna o inteligente?

Respondeu o raposo:

— Com as agruras que se lhe sucedem, e isso por meio de duas coisas, a primeira das quais é a alegria com o que o atinge, e a segunda, a esperança de alívio do que lhe sucedeu, ao passo que o néscio se desespera com as desgraças

que se lhe sucedem mediante duas coisas, a primeira das quais é aumentá-las, e a segunda é torná-las mais graves [do que são].

Perguntou o rei:

— Qual é o mínimo que o benfeitor deve exigir daquele a quem concede uma benesse?

Respondeu o raposo:

— Que não a empregue na desobediência.

Perguntou o rei:

— Que coisa em algumas pessoas é mais feia que em outras?

Respondeu o raposo:

— Dizia-se: cinco coisas são feias em cinco [pessoas]: cupidez em recitadores [de Alcorão], truculência em líderes, avareza em endinheirados, indecência em gente de boa cepa e ganância em gente da qual se espera generosidade.

Disse o rei:

— Descreve-me as benesses e os pecados.

Respondeu o raposo:

— As benesses de Deus são tantas que é impossível agradecer por elas, exceto aquelas para as quais ele auxiliou [diretamente], e os pecados da humanidade são tantos que deles não se pode escapar, salvo os que forem perdoados.

Perguntou o rei:

— Quando o obséquio é melhor?

Respondeu o raposo:

— Quando é feito para gente de dignidade ou fé.

Perguntou o rei:

— O que faz uma suposição ser acertada?

Respondeu o raposo:

— Se a suposição não for cercada pelo intelecto verossímil,¹⁵² vagará pelo erro ou com ele se cruzará.

Perguntou o rei:

— Mediante o que se reconhece um homem?

Respondeu o raposo:

— Mediante aquilo que faz sempre.

Perguntou o rei:

— O que subtrai a respeitabilidade a um homem?

Respondeu o raposo:

— O excesso de riso.

Perguntou o rei:

— E o que o leva a ser desdenhado?

Respondeu o raposo:

— O excesso de pilhérias.

Perguntou o rei:

152 “Intelecto verossímil” traduz العقل الراجح (*alʿaql arrājih*). A formulação completa é إن لم يكتفه العقل الراجح فهو في الخطأ سائح أو بارح (in lam yaktanifhu alʿaql arrājih fa-huwa fī alḥaṭaʿ sāʿih aw bāriḥ).

— O que mais lhe derruba a argumentação?

Respondeu o raposo:

— O excesso de conversa.

Perguntou o rei:

— O que existe no excesso de conversa?

Respondeu o raposo:

— Falta de pudor.

Perguntou o rei:

— O que existe na falta de pudor?

Respondeu o raposo:

— A morte do coração.

Perguntou o rei:

— O que existe na morte do coração?

Respondeu o raposo:

— A debilidade da fé.

Perguntou o rei:

— Em que lugar reside a segurança?

Respondeu o raposo:

— O lugar da segurança é o silêncio.

Perguntou o rei:

— Onde se provoca o arrependimento?

Respondeu o raposo:

— No excesso de conversa. O poeta disse a respeito:

“Morre o jovem por um tropeço de sua língua,

e o homem não morre por um troço da perna;
um troço na fala lhe decepa a cabeça,
e o troço da perna se cura devagar”.¹⁵³

Perguntou o rei:

— Quem é generoso no doar?

Respondeu o raposo:

— Aquele que tem certeza da retribuição.

Perguntou o rei:

— Como se recebe a paciência?

Respondeu o raposo:

— Conforme a desgraça.

Perguntou o rei:

— Como se recebe o auxílio?

Respondeu o raposo:

— Conforme o encargo.

Perguntou o rei:

— Com o que se torna puro o afeto fraterno?

Respondeu o raposo:

153 Hemistíquios atribuídos a Ja'far Aṣṣādiq, morto em 848 d.C., sexto imame da seita xiita dos duodecimames e descendente em linha direta de 'Alī Ibn Abī Ṭālib (m. 661 d.C.), quarto califa do islã e primo do profeta.

— Com três [procederes]: dar amplo espaço [ao amigo fraterno] quando se acomoda, tomar a iniciativa de saudá-lo, e chamá-lo pelos nomes que mais aprecia.

Perguntou o rei:

— Qual o melhor ato piedoso?

Respondeu o raposo:

— O aguardo do alívio.

Perguntou o rei:

— Como ficará o mundo após a nossa partida?

Respondeu o raposo:

— Igual a como ficou após a partida dos outros.

Disse [o narrador:]

Admirado com as palavras que dele ouviu, e com o que viu de seu bom intelecto, da qualidade de seu discurso e palavras, da sagacidade de seu parecer e da firmeza de sua argumentação, o rei determinou que lhe dessem um valioso prêmio. Ordenou também que ele se instalasse em sua vizinhança, próximo à sua casa, e ia consultá-lo quando algum assunto perigoso ou auspicioso lhe sobrevinha, agindo conforme seus pareceres e conselhos, até que morreu.

تم الكتاب والحمد لله رب العالمين

Concluiu-se o livro, graças a Deus, senhor dos universos.

ENDNOTES

- I Os provérbios الأمثال
Todas as referências, salvo indicação expressa em contrário, foram traduzidas da obra مجمع الأمثال (*Majmac AlamĒāl*), “Confluência de Provérbios”, de Aḥmad Almīdānī (m. 1124 d.C.).
هذا أحق منزل بترك (*hādā aḥaqq manzil bi-tark*).
Utiliza-se para tudo quanto mereça ser abandonado, seja homem, vizinhança etc.
- II ما عقالك بأشوطه (*mā ‘iqāluḳa bi-unšūṭa*).
Ou seja, a tua afeição não é frágil.
- III هو على حبل ذراعك (*huwa ‘alā ḥabl dīrā‘ika*).
Ou seja, a questão está por tua conta. Aplica-se quando o que se busca está próximo. [...] Aplica-se a quem em nada diverge de seu amigo, devido à sua fraternidade e por temor de prejudicá-lo. Ou seja, ele é como desejas em termos de obediência e lealdade a ti.
- IV المؤمن مرأة أخيه (*almu‘min mir’āt aḥīhi*).
O profeta, que as preces e a paz de Deus sejam sobre ele, disse: “Cada um de vós é o espelho de vosso irmão, e se acaso nele vir algum mal, que para longe dele o afaste”. Apud Ibn cAbd Rabbihi (860-940 d.C.), العقد الفريد (*Al‘iqd Alfariḍ*), “O colar singular”.
- V إن الشفيق بسوء ظن مولع (*inna aššafīḳa bi-sū’ ḡannin mūla‘*).
Aplica-se a quem se preocupa com seu companheiro, por quase sempre supor que lhe ocorreu algum acidente, tal como sucede com as mães relativamente a seus filhos.

- VI سَلَطَ اللهُ عَلَيْهِ الْأَيْمِينَ (*sallaṭa Allāhu ʿalayhi alayhamayn*).
Também se diz “os dois cegos”, isto é, a enchente e o camelo enfurecido.
- VII التَّقَدُّمُ قَبْلَ التَّنَدُّمِ (*attaqaddum qabla attanaddum*).
Este [provérbio] é semelhante ao dizer deles “safa-te antes da batalha” [cf. *infra*, XXX]. Aplica-se quando vais enfrentar alguém com quem não podes, ou seja, apressa-te ao que está em teu pensamento antes de te arrependeres.
- VIII الْعَزِيمَةُ حَزْمٌ وَالْإِخْتِلَاطُ ضَعْفٌ (*alʿazīma ḥazm wa aliḥtilāṭ duʿf*).
Esta é uma fala de Akṭam Bin Ṣayfi [orador pré-islâmico, m. 630 d.C.]. Aplica-se à confusão de opinião e ao que ela implica de erro e fraqueza.
- IX خَذَ الْأَمْرَ بِقَوَائِلِهِ (*ḥuḍ alamr bi-qawābilihī*).
Ou seja, pela frente. Quer dizer, administra-o [o problema] antes que a sua administração te escape. [...] Aplica-se à ordem para enfrentar os acontecimentos.
- X شَرَّ الرَّأْيِ الدَّرِي (*šarr arraʿī adduburī*).
É a opinião que se emite e ocorre os fatos já consumados.
- XI قَبْلَ الرَّمِي يَرِاشُ السَّهْمِ (*qabla arramī yurāš assahm*).
Aplica-se para a preparação do equipamento antes da necessidade. Assemelha-se a outro dizer: antes dos disparos se encham as aljavas.
- XII كُلُّ أَزَبِّ نَفُورٍ (*kullu azabb nafūr*) [literalmente, “todo aquele de sobrelanceira peluda é assustadiço”].
E isso porque todo quadrúpede azabb, o que tem muito pêlo nas sobrelanceiras, costuma ser assustadiço, pois os ventos o atingem e ele se assusta. Aplica-se ao defeito do covarde [...].
- XIII اسْتَمْسَكَ فَإِنَّكَ مَعْدُوكَ (*istamsik fa-innaka maʿduwun bika*).
Aplica-se ao lugar [em que se deve ter] prevenção, pois o destino pode conduzir-te para aquilo que te foi decretado [...].
- XIV لَمْ يَفُتْ مَنْ لَمْ يَمُتْ (*lam yafut man lam yamut*).
Esta é uma fala de Akṭam Bin Ṣayfi. Ele diz: “Quem morreu é que verdadeiramente passou”.

- XV *سواء هو والعدم (siwā' huwa wa al'adam).*
 [...] Também se diz: ele e o deserto se equivalem, ou seja, se te hospedares com ele é como se te hospedasses num deserto. [...] Aplica-se à avareza.
- XVI *ليس الري عن التشاف (laysa array'an attaşāff).*
 [...] Aplica-se quando o homem se resigna com uma parte do que necessita, ou seja, a tua satisfação de uma necessidade não está em colhê-la por inteiro, e se colheres a maior parte, dá-te por satisfeito.
- XVII *قد يبلغ الخضم بالقضم (qad yublag alħađm bi-lqađm).*
 [Conta-se que] um beduíno foi visitar um primo em Meca e lhe disse: Esta terra não é de encher a boca, mas sim de morder pelas beiradas. O sentido do provérbio é: podes atingir o propósito distante com habilidade, tal como a satisfação do apetite se atinge mordendo-se com o canto da boca.
- XVIII *يركب الصعب من لا ذلول له (yarkabu ašša'ba man lā ḡalūla lahu).*
 Ou seja, o homem só se abalança à dificuldade se não conseguir seu intento com facilidade. Aplica-se à resignação com a obtenção de parte do que se necessita.
- XIX *راض من المركب بالتعليق (rāđin min almarkab bi-tta'liq).*
 Ou seja, satisfaz-te [trocando] as coisas muito grandiosas por outras. Aplica-se à resignação com uma parte do que se necessita. E a [palavra] embarcação pode estar no sentido de embarque, ou seja, satisfaz-te, em lugar do embarque, em pendurar as tuas coisas na embarcação. Também é possível que indique aquilo em que se monta, ou seja, satisfaz-te em pendurar-te nele quando chegar a tua hora e vez.
- XX *إن الرئينة تفتأ الغضب (inna arrađina tafta' alġađab).*
 [...] Conta-se que um homem se hospedou com algumas pessoas contra as quais estava irado, mas, estando igualmente esfomeado, deram-lhe esse leite azedo com açúcar e então a sua ira se aplacou. Aplica-se ao regalo, ainda que parco, cuja consequência é a concórdia.

- XXI من يَنكح الحسناء يعط مهرها (*man yankah alḥasnā' yuṭī mahrahā*).
Ou seja, quem procura algo se preocupa com ele e por ele despende seu dinheiro. Aplica-se à adulação com dinheiro.
- XXII من استرعى الذئب ظلم (*man istarʿa adḍi'ba ḡalama*).
Ou seja, é injusto com o gado. Pode também ser que se pretenda: é injusto com o lobo, pois lhe impõe algo que não está em sua natureza. Aplica-se a quem atribui um encargo àqueles que não são de confiança.
- XXIII يَخْطُ خِطَ عِشْوَاءَ (*yaḥbuṭ ḥabṭa ʿašwāʾ*).
Aplica-se a quem se desvia de algo sem o perceber, e a quem se precipita irrefletidamente em algo.
- XXIV رَبِّ صَلَفٌ تَحْتَ الرَّاعِدَةِ (*rubba ṣalaf taḥta arrāʿida*).
Aplica-se a quem é avarento mesmo na alegria e abastança.
- XXV مَا يَقَعُّعُ لَهُ بِالشَّنَانِ (*mā yuqaʿqaʿ lahu bi-ššānān*).
Aplica-se a quem não se rebaixa ante os infortúnios do destino, nem se aterroriza com o que lhe sucede.
- XXVI بَيْنَ الْعِصَا وَلِحَائِهَا (*bayna alʿaṣā wa liḥāʾihā*).
Indica a extrema proximidade entre duas coisas.
- XXVII جَذَلٌ تَحْكَاكُ (*jadl tiḥkāk*).
Aplica-se ao homem que se resolve com opinião e intelecto próprios.
- XXVIII إِذَا حَكَّكَتْ قَرْحَةً أَدْمِيَّتَهَا (*iḍā ḥakakta qurḥatan admaytahā*).
É um provérbio de cAmrū Ibn Alcāṣ [líder político e militar muçulmano, m. 664 d.C.], que se retirara [da vida pública] durante o califado de cUṭmān Ibn cAffān [terceiro califa muçulmano, m. 656 d.C.], que Deus esteja dele satisfeito, e quando lhe chegou a notícia de que ele fora cercado e morto, disse: “Eu sou Abū cAbdillāh, e quando arrancas a casca de uma ferida a fazes sangrar”, frase essa que se tornou provérbio, indicando a certeza de que determinada suposição ocorrerá. Apud Ibn Ḥamdūn (m. 1166), التذكرة الحمدونية, (*Attadkira Alḥamdūniyya*), “A Recordação de Ḥamdūn”.

- XXIX الحرب سجال (*alḥarb sijāl*).
 Usa-se como provérbio para alguma coisa que teu compa-
 nheiro faz relativamente a regadio ou corrida. Sua origem
 é o sijill, recipiente [assim chamado caso] contenha pouca
 ou muita água, mas não quando está vazio.
- XXX إن أردت المحاجة فقبل المناجزة (*in aradta almuḥājaza faqabla
 almunājaza*).
 O sentido desse provérbio é que salves a tua vida antes do
 enfrentamento com quem não podes.
- XXXI الصدق يني عنك لا الوعيد (*aṣṣidqu yunbī ʿanka lā alwaʿīd*).
 Diz-se: teu inimigo foge de ti por teu veraz [combate a ele] na guerra
 etc., e não por ameaças que não cumpres.
- XXXII اربع على ظلعك (*irbaʿ ʿalá zīʿika*).
 Aplica-se para alertar contra o enfrentamento daquilo para
 o qual não se tem energia suficiente. Apud Azzamaḥṣārī (m.
 1144 d.C.), المستقصى من أمثال العرب (*Almustaqṣà min Amṯāl AlʿArab*),
 “Livro Investigado sobre os Provérbios Árabes”.
- XXXIII تمسأ لليدين وللنم (*taʿsan lil-yadayn wa lil-fam*).
 Palavras ditas por quem quer ridicularizar o inimigo.
- XXXIV عصبه عصب السلعة (*ʿaṣabahu ʿaṣaba assalama*).
 A *salama* [acacia flava, planta cuja casca e folhas se usam
 para curtir couro], quando a querem arrancar, amarram-lhe
 o tronco com muita força para chegar a ela e à sua raiz [...].
 Aplica-se ao avarento do qual só se extrai algo a contragosto.
- XXXV أفلت رجل بجرعة الذقن (*aflata rajulun bi-jurayʿat adḡaḡn*).
 É como se fosse dito: escapei expelindo um traguinho. [...] Metáfora do que resta de seu sopro vital, isto é, que sua alma está em sua boca, ou nas proximidades, devido à proximidade entre o [lugar do] trago e o queixo.
- XXXVI إن دواء الشق أن تحوصه (*inna dawāʿ aṣṣaq an taḥūṣahu*).
 Aplica-se para o remendo da fissura e para o apagamento do ódio.

- XXXVII لهذا كنت أحسبك الجرع (li-hādā kuntu uḥsika aljar^c).
[...] Ou seja, é para isto que eu te criei, para afastares o mal ou trazes o bem. [...] A origem desse dito é que o homem alimenta seu cavalo com leite, e depois dele necessita para procurar algo ou para fugir, e então diz: é para isso que eu fazia aquilo contigo.
- XXXVIII إذا أرخن شاصيا فارفع يداً (*idā arjaḥan šāṣyan fa-rfa^c yadan*).
Ou seja, quando ele [o inimigo] se prostra ao solo com as pernas erguidas, afasta as tuas mãos dele e não o agridas. Aplica-se ao perdão concedido ao inimigo quando já está humilhado e submetido. Apud Azzamaḥṣarī, op. cit.

Traduzido por Mamede Mustafa Jarouche

Nasceu em Osasco, em São Paulo. É bacharel em Letras (Português & Árabe) pela USP (1988); doutor em Letras (1997) e Livre-Docente (2009) em Literatura Árabe pela mesma universidade. Fez pós-doutorado pela Universidade do Cairo. Traduziu diversas obras do árabe para o português, entre elas, *As mil e uma noites* e *O leão e o chacal mergulhador*, ambas agraciadas com o Prêmio Jabuti de Melhor Tradução. Atualmente, é professor titular da Universidade de São Paulo, onde leciona desde 1992.

MANIFESTO PELA DEMOCRATIZAÇÃO DO DOMÍNIO PÚBLICO

Um Livro Extraordinário passou pelo teste do tempo e sobreviveu para nos contar sua história. Essas obras nos levam a outros lugares, nos apresentam pessoas e novos modos de pensar; nos transformam em exploradores e renovam as maneiras como experimentamos a vida cotidiana.

Ler é um ato de liberdade que transforma leitores em turistas imaginários. Todos têm o direito de visitar o País das Maravilhas, a Terra do Nunca, Lilliput, Camelot e até de viajar dentro da barriga de uma baleia. Queremos falar a mesma língua de Mowgli, do Pequeno Príncipe, do barão Münchhausen, de Mulan. Merecemos um passaporte universal. Nos recusamos a ser estrangeiros nos mundos extraordinários.

Libertaremos os mundos imaginários das estantes empoeiradas do domínio público. Abriremos suas portas escondidas sob o manto de outras línguas. Destruiremos as muralhas para revelar tesouros escondidos em outras línguas a leitores de zero a mil anos!

— •

literatura
livre

O projeto Literatura Livre, do Instituto Mojo de Comunicação Intercultural, traduz para o português as melhores obras da literatura, gratuitamente, em formatos digitais. A biblioteca que formou a identidade humana ao longo de mais de dois milênios está sendo reconstruída e organizada por nossa equipe e nossos apoiadores como uma ponte temporal, com temas tão atuais hoje como quando foram escritos. Nossa missão é aproximar o antigo e o novo, desmistificar o desconhecido, iluminar o conhecimento. Histórias geram empatia e transmitem sentimentos desde antes da escrita, e nós as usamos para estreitar os laços que nos unem como uma só espécie. A realização deste bem social conta com o apoio de parceiros, instituições e pessoas. Conheça quem está fazendo essa magia junto com o Instituto Mojo em nosso site e em nossas redes.



Desde 2018 o Instituto Mojo promove a aproximação cultural sem fronteiras. Em um mundo unido pelos meios digitais e dividido pelas diferenças culturais e ideológicas, tomamos como nosso o esforço de reunir a todos os interessados em conhecer, respeitar e promover a sua cultura e a de outros. Nosso primeiro programa se concentra na veiculação gratuita de obras em domínio público nas mais diversas línguas, sempre em versões bilíngues. Visite nosso site e veja como apoiar as nossas ações.

  @institutomojo

www.mojo.org.br

FICHA TÉCNICA



**SESC — SERVIÇO SOCIAL DO
COMÉRCIO**

[SOCIAL SERVICE OF COMMERCE]

Administração Regional no
Estado de São Paulo

[Regional Administration of São Paulo State]

Presidente do Conselho Regional

[Regional Board Chairman]

Abram Szajman

Diretor do Departamento Regional

[Regional Department Director]

Danilo Santos de Miranda

Superintendente de Comunicação Social

[Social Communication Superintendent]

Aurea Leszczynski Vieira Gonçalves

Superintendente Técnico-Social

[Social-Technical Superintendent]

Rosana Paulo da Cunha

Gerentes

[Departments]

Sesc Digital

Fernando Amoedo Tuacek

Ação Cultural

[Cultural Action]

Érika Mourão Trindade Dutra

Assessoria de Relações Internacionais

[International Affairs]

Heloisa Pisani



**INSTITUTO MOJO DE COMUNICAÇÃO
INTERCULTURAL**

[MOJO INSTITUTE FOR INTERCULTURAL COMMUNICATION]

Diretor Executivo

[Executive Director]

Ricardo Giassetti

Vice-Diretor Executivo

[Vice Executive Director]

Bruno Girello

Diretoria

[Board]

Tatiana Bornato, Thiago Fogaça, Luiz Fuganti,

Paulo Buarque de Gusmão

Conselheiro de Negócios

[Business Advisor]

Abel Reis

Curadoria Acadêmica

[Scholar Curatorship]

Ana Maria Haddad Baptista

Organizador e Produtor Literatura Livre

[Executive Producer]

Ricardo Giassetti

Curadores e Editores

[Curators and Editors]

Ricardo Giassetti, Renato Roschel e Camille Pezzino

Revisores

[Proofreading]

Camilla Pezzino, Rebeca Benício e Adriana Zoudine

Direção de Arte

[Art Director]

George Farwell

Ilustrações

[Illustrations]

Chrismontez de Brito

Editoração Digital e Ebooks

[Digital Art and Ebooks]

Fernando Ribeiro

Desenvolvedor

[Developer]

Andre Resende

Tradutores

[Translators]

Adriana Zoudine, Bruno Anselmi Matangrano, Camille Pezzino, Carol Chiovatto, Francisco de Araújo, Gabriel Naldi, Giovane Rodrigues Silva, Lica Hashimoto, Luciana Cammarota, Luis S. Krausz, Mamede Jarouche, Nana Yoshida, Nina Rizzi, Renato Roschel, Ricardo Giassetti, Safa AC Jubran.

Literatura Livre

Sesc São Paulo — Primeira Temporada, 2020

[Free Literature]

[Sesc São Paulo — First Season, 2022]

O Leviaatã (*Der Leviathan*, 1938), Joseph Roth (1894–1939);
Crônicas do Japão (*Nihonshoki*, 720), Príncipe Toneri (676–735)
e Ō-no-Yassumaro (?–723); ***Viagens de Gulliver*** (*Gulliver's
Travels*, 1726), Jonathan Swift (1667–1745); ***El Zarco*** (*El Zarco*,
1901), Ignacio Manuel Altamirano (1834–1893);
Contos folclóricos africanos Vols. 1 e 2 (*The Folk Tales from
Southern Nigeria* (1910), Elphinstone Dayrell (1869–1917);
Zanzibar Tales (1901), George W. Bateman (1850–1940);
Where Animals Talk (1912), Robert Hamill Nassau (1835–
1921); ***Os miseráveis*** (*Albukhalā'*, 868), Aljāhiz (776–868); ***Sra.
Fragrância Primavera*** (*Mrs. Spring Fragrance*, 1912), Sui Sin Far
(Edith Maude Easton, 1865–1914); ***Contos de crianças chinesas***
(*Mrs. Spring Fragrance*, 1912), Sui Sin Far (Edith Maude Easton,
1865–1914); ***As roupas fazem as pessoas*** (*Kleider machen Leute*,
1874), Gottfried Keller (1819–1890); ***Contos sardos*** (*Racconti
Sardi*, 1894), Grazia Deledda (1871–1936); ***Pássaros sem ninho***
(*Aves sin nido*, 1889), Clorinda Matto de Turner (1853–1909);
Coração das trevas (*Heart of Darkness*, 1899), Joseph Conrad
(1857–1924); ***Histórias do tio Karel*** (*Outa Karel's Stories: South
African Folk-Lore Tales*, 1914), Sanni Metelerkamp (1867–1945)

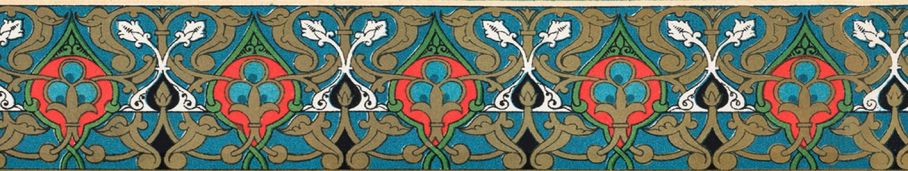
Literatura Livre

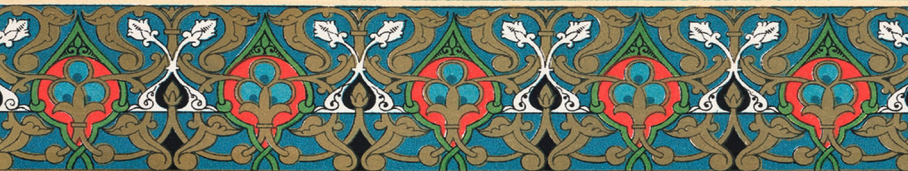
Sesc São Paulo — Segunda Temporada, 2022

[Free Literature]

[Sesc São Paulo — Second Season, 2022]

Mil novecentos e oitenta e quatro (*Nineteen Eighty Four*, 1949), George Orwell (Eric Arthur Blair, 1903–1950) • **Contos de amor de loucura e de morte** (*Cuentos de amor de loucura y de muerte*, 1917), Horacio Quiroga (1878–1937) • **Contos da selva** (*Cuentos de la selva*, 1918), Horacio Quiroga (1878–1937) • **O boneco raivoso** (*El juguete rabioso*, 1926), Roberto Arlt (1900–1942) • **O ventre de Nápoles** (*Il ventre di Napoli*, 1884–1905), Matilde Serao (1856–1927) • **A metamorfose** (*Die Verwandlung*, 1915), Franz Kafka (1883–1924) • **Hōjōki — Anotações na solidão da cabana** (*Hōjōki ou 方丈記*, 1212), Kamo no Chōmei (1153 ou 55–1216) • **O retorno** (*Возвращение*, 1946), Andrei Platonov (1899–1951) • **Gravuras cariocas** (*Aguafuertes cariocas*, 1930), Roberto Arlt (1900–1942) • **Xingu** (*Xingu*, 1916), Edith Wharton (1862–1937) • **Avatar** (*Avatar*, 1856), Théophile Gautier (1811–1872) • **A Bota de Ferro** (*The Iron Heel*, 1908), Jack London (1876–1916) • **Na baía** (*At the Bay*, 1922), Katherine Mansfield (1888–1923) • **Livro do tigre e do raposo** (*Kitāb Annamir wa Atta^ʿlab*, séc. 9), Hārūn, Sahl Bin (m.c. 830 d.C.) • **Contos malévolos** (*Cuentos malevolos*, 1904), Clemente de Palma (1872–1946)





سهل بن هارون

كتاب النمر والثعلب

مؤسسة «موجو» الثقافية

ساو باولو - البرازيل

تصميم مؤسسة «موجو» - القسم الفني

٢٠٢٣

بِسْمِ اللَّهِ الرَّحْمَنِ الرَّحِيمِ
وَصَلَّى اللَّهُ عَلَى سَيِّدِنَا مُحَمَّدٍ وَعَلَى آلِهِ وَصَحْبِهِ وَسَلَّمَ
قال سهل بن هارون الكاتب رحمه الله:

الحمد لله الذي فطر العباد على معرفته، وأكل الألسن عن صفته، وحسم الخلائق
عن إدراك كَيْفِيَّتِهِ، وخلق الملائكة خلقاً نورياً، وكون الآدميين ما شاء أطواراً،
وركب البروج، وأدار الأفلاك، وخلق الليل والنهار، فبارك الذي بان في ملكوته،
والملك الحاكم في بريته، وتعالى الحي الدائم الذي لا يموت، وسبحان المهيمن القدوس
الذي لا يتوارى عنه ما دق من مخلوقاته في ليل داج، ولا في سماء ذات أبراج،
ولا في أرض ذات بجاج، ولا في بحور ذات أمواج، ولا في ظلم ذات أدعاج. يعلم
الخفيّ وفوق الخفيّ ودون الخفيّ، وأشهد أنّ لا إله إلاّ الله وحده لا شريك له الذي
لا تشبّه عليه الأصوات بضروب اللغات، والعالم بمكنون الخفيات، وأشهد أنّ سيّدنا
محمداً عبده ورسوله نور فلق به الظلمات، وأتمّ به الكائنات، وأوضح به الدلالات، وأقام
به الرسالات، وختم به النبوات، وافتح به الخيرات، إذ بعثه نبياً هادياً ورسولاً داعياً
إليه، ودالاً عليه، وحجة بين يديه، صلى الله عليه وسلم وعلى آله وصحبه وسلم تسليماً.

أما بعد أيّدك الله بتوفيقه، وعصمك بتسديده، فإنّي رأيت أن أصنع لك كتاباً
في الأدب والبلاغة والترسل والحروب والخيل والأمثال والعالم والجاهل، وأن أشرب
ذلك بشيء من المواعظ وضروب من الحكم، وقد وضعت من ذلك كتاباً مختصراً موعباً
شافياً، وجعلته أصلاً للعالم الأديب والعامل الأريب مما أمكنني حفظه، واطرد لي تأليفه،
والله نسأله العون والتأييد والتوفيق والتسديد، ولا حول ولا قوة إلا بالله العلي العظيم.
ذُكِرَ أنّ ثعلباً يقال له مرزوق ويكنّى أبا الصّباح أقام في وادٍ لم يكن به غيره،
فغبر عليه زمانٌ وهو حسن الحال، آمن السرب، رخيّ البال، فر به صديق له من الثعلبية

يقال له طارق ويكنى أبا المغلس، فنزل عليه فأحسن ضيافته وأكرم مشواه، فقال له طارق: يا أبا الصباح، كل أمرك جميل وكل فعالك فعلى سبيل حزم وصواب تدبير، غير أنني أراك احتفرت بحرك بمكان سوء، وانه لأحق منزل بترك. فقال له مرزوق: يا أبا المغلس، وما الذي أنكرت عليّ منه وغمصت عليّ فيه؟ فأنت من لا آتّم في عقله ونصيحته لأهل مودّته، وما عقالك لهم بأنشطة وإني لعلّ جبل ذراعك، والمؤمن مرآة أخيه، وقد كان عمر بن عبد العزيز رحمه الله قال: «رحم الله من أهدى إلينا عيوبنا!» فقال له طارق: إن أخاك من صدقك، والشفيق بسوء الظنّ مولع، وإني أراك في وادٍ عظيم، وبه من آثار السيل ما ترى، وما تدري ما يحدث، ولست آمن عليك أن يدهمك منه بالليل ما لا طاقة لك به، وهو أحد الأبهمين، فالسيل حرب للمكان العالي، فنشدتُك الله في نفسك وأهلك الا تحوّلت من هذا الموضع، واستبدلت به غيره. فقال له مرزوق: فأنت من لا آتّم في رأيه ومشورته، وسأتقدّم إلى زوجتي في التحويل.

وقام فدخل عليها فقال: يا هذه، قد كان فرط من خطائنا في المقام بهذا الوادي ما كاد يهلكنا حتى أتاح الله لنا صديقنا أبا المغلس، فحذّرنا المقام به، وخوفنا السيل ونحن بعقوته، وانه كان يقال: التقدّم قبل التندّم، فاجمعي إليك متاعك وانتقلي. فقالت له: ما هذا من صديقك بالنصيحة لك، ولكنه رأى غضارة عيشك بهذا الوادي، وقرب مغارك، وبعد أعدائك، فحسدك إياه، ونحن به نزول منذ سنين، فما رأينا من سيّله ما يروعنا، وجرنا بالمعزل عن سننه، فزلّ عن هذا الرأي ولا تحفل به. فخرج إلى طارق فأعلمه بخلاف زوجته عليه وما اعترضت عليه من خفض العيش وطول السلامة.

فقال له طارق: يا أبا الصباح، إن لم تفقه معنى النصيحة فنحن منك بجلٍ، وإنه كان يقال: العزيمة حزم والاختلاط ضعف. وليس للنساء رأيٌ، فلا تحملك زوجتك بلجاجها على أمرٍ فيه عيبك، وأعرف ذلك مما يقول طفيل الغنوي شعراً:

إِنَّ النِّسَاءَ كَأَشْجَارٍ نَبْتِنَ مَعَاً مِنْهُنَّ مَرٌّ وَبَعْضُ الْمَرِّ مَا كَوَلُ
إِنَّ النِّسَاءَ مَتَى يَنْهَيْنَ عَنِ خَلْقِ فَإِنَّهُ وَاجِبٌ لَا بَدَّ مَفْعُولُ

ثم ان طارقا ارتحل عنه، وأقام مرزوق بمكانه، فبينما هو على تلك من حاله حتى جاء السبيل فنظر إليه مرزوق فقال لزوجته: خذي الأمر بقوابله، فقد علمت ما قال القطامي في شعره:

وخير الأمر ما استقبلت منه وليس بأن تتبعه أتباعا

وقال بعض الحكماء: شرّ الرأي الدبري، وقال متمثلاً: قبل الرمي يراش السهم، فالنجاة الآن، «ولات حين مناص».

قالت له زوجته: ما كل أذب نفور، وقد يبجيء مثل هذا في سنة مرارا فما يصل إلينا أوله حتى ينقطع آخره فلا تخرجنا من وطننا فإننا به راضون .

وإنهما لعلی ذلك من مراجعتهما إذ دخل السيل عليهما، ففرج الثعلب من جحره ليهرب، فاحتلمه السيل، فقصد لبعض ما جاء به السيل من الخشب فتعلق به وأسلم نفسه، فما نهبه إلى أن قذف به في البحر. فلها رأى البحر قال يخاطب نفسه: أستمسك فإنك معدوبك! فأجاب نفسه عن نفسه: وكيف توفى ظهر ما أنت راكبه؟ ثم تمثّل بقول أمية بن أبي الصلت حين قال:

يوشك من فر من منيته	في بعض غراته يوافقها
ما رغبته النفس في الحياة وإن	عاشت طويلاً والموت لاحقها
يقودها قائد إليه ويحدوها	سريعاً إليه سائقها
من لم يمت عبطة يمت هرما	الموت كأس والمرء ذاتمها

ثم لم يزل يترامى به الموج حتى ألقاه إلى جزيرة من جزائر البحر، فلما استقرت قوائمه على الأرض قال: من لم يفت لم يمت. ثم تمثل بقول الأعشى شعراً:

شباب وشيب وافتقار وثروة فله هذا الدهر كيف ترددا

فأقبل وأدبر يومه لا يسمع حسيماً ولا يرى أنيساً، وأوحشه ذلك وظن أنه هالك حتى أصبح. فبينما هو في تردده استقبله ذئب، فسلم عليه وسأله عن اسمه وكنيته، فقال له الذئب: اسمي مكابر وكُنيتي أبو الفراء، فما أوقفك أيها الثعلب بهذه الجزيرة وليس لك فيها أكل؟ فقص عليه الثعلب قصته وقال له: كيف أبأسني يا أبا الفراء من الطعم بهذا الموضع؟

قال له الذئب: إنه ليس فيها إلا الطباء وبقر الوحش.

فقال له الثعلب: وما يمنعكم أن تصيدوها فأصيب من رسلكم؟

فقال له الذئب: نحن ها هنا جماعة ما يتجرأ واحد منا أن يخرج من بابه شبراً واحداً، وإنما لمن الهزل والضرر فيما ليس فيه خلق. قال له الثعلب: وما دهاكم؟ فقال له الذئب: ها هنا نمر يُقال له المظفر بن منصور قد تملك على هذه الجزيرة وغلب عليها وهو من شراسته وبخله وضيق خلقه على ما قد عرفت من صفة النمر، وإني لأكلهك وما آمنه فرقاً أن يخرج فيرانا.

فتفرقا وتواعدا موضعا خفيا يلتقيان فيه من غدٍ.

فانصرف الثعلب حزيناً مغتماً لما حزره من عداوة النور وعدم القوت، ثم فكَّر فقال: إنَّما يعرف فضل عقل المرء في شدائد الأمور ونوازل الخطوب، فأما عند الرخاء فما أقرب الجاهل من العالم، والأحقق من العاقل، وذلك أن مساعدة الدنيا للجاهل ساترة لتقصه عن زيادة العاقل وحاجبة عن التمييز بينه وبين اللبيب، وليس لمثلي قوة على صيد الظباء وبقر الوحش وإنما يصيد كلُّ امرئٍ قَدْرَهُ، وليس هاهنا إلا طلب الحيلة. فلما أصبح الصبح قصد إلى المكان الذي وعد الذئب فيه والتقيا هنالك عن رقبة من النمر فقال له الثعلب: يا أبا الفراء، كنتُ مهموماً بنفسي، فزادني اهتماما ما أَبْثَنَتْنِي مِنْ حَدِيثِكَ، وألقيتَ إليَّ من سوء حالِك، وها هنا تديرُ إنَّ أعنتني عليه بهمةً صادقةً، فلعله أن يعودَ إلى صلاح.

فقال الذئب: وما هو؟

قال الثعلب: ايت النمر فسله أن يوليكَ ولايةً ترد عليك نفعاً، وتؤدِّي لك ذكراً، وتُكسِبُكَ حمداً.

قال الذئب: فأين ما أخبرتك عن بخله وشراسة خلقه؟ وانه لكما قال القائل: سواء هو والعدم.

قال الثعلب: فأعلمه أنك لا تصيد شيئاً إلا بعثت إليه بشطره، فإن لك فيما يبقى منتفعاً وصلاحاً، فإن أجابك فلن تعدم مني معونةً حسنةً وقياماً بالذي يجب، فكن كما قال الشاعر:

وليس الرزق عن طلب حثيث ولكن ألق دلوك في الدلاء
تجتك بملئها طورا وطورا تجيء بحمأة وقليل ماء

قال الذئب: يا أبا الصباح، انه كان يقال: اتقوا مقارنة الحريص الغادر، فإنه إن رآك في القوة رأى منك أخبث حالاتك، وأن رآك في الفضول لم يدعك وفضولك. قال الثعلب: يا أبا الفراء، إنه ليس الري عن التشاف؛ من عاش غير خامل الذكر والمنزلة إذا أفضل على نفسه وأصحابه فهو، وإن قلَّ عمره، طويل العمر. ومن كان عيشه في ضيق وقلَّ خيرُه على نفسه فهو وإن طال عمره قصير العمر.

قال الذئب: إنه كان يقال إنَّ أموراً ثلاثة لا يجترئ عليها إلا أهوج ولا يسلم منها إلا قليل، حصة السلطان، وأثمان النساء على الأسرار، وشرب السم على التجربة. قال الثعلب: قد يبلغ الخضم بالقضم ويركب الصعب من لا ذلول له، وليس يواظب على باب السلطان أحد فيلقى عن نفسه الأنفة، ويتحمل الأذى، ويكظم الغيظ، ويرفق بالناس، إلا خلص إلى حاجته من السلطان.

قال الذئب: إنه كان يقال: لا تعتبط بسلطان مع غير عدل ولا بغنى من غير حل، ولا ببلاغة من غير صدق، ولا بوجود من غير إصابة، ولا بحسن عمل من غير خشية. قال الثعلب: إنه ينبغي للعاقل أن يداري الزمان مداراة الرجل الساجح في الماء الجاري. وقال متمثلاً: أرض من المركب بالتعليق.

قال الذئب: السبب الذي يدرك به العاجز حاجته هو السبب الذي يحول بين الحازم وطلبته.

قال الثعلب: المال زيادة في القوت والرأي، وليس الإخوان والأهل والأعوان إلا مع المال، ولا يظهر المروءة إلا المال، لأن من لا مال له إذا أراد أن يتناول أمراً قعد به العدم فقصر عنه.

قال الذئب: إنَّ للسلطان سكرات، فمنها الرضى عن بعض من يستوجب السخط، والسخط عن من يستوجب الرضى، ولذلك قيل: قد خاطر من لجج في البحر، وأشدُّ منه مخاطرةً من صحب السلطان.

قال الثعلب: من لم يركب الأهوالَ على صعوبتها لم ينل الرغائبَ، ومن ترك الأمرَ الذي لعلَّه أن يبلغ فيه حاجتهُ مخافةً ما لعلَّه يوقاه فليس ينال جسيماً، وقد كان يقال: أعمالٌ ثلاثةٌ لا أحدٌ يستطيعها إلا بمعونة ارتفاعِ همّةٍ وعظمِ خطرٍ: صحبة الملوک، وتجارة البحر، ومناجزة العدو.

فأعجب الذئبُ كلامه، فأتى النمرَ، فشكر له، وأقام بين يديه، وكان لا يعرفه بمثل هذه الذلّة، فافتتح الكلامَ فقال: أيها الملك، إني لما أنا عليه من المناصحة والمؤالاة تأملتُ بابَ الملك، فوجدتهُ خالياً من صالح الأعوان وثقات الخدم، ولما رأيتُ الملكَ كثيرَ الكلف، عظيمَ المؤن، رحبَ العناء، جزلَ العطاء، وليس له من عبيده من يُعينه على مؤنّه، ويكفيه المم من عمله، ندبت نفسي للذي رأيتُني أقوى عليه من حُسن السياسة، وضبط الناحية التي أتولاها، وردّ المنفعة على الملك منها.

فأعجب النمرُ كلامه، وطمع فيما وعده، فقال له: صدقتَ وبررتَ، وأنا مستكفيك ومقلدك، فانظُر كيف يكون ضبطك وكفائتك وغناؤك ووفائوك بما شرطتَ على نفسك. اكتبْ له يا غلام عهدَه على مناهلِ الظباء واجمعْ له أعمالَ ما هنالك.

فخرج الذئبُ إلى عمله، واستخلف الثعلبَ، وأحلّه محلَّ الوزير الكاتب. فلما صار إلى تلك الناحية كمن الذئب على شريعة الطريق، ورباً له الثعلب، فأقبلا يصيبان كلَّ يومٍ حاجتهما حتّى صلحت أحوالهما، ورقت أوبراهما، وصفت ألوانهما، وتفتّقت سمناً جلودهما، وخاس الذئب بعده، وأخلف وعده، حتّى اشتدّ ذلك على النمر، فأمر بالكتاب إليه نسخته:

بِسْمِ اللَّهِ الرَّحْمَنِ الرَّحِيمِ

وَصَلَّى اللَّهُ عَلَى سَيِّدِنَا مُحَمَّدٍ وَعَلَى آلِهِ وَسَلَّمَ

أما بعد، فإن امرءاً لو صان ثوبَ نعمته لما مسّه من عُرِي فاقته، وتمسكَ بجبلها لما ناله من انقطاعها، واحتمل عرَّ الكرامة لما كان فيه من ذلة الهوان، كان ذلك

أحجى بك دون أكثر أهل زمانك للذي كشف لك الدهر من وجوه عبره فأوضح لك عن مناجح سبله، وعرفك من تصارييف نعمه ونقمه؛ لكنك سميت وبنيت فافتعدت الأشر وامتطيت البطر، ونعق بك الشيطان مستهواً، فسمحت له برأسك، وطاع له جبينك، فأنت متكسِّعٌ في جهالتك، مبادرٌ في ضلالتك، تظنُّ ألا يفترض أمرك، ولن يتأمَّلَ تديبرك، وقد علمت ما أكَّدت شرطك على نفسك، وأعطيت عليه عهدك وذمتك. فأقسم لئن لم تلخع ربق الشاك من عنقك، وتكفَّ عن جماحك، وتعظ نفسك بالأمثال الجارية، والمواعظ المتقدِّمة، فستفك على ما إن وقفت عليه أبصرت خطاك، ووقفت عند رشدك، وتلافت ما فرط من زلللك، وعفيت على سوء أترك، لأطأناك وطأة تكون رتياً بعدها، وسيعلم الذين ظلموا أيَّ منقلبٍ ينقلبون.

فلما ورد الكتاب على الذئب أمر الثعلب بقراءته عليه، وأعظمه وأكبره، ودخلته منه وحشة شديدة. فقال: ما عندك من الرأي يا أبا الصباح؟ وما تظنُّ أنه أخرج الملك إلى هذا؟

قال الثعلب: إن الملك استبطأك فيما كنت وليت له إذ أخلفت له بوعدك، وأكذبت به حلك. فحرَّكَك بهذا الكتاب، ولئن لم تدارك هذه الهفوة، وتلاف هذه الزلَّة ليحلنَّ الخطب ويعظمنَّ الأمر، وإن الرئيثة تفتأ الغضب.

قال الذئب: أتراني أمحض أمراً أعتربُ فيه عن وطني وأتعب فيه بدني، وأبيع له ديني، حتى إذا بلغ إناه، وانتهى منتهاه، آثرت بزبدته غيري وأثقلت بوزره ظهري؟ كلًّا! فاكتب له جوابَ كتابه وبالغ فيه.

قال الثعلب: من ينكح الحسناء يُعط مهرها. إن زخرفة الكلام لا تثبت زلل الأقدام، وللصدق آثاراً في القلوب لا تغفوها عواصف رياح الكروب. فإن ظننت أنه يكفيك فيما قد عتب فيه الملك عليك حتى تستحق به قبول معذرتك ببراءة ساحتك

أن أصوغ لك كلاماً إذا نشر على العاقل استبرعه واستحسن نظمه، فلقد امتدَّ بك
البهتان، وخطت فيما لم يخطئ فيه إنسان.

فقال له الذئب: اكتب ولا تراجعني. فكتب له كتاباً نسخته:

بسم الله الرحمان الرحيم

صلى الله على سيدنا محمد النبي الكريم وعلى آله وسلم

أما بعد، فقد وصل إليّ كتاب الملك بما عاتب فيه وأوعد عليه، وفهمته. فأما
ما ذكره الملك من ربك عيش تناسيته، وثوب ضرّ لبسته، وظفر من دهر خدشني،
وناب منه جرحي حتّى استنقذني الملك من غمرة العطب، وانتاشني من هوة الهلكة،
وما بدا لي بذلك من تصاريف وجوه الضرّ حتّى استحققتُ بذلك أن أكون لرُشدي
مبصراً وللطريقة المثلى سالكاً، فإنّ الأيام بحمد الله ومنه لم تكشف مني هياباً ورعاً ولا
هلعاً ضرعاً، وإني لكما قال الشاعر:

أخو نحسن مجتمعاً أشدّي ونجذني مداورة الشؤون

على أن يد الملك عندي بيضاء مشكورة، ليست بمرفوعة ولا مكفورة. طلعها في
قلبي نضيد، وظلها عليّ ممدود، خصبة خضرة، أغذوها بماء الشكر وأتمها بمجمل الذكر،
لا يحصدها تقادم الأيام ولا يقدهح فيها بزند الملام، وارضع درتها فواقاً عن فوق،
فأعترف منها بسجلّ ذي عراق، فأين ذهب الملك في ظنه وأنا ابن نعمته والشارب
في بلهنيته، ذراني جناحه وكنفني رجاه، يعقلني وزره ويخيني عصره، أفلا يربّ
الملاك - أمتع الله به - نعمة أنشأ شجرتها، وأظهر ثمرتها بنوافله العظام ومنه الجسم
ونعمه التوام، فقد أسهرني وعيده وأقلقتني تهديده وأجزعني توليه، وأرمضني تجنيه، على
أن علمي باتساع حلبه عني يضمن لي العفو منه عن زلّتي، فإن يطلق الملك أسرى من

موجدته، فذلك ظني برحمته، وإن تكن الأخرى - وأعوذ بالله منها - فيا لها من عثرة
لم يوق حاذرها، ويا لها من حسرة يستنجد عاثرها، وها أنا ذا بين يدي الملك، صريع
سطوته، وعتيق عفوته، إذ هو كما قال الشاعر:

إن يعاقب يكن غراماً وإن يعط جزيلاً فإنه لا يبالي

والسلام.

فلما ورد الكتابُ على النمر سرّه ما وصف به الذئب نفسه من الشكر، وما أشار
به في كتابه من الاعتذار، وما أقربه من الذئب، ومسألته إقالة عثرته، ووضع ذلك منه
على حسن إنابته ومراجعته عقله، وتعلقت نفسه بورود هداياه وتحفه، فكان لذلك
منتظراً، وعن رسله سائلاً، حتى مضت لذلك أيام وشهور لا يرى شيئاً، فوجد منه
وجداً شديداً، وأمر بالكتابة إليه بتويخه ولائته والإغلاظ عليه في مخاطبته ما نسخته:

بسم الله الرحمن الرحيم

وصلّى الله على سيدنا محمد النبي الكريم

أما بعد يا غرور، ومن استرعى الذئب فقد ظلم، فإنّ النعم إذا امتدّ مهلها
بالعبد مساححة له برغد العيش وكف العسر استعذب موارد البطر واستوطأ مركب
الأشر وأسلمس قياده لداعي شقائه وجاري بلائه، فجرى في كسف ليل داج على شفا
جرف هار، يتورط المهالك ويحبط خبط عشواء، قد ذهل عن شكر النعم، ولها عن
ذكر الواجب، أنسته خيانة شكره خوالي حالاته وغوارب أزمته، إذ هو غير موئل طلباً
ولا مستبقٍ جهداً في سدّ مخصصته وستر خصاصته، لا تتسع حاله لدفع مذلة الفقر، ولا
يفك عن عنقه ربق هوان الفاقة، وذلك أنت حين نالتك نعم من لم تشكره على بلائه،

ولم تجزه بآلائه ما تقدمت به أشباهك ونظراءك. ولولا ما أحببت من أن أكون بالغ عذرا لا مرهق عسر، ولا طالب اعتلال بترك مظاهر الحجج وتوكيدها، قابضا يد العقاب قبل المداورة وملبسا جناح الرحمة قبل النقمة، لأمسكت عن الكتاب إليك والعلم لك إلى أن تُبسل بما كسبت يداك، وما الله بظلام للعبيد، فأقلع عن صباية غيِّك، وتكِّب خطل رأيك، إذ باب التوبة لك مفتوح، وبطانها بقبول إنابتك مشعوب، قبل أن تسقط بك يد الافراط على النوب، ولا يبعد الله إلَّا من ظلم، والسلام.

فلما ورد الكتاب على النائب أخذه ما قدم وما حدث فقال:

با أبا الصباح، أما تسمع إلى هذا الوعيد؟ فربُّ صلف تحت الراعدة!

فقال له الثعلب: أيها الأمير، إنَّ النمر - وإن كان من الأخلاق الضيقة على ما قد عرفتَ وعرفنا - فقد تردَّى برداء الملك، ودعي باسمه، وسار بسيرة نظرائه. والملك صبي الرضا، كهل الغضب، يأمر بالقتل وهو يضحك، ويستأصل شأفة القوم وهو يمزح، يخلط الهزل بالجد، ويتجاوز في العقوبة قدر الذنب، وربما أحفظه الأمر اليسير، وربما أعرض صفحا عن الخطب الكبير! أسباب الموت والحياة معلّقة بطرف لسانه، لا يعرف ألم العقوبة فيتقي، ولا يؤنّب عن بادرة فينتهي، يخطئ فيصوب، ويصيب فيُقرظ، مفتون الهوى فظ الخليفة أحرق العقوبة، لا يمنعه من ذي الخصاصه به ما يعلمه من حزمه وعنايته وطول صحبته أن يقتله لخطرة من خطرات موجدته، ولا ينفك أن يُخطب إليه مكانه، وينافس الرجال موضعه، فلا الثاني بالأول يعتبر، ولا الملك على مثل ما فرط منه يزدجر، وإن لم يبن ذلك لخطرات محمودة لو حصلها ذو اللب لم يرفي خيرها عوضاً من شرّها ولا حلوها ما يقوم بمرها، فارتق به واسلك سبيل موافقته فإنك راع عليه في ولايته، ولا تأخذ به في طريق العجب فيأخذ بك في طريق القهر والغلبة.

قال الذئب: قد علمت ما أردت من النصيحة، ودلت عليه من الرأي، وهديت له من الصواب، ولكنى امرؤ لم أرم الذل أنفي قط، ولم أقم على خطة خسف، وقد أظهر هذا الملك من غضبه ما فسدت معه نيته ولا صلاح لها.

قال الثعلب: ان الموجدة إذا كانت عن علة كان الرضا موجوداً، وإذا كانت عن غير علة عدم الرضا، لأن الباطل لمن طلبه موجود على كل حال.
قال الذئب: الموت أذن لا محالة! ولأن أموت عزيزاً أحب إليّ من الحياة ذليلاً، وكل شيء بقدر.

قال الثعلب: إن الأقدار وان كانت نازلة فليس تمنع الحازم من توقي المخوف والاحتراس من المحترس منه، لكنه يجمع تصديقاً بالقدر وأخذاً بالخطر.

قال الذئب: أن سريع الاسترسال لا يكاد يستقلّ العثرة، فاكذب جواب هذا الكتاب بين الإلانة والإغلاظ، ولا تؤخّر ذلك.

ففهم عنه الثعلب ما يريد من شقّ العصا، وما يهّم به من الخلاف، وما دخله من العجب بما أفاد فكتب إليه كتاباً نسخته:

بسم الله الرحمن الرحيم

صلى الله على سيدنا محمد النبي الكريم

أما بعد، فإن كتاب الملك - أمتع الله به - وصل إلى بما حذر فيه وأنذر، وقدم وأخر، وفهمته وقد كان الملك - حفظه الله - أسند إلي أمر هذا الثغر المخوف على حين انتشار من العدو به، وانقطاع من سبله، واختلاف من الكلمة بين أهله، وتفرق من الأهواء فيه، فرأيتُ صدع الآفة، وجمعت شمل الطاعة، وكشفت دجّة الفتنة، وأسغت الريق بعد الشجا، وقعت أولي العداوة والبغضاء، وأقتت حقاً كان معلمه متروكاً، ودمعت ضلالة كان محرماً مسلوكاً، ألتبس بذلك جزيل الثواب، وكريم المآب، ورضا الملك والزلفة عنده، فعاد ما عملته هباءً، ولم أجد منها شيئاً مشكوراً،

وما يقع لمثل بالشنان، واني لألوى بعيد المنتشر، فإن يستم الملك صنعته، ويرب نعمته فأنا بين العصا ولحائها، والا فسيجدني جذل حكاك إذا نكأت قرحة أدميتها، أحمر ضرابا بالسيف والسلام».

فلما قرأ الملك الكتاب علم أنه قد أجمع على الخلاف عليه والمحاربة له، فجمع وزراءه، وكانوا ثلاثة، فاستشارهم في أمره فقال أحدهم: أرى أن يكتب إليه الملك كتابا موجزا يعرف به ذات نفسه، ويكشف ما في صدره، حتى يأتي الملك على ما يأتي من أمره عن بينة واستظهار عليها بالحجة.

قال الوزير الثاني: أرى أن يتلافاه الملك، ويصفح عن زلته، ويتجافى له عما في يده، فإنه إن بودى بالعداوة احتيج إلى محاربتة، وإلى جمع الرجال، وإنفاق الأموال بالأضعاف لما كان ينبغي من الخراج بناحيته؛ ثم لا يدري كيف تكون العاقبة إذ هي الحرب، والحرب سجال، فإن تكن الحسنى فبعد نفاذ المال وسفك الدماء، وإن تكن الأخرى جل الخطب، وتفاقم الأمر، ودمن العدو بكل مكان، وأشرأبت الفتن، وإنه كان يقال: أكيس القوم من لم يلتمس الأمر بالقتال ما وجد إلى غير القتال سبيلا، فإن النفقة فيه من الأنفس، والنفقة في سائر الأشياء من المال، ومن يؤاكل القيل يؤاكل الحين .

قال الوزير الثالث: لا أرى تلك ولا هذه، ولكن أرى معاجلتها ومناجزة الحرب قبل استفحال أمره، واستغلاظ شأنه، واستجماع مكائده، فإن السلطان لا يستكثر إنفاق مال عظيم على إصلاح الناحية اليسيرة؛ وما الصلاح في ذلك بخاص لناحية العدو دون سائر النواحي والأطراف، فإن أعناق أهل الفتن بكل ثغر خاضعة؛ ومتى رأوا أن سنة السلطان في من نبذ أمره جارية على ما أشار به الوزير الثاني من النظرة مدوا للفتنة أعناقهم، ووضعوا أثقال فرائض السلطان عن ظهورهم، وبسطوا أيديهم، واتصل لذلك ما لا صلاح معه في دين ولا دينا.

فأخذ النمر يقول الوزير الأول فأمر بالكاتب إليه نسخته:

بسم الله الرحمان الرحيم

صلى الله على سيدنا محمد النبي الكريم

أما بعد فأني رأيتك تقدم رجلا وتؤخر أخرى، فإذا نظرت في كتابي هذا فاعتمد على أيهما شئت، فإن كنت سلماً فأقبل، وإلا فأذن بحرب، والسلام.

فلما قرأه الذئب أيقن بالشرّ وعلم أنّ لا هواده له عن النمر ولا غيره، فدعا الثعلب فقال له: ما ترى؟

قال الثعلب: إن الرعية لا تقوى على حرب الملوك، ولا تقدر على مغالبتها.

قال الذئب: وكيف ذلك؟

قال الثعلب: إن الرعية لا نظام لأمرها، ولا بقاء لصبرها، ولحرب الملوك معدنان أحدهما من الآخر، بلقاحهما ينتج النصر وبقوتها يستنبط الماء من الحجر، وبنارها يطفأ الشرر، وإذا استمر لم يثبطا، وإذا اعتمد عليهما لم ينهكا، من عاندهما مخذول، ومن خادعهما مرذول، ومن ساجلهما مسجول، فلا تهتك عنك شيئاً وصلت الطاعة حباله، واتعظ بمن عاند الملوك في آمام الدهور، وانظر إلى ما آلت إليه حالهم، فإن لك في ذلك معتبراً، ولك فيه منظرًا.

قال الذئب: وما هذان المعدنان اللذان حذرت شأنهما، وعظمت أمرهما؟

قال الثعلب: هما المال والرجال وهما من الملوك، وهما للملوك دونك؛ وقد كان يقال: من غالب الملك الحاذق الأريب المصنوع له، الذي لا تبطره السراء ولا تدهشه الضراء، فإن حينه يحدوه؛ وقال بعض الحكماء: معاداة الملوك كالسيل بالليل، لا تدري كيف يأتيك، ولا كيف يثقيه؛ فإما أتيت الملك حتى تضع يدك في يده سلماً، وإما

أن تتخذ وزرا تلجأ إليه، أو مدخلا فتحرز نفسك فيه، فإنه كان يقال: ليس للعدو الذي لا يطاق ولا تمكن الفرصة فيه إلا الهرب منه، فلا أعرفك مترددا في أمرك ومتحيرا حتى تؤخذ بخطمك فتندم، فلا تقال من ذنبك، وقد قيل: إن رمت المحاجة فقبل المناجزة، واعلم أن الرجال ثلاثة: حازمان وعاجز، فأحد الحازمين من إذا نزل به الأمر من البلاء لم يدهش، ولم يذهب قلبه شعاعا، ولم يغرب رأيه عن حيلته التي يرجو بها المخرج من ورطته، وأحزم من هذا المتقدم ذو العدة الذي يعرف الأمر قبل وقوعه، وأما العاجز فالذي لا يزال في التردد والتحير حتى يهلك.

قال له الذئب: ليس الأمر كله كما وصفت، وإنما الحاجة في الحرب إلى النجدة.

قال الثعلب: إن النجدة بدركها الزلل من خطأ الرأي وقد يجزي الرأي بلا نجدة، ولا يجزي البأس شيئا يستغني فيه عن الرأي.
قال الذئب: اكتب له بتجديد الخلاف عليه فإن الصدق ينبئ عنك لا الوعيد.
فكتب إليه:

بسم الله الرحمن الرحيم

صلى الله على سيدنا محمد النبي الكريم

أما بعد فقد قرأت كتابك بما كشف عن ضميرك، وبين عن ضعف حوليك، تأمر بالمسير إليك والوقوف بين يديك أو الأذن بحربك والترقب لكيدك، فطالما جريت على غوايتك، وتمتعت بظلالتك مغترا بالسلامة، آمنا لعواقب الندامة، نستفتح بالأأماني أمورك، وتشدّ بالأمال خديمك، وقد عوذتك الأيام حيف دولها، وأجرتك جبل غرورها، وأغفلتك عن نصب خدعها، وألبستك حلل متعها، واستخفك مهل الزمان، وأعجبك كثرة الخلول والأعوان، حتى ظننت أن صرعتك حرام على الدهر، وأن يومك منسي إلى الحشر، كأنك لم تر أولي العناد الظاهر، والعز القاهر، وذوي التحاسد

والتناصر قد طغوا فبغوا، وبؤسوا فاجترؤوا، وأوسعوا فأفسدوا، فكيف قطع الدهر
 آمالهم، وضعضع أركانهم، وهدم بنيانهم، وفرق جماعتهم، وصدع شملهم، وفلل حدهم،
 وأسلبهم إلى مصارع خزيهم ونوازل النقم بهم، تضر بهم يد الأمن بسيف الاعتزاز،
 وترميمهم الطمأنينة عن قوس العثار، ويحيي الزمان عليهم بشقاء الأقدار، فدرجتهم من
 الأيام الثقة، وتغيرت لهم من الزمان المقة، فصاروا إلى الهون بعد القوة، وإلى الذلة بعد
 العزة، وتلك عاقبة من أضاع الحق، وغمط النعمة، واستشعر النخوة، واشتمل بالعجب
 آفة العقل، وادرع للحاجة بقوى الهوى، فتحسبني عود المنكسر، وهشيم المحتظر، كلا
 بل عصبت بالساعد الأشد، ودهيت بالخصم الألد، ورميت بالحجر المصد، شوكة طعنكم
 الله بحدّها فلا ينتعش شابكها، ولا يخبو لظاها، بها شجي العتاة المتكبرون، والظلمة
 الجبارون مثلك، فارق على ظلعك أيها النمر، فإننا لن تحمل أبداننا ذل سلطانك علينا،
 ولن نظلم أنفسنا بحكمك فينا، وليس لك عندنا إلا حد السيوف، وملاحم الزحوف،
 ومطاوله الأبطال، ومنازلة الأقران، ذلك منا خافت البنود، وشمك منا سهك الحديد،
 فإن رجعت عن التهور بحسن التدبير فذلك أحجى بك، وإلا فإنني بما أدنت به أدين.
 فلها ورد الكتاب على النمر ألقفه، وآلي ليسقين الأرض دمه، وأنهض لمحاربتة
 نمرا يقال له الوثاب ابن المنتهش قد جرسه الحروب، ونجذته الوقائع، له صولة في العدو
 وهيبة في صدور الرعية، وأمره بالإقدام عليه ومناجزته القتال، وقدم إليه كتابه يربعه
 فيه، ويملاً صدره، ويفت عضده:

بسم الله الرحمن الرحيم
 صلى الله على سيدنا محمد النبي الكريم

أما بعد، يا ابن اللكيعة وعبد العصا، أبالحرب تخوفنا، ونحن فلق جوانها،
 ومراضع ألبانها، ومثير عجاجها ورهجمها، وخائضو أغمارها ولحجها، وسخائب الدماء بسيوفنا
 تنهل، وبروقها من صفائحنا تنكل، فنحن أبناء الختوف، وفصلات السيوف، ما نجم

قرن فتنة إلا حددناه، ولا سعى علينا فيها باغ الا أبرناه، معاقلنا السلاح، ولقاؤنا الكفاح، إذ الموارد حياض الحمام، ومياهها كؤوس السماء نعلّ فيها ونهبل، وتحمل إليها ونحل، فلورأيت رحي الردى تدور، ودماء الأبطال تفور، والقرن إلى القرن يثور، حين لا يسمع فيها إلا العويل والهدير والتمقط والزفير، اذا الواءلت إلى عصر يحصنك، وللجات إلى وزر يعصمك، ولعضضت على أناملك بالندم، ولات ساعة مندم، فأيقن أيها المغرور السادر في غيه بيوم قد أظلك تبدو كواكبه، وتحف بك مواكبه، كما قال فيه الشاعر:

تبدو كواكبه والشمس طالعة لا التور نور ولا الإظلام اظلام

وذلك يوم عليك، أوله الدنيا، وآخره الآخرة، فأين حينئذ من الله المهرب وهو الطالب، وفي يده المطلوب، أفعلينا تطلق عقال الفتنة، وتوقد نار الحرب احتراسا للتحف المورود، واكتسابا للأمر الموعود مكابرة لأمر الله تبارك وتعالى في قضائه، واحتراسا لمجارى أحكامه، قد سول لك الشيطان أماني كلعع السراب وهيمات منها الشراب، وقد جردت لك وثاب بن المنتهش الحامي للحقيقة، والذاب عن الحفيظة، الطالب لوترنا والمحافظ على أمرنا، يخترقك بسيفه، ويقترشك بطرفه، ويلقيك في الهوة، فانظر في موضعك، فإنك إنما تقع على دمك، فإن أبيت فليدين وللغم والسلام .

فلما ورد الكتاب على الذائب ملا صدره رعبا، وأيقن أنه ملاقٍ حرباً. فقال للثعلب: يا أبا الصباح ماذا ترى؟

قال الثعلب: إن الرأي مثل الشجرة توتي أكلها كل حين موقوت، فإذا فرطت جناها أضعت حظك منها، وقد كان لك عن المكروه مندوحة إذ كان الرأي غير مشكل، فأما الآن فأيقن أنك ملاق، فشمم للحرب عن ساق، وقد أرى سلاحك

جميعاً، وبدنك ضليعاً، وجثمانك ثابتاً، وجأشك رابطاً، فائق وثاباً بجذك وحدك، ولعلّه أن يكون قد أظلك. فما افترقا حتى رأيا العبرة طالعة نفرج إليه الذئب، فالتقيا، فقال له وثّاب: علامَ تقتل الأصحاب بيننا؟ هلمّ إلى المبارزة، فإنها عدل في الحكومة، وفصل في الخوصومة.

فقال الذئب: إن بين النفوس فضلاً، وليس ما دعوت إليه يعد عدلاً. فقال وثّاب: ليس يثبت الفضل بادعاء الفضل، ولا القول بغير الفعل، فأرنا من ذلك لنفسنا ما يكون مصدقاً لقولك، وشاهداً لحكمك. فتغاورا، فضربه وثّاب بكفه، فزق إهابه، ونهشه الذئب، ففرى أوداجه، فسقط ميتاً، وأنفض عسكره، وحمل مكابر مضروباً وقيراً، فما لبث أن برأ وصلح حاله.

وأتى الخبر النمر فأفطعه قتل وثّاب وانفضاض عسكره، فجهز جيشاً آخر أمر عليه ثمرا من ثقات أصحابه يقال له خدّاش بن عضاض، معروفاً بالنجدة والبأس، كامل العدة والسلاح، وقدم إليه كتاباً إلى الذئب نسخته:

بسم الله الرحمن الرحيم
صلى الله على سيدنا محمد النبي الكريم

من ملك النور المظفر بن منصور إلى الطاغية الشبيهة باسمه مكابر بن مساور، سلام على من اتبع الهدى

أما بعد، فإنك لم تمر بقتل وثّاب صوب سحاب، ولا استدررت به عذب شراب، بل مررت به سوط عذاب وكأس سلع وصاب، لو قد رأيت حلق الحديد مضاعف التشديد، وخوافق البنود محفوفة بالجنود، ويوارق السيوف تضحك إلى الزخوف، وتفتت عن الحتوف، والقنا يتحطم، واليلب يتهشم، والأسنة ترعف، والقلوب ترجف، والفرائص ترعد، والسواعد تحضد، والهام تنفلق، والرقاب تتعلق إذا لاستبدلت بفرحك ترحا، و بسرورك برحا، وباغتباطك ندامة، وبتفريطك ملامة، وبجذلك إبلاسا، وبطمأنينتك

أنحاسا، واعلم أيها المغرور أن للباطل دولة ينصرها حيف الدهر؛ وتسلطها الأيام بالقهر،
وتتكبها غلبة الأندال وجحج الجهال، ويحوطها حساد النعم وسقاط الهمم، ويمحي عنها
أولو الخمول وذوو الضعف في العقول، حتى إذا ظن ساداتها وقاداتها أن قد استغلظ
سوقها، وخيلت بروقها، وقام عمودها، واستحکم سريرها، ونطق صوتها، وتمرد هينها،
واستجمع كيدها، وتأرب عقدها، تاحت له يد الحق فخصدت هشيمه، وخضدت
جميمه، واختلبت برقه، وصرفت ودقه، وردت كيده، وأوهت أيده، وكسرت عموده،
وأوهنت شديده، وأخرست ناطقه، وطمست شارقه، وتلك معقبات إليها تصير؛ فغلبة
الباطل تقيص لأولي لا لباب واختبار لعقول ذوي الآداب، وظهور أهل الحسن
نقمة في المجرمين وعقوبة للمذنبين؛ وقد وجهت للقائك خداس بن عضاض، منازل
الأقران وأخا الحرب العوان، متزرا بالخزم، ومتيقظا بالعزم، يقدمه النصر، ويتبعه
الظفر، لا يبقى ولا يذر، حتى يعصيك عصب السلبة، ويحلك دار النعمة، خارجا
من سعة العطن إلى ضيق الأسر، ومن عز القدرة إلى ضم القهر، ومن خلاء الصرع
إلى خشوع العبودية، ومن جزل الغنى إلى خضوع الاستكانة، قد أسلمتك جرائك،
وأوبقتك جرائمك تلهف على فرطانك، وتحاول قبول التوبة ضرعا، وأنتي لك بإقالة
العثرة بعد سوء الصرعة فلا أبعد الله غيرك والسلام .

فلها ورد الكتاب على مكابر دعا بالثعلب فاستشاره وقال: أنا والله ما أقلت
من وثاب إلا بجزيرة الذقن، وخداس من قد عرفت ثابت القدر، بعيد الأثر، رابط
الجأش، شديد البأس، وإني لأراني بلقائه مغروراً، وبالنكول عنه جديراً، فما ترى؟
قال الثعلب: ليس الغرر أن يثق المرء في الحرب بالظفر.

قال الذئب: إن لم يكن الإقدام على غير الثقة غرراً فما الغرر؟

قال الثعلب: بإضاعة النظر.

قال الذئب: أو ليس قد قالت الحكماء إن ركوب الغرر خطأ؟

قال الثعلب: صدقت، ولكن لكلمتهم هذه عبارة مجملة تحتها معنيان، فأحدهما إن كان عن الهول مندوحة فركوبه خطأ، وإلا فركوبه صواب.

قال الذئب: فما موضعه في الخطأ وموضعه في الصواب؟
قال الثعلب: إذا كنت راجياً هولاً لاجترار نفعٍ دونه ممتع، أو لدفع ضرره مدفع، فدفعه خطأ، وإذا كنت دافعاً به أعظم منه أو مضطراً إليه غير مزحج عنه فدفعه صواب.

قال الذئب: قد فهمت ما قلت غير واحدة، فأين الهول الذي أعظم من هول الحرب، وهولها الموت؟

قال الثعلب: دخول النار ولا لزوم العار.
قال الذئب: فصفت لي الحرب.

قال الثعلب: الحرب بدن له طبيعتان مختلفتان وخلق واحد يقوى ويضعف، فطبيعته علة الخصمين وخلقها الرجاء، وعلّة الخصمين من اختلاف الأمر بين الفريقين، وخلقها أن كل فريق منهما رام أن يدرك بغيته ولو اتفق الخصمان ماتت الحرب، ولو زال عن أحدهما رجاء الظفر سلم الآخر.

قال الذئب: قد زعمت أن بدن الحرب يثبت على اختلاف طبيعته، ولسنا نجد الآن بدنا يثبت إلا على ائتلاف الطباع وتمازجها فكيف وقع تشبيهك بضد معاك؟
قال الثعلب: انه ليس بضد، ولكن إنه ليس حياة بدن الانسان باتفاق طبائعه في معنى واحد، ولكنه بترك تغالبها وهي مقيمة على اختلافها وإن زال التغالب عنها، فاستخر الله واستعمل قول ليبد شعراً:

وأكذب النفس إذا حدثتها ان صدق النفس يزري بالأمل

قال: فلم يستتما ما هما فيه الا وخذاش قد طلع بالعساكر وخرج الذئب، فلما تراءيا دعا للبراز، فشى إليه النمر وهو يقول:

أنا خدّاش وأبى عضاض	وفي يميني قاطع رضاض
له صفاء وله بياض	كأنه برق الثرى الوماض
في الهام من آثاره عضاض	صينت به الاحساب والأعراض

فشى إليه مكابر مرتجلا وهو يقول:

أنا أبو الفرا وابن المنتهس	وفي يميني ضارب القبس
كأنه برق يميني في الغلس	يفلق الهام ويودي بالنفس
فهو لأرواح العداة مختلس	صينت به الاعراض من ليل دنس

فضربه خدّاش بكفه ضربة نفلع يده، ونهشه مكابر فألقى حشوته، نخر النمر ميتاً، وحمل الذئب مغشيا عليه، فلم يزل يعالج حتى برىء؛ وبلغ النمر قتل خدّاش، وتفرق عسكره، فسقط في يده؛ وظن أن ذلك سبب لزوال ملكه، ففزع إلى وزرائه وأهل نصيحته، وكانوا ثلاثة، فعنى إليهم أخاهم خدّاشا واستشارهم، فقال أحد الوزراء الثلاثة: أرى عدوكم قد درب في أكلكم، وولغ في دمائمكم، فوجهوا إليه جمعا كثيفا وقائدا حازما يناجزه القتال، ولا يتركه للمطال:

قال الوزير الثاني: أرى أن دواء الشق أن تحوصه، بل أرى مواعدهته حتى تفني مدته، فإني لا آمن أن يهزم لكم جيشا آخر من جيوشكم، فيقارعكم على أبوابكم فاتركوه ما ترككم.

قال الوزير الثالث: انكم إن أنهضتم إليه بعضكم فما آمن أن يكون كاللذين قتلوا منكم، وفي ذلك عليكم ما أعوذ بالله منه لكم، وإن وادعتموه، واجرتموه رسنه، وأطعتموه زمنه، وسوغتموه وطنه، والمال الذي احتجنه، اشتدت شوكته واستجمعت مكيدته، واستعجل أمره، وبعد في الأرض أثره، فانقضت الأطراف، وظهر في رعيتكم الخلاف وأرى أن ينهض الملك إليه بنفسه في قواده وشيعته وانصاره وأرباب دولته، فإنه لا يقوم لحرب الملوك إلا الملوك، وفي النفقة عليه ربح عظيم، وفي الامسك عنه خسران مبین، وفي اجتثاث أصله نبات فرعكم، وفي قتاله حياة لكم.

فأخذ الملك برأيه، ونهض إليه في عدده وعتاده وانصاره وقواده، وبلغ الخبر الذئب فلىء رعبا، وفرغ إلى الثعلب فقال: يا أبا الصباح قد بلغك هذا الخطب الفادح، واحتجت إلى رأيك فأشربه، فلهثل هذا كنت أحسبك الحسى.

قال الثعلب: قد كنت استشرتني في أول هذا الأمر فلم أدخرك نصيحة، وكرهت لك مثل هذه العاقبة، وحذرتك وبال الصرعة، فعصيتني وغويت، حتى انكشفت بالخلاف قناعك، وانقطع به عذرك، وأشرت عليك بقاء أكفائك، ومدافعة نظرائك من أعدائك، وأطعني ورشدت، ثم قد أضلك من هذا الملك ما لا طاقة لك به، فإن استطعت أن تبتغي نفقا في الارض فتدخل فيه، أو سلما في السماء فتصعد إليه فافعل، فإنك غير قيرن له، ولا بذى يد تحويه، وأنت بظفره، إن قاتلك لم ترتفع منه جراحك، ولم يقيم به مجالك، فتنح عن سننه، وغيب شخصك عن عينه، فإن أطعني لم يسكن موضعك للأمر بدار ولا محلة قرار، فإذا انصرف عنك فعد إليه وأقم على ما أنت عليه؛ وإياك وحيرة الشك وطمع الرجاء، فإنهما أقوى أسباب البلاء.

فعزم النائب على الهرب، ثم رأى أن يستثبت في رأيه، فدعا ذئبا من إخوانه، فعرض عليه ما أشار به الثعلب، فسفه رأيه، وفند مشورته، وقال: لئن هربت لما تنال به من إضاعتنا أكثر مما يناله عدونا منا، ونحن بهذه الجزيرة كريش منشورة، ما لنا

بحر ينجينا، ولا منفسح في الأرض يسعنا، وإن الطلب ليدركك وإيانا، والتفتيش عنا يظهرنا، وسيجد الثعلب أدنى بحر، فلا يعرف له خبر، ولا يسقط له على أثر؛ وقد قال بعض الحكماء: إذا لقي اللاتي عدوه في المواطن التي يعلم أنه هالك فيها إن قاتل فيها غيره أو لم يقاتل فهو حقيقي أن يقاتل كرما وحفاظا؛ ولكني أرى قتاله حزما وإمضاء الرأي فيه عزما، فليست الحرب بمظاهرة الأبدان ولا بكثرة الأعوان، ولكنها بمنافذ البصائر، والصبر عند الحائظ، والغص فيه للأبصار، والتسليم للأقدار .

فأخذ الذئب برأيه، واطرح رأي الثعلب، وظهر للحرب؛ فلما دنا للقتال كمن له النمر كميناً حتى إذا التقوا بالسلاح، ووقعت في الفريقين الجراح، خرج الكمين على الذئب من ورائها، ومال النمر عليها فكان مكاير أول مقتول، واستلجم النمر عسكره، واحتوى عليه، وأسر كل ذنب فيه وأخذ الثعلب معها أسيراً، فأمر بضرب أعناقهم، وأكل لحومهم، حتى إذا وصل السيف إلى الثعلب صاح بأعلى صوته: عندي نصيحة للملك. فتمثل النمر ببيت قيل في محمد بن طلحة شعرا:

يذكرني حاميم والرحم شاجر فهلا تلا حاميم قبل التقدم

فدعا به فقال له: يا خبيث ما نصيحتك هذه، وطالما غششتنا، وسعيت في الفتنة علينا، وجريت بالبغي في الفتنة لهلاكنا .
فقال له الثعلب: أيتها الملك ملكت فاسمح، وإن أحببت أن تزداد سعة في ملكك وبسطة في حديثك فاستبقني.

قال له النمر: إني لأحب ما ذكرت، فأمن لي به.
قال له الثعلب: إن أفضل المكنون بصالح القلوب، وأنفع الأموال اتخاذ الموالي، وعندني لك خمس خصال احداهن خير من كثير المال.

قال النمر: وما هي؟

قال الثعلب: نصيحة لا يدركها فضيحة، وأمانة لا تشوبها خيانة، وطاعة لا تقدر فيها معصية، وخدمة لا تخالطها سامة، ورأي لا يتعقبه الخطأ.

قال النمر: هذه عادات، وقد يخلف الواعد، والمصدق بما لم يعلم به مخدوع.

قال الثعلب: ففي الامتحان اختبار، وفي التصفح اعتبار.

قال النمر: أجل ولكن في المراهاة عنك إضاعة الفرصة منك، وقد قال الحكيم:

صناعة الأيام الهلب وشرط الزمان الآفات. ثم التفت إلى وزرائه فقال: ما تأمرون؟

قال أحدهم: هذا عدو، وقد كان شغل بعداوتكم عقله، وثنى على بغضكم رحله،

وطوى عليه كشحه، فكيف تطمئنون إلى نصيحته، لقد اجتهد في نقض ما أبرمتم،

وسعى في حل ما عقدتم، وإنما يريد بهذه من خديعة لتزول قدمه عن مقام عقوبته، وقد

مسته من ألم جراحتكم، وذلل الأسر فيكم، ما لا يصلح معه قلبه، ولم يؤمن غشه، فالرأي

لكم أن تقتلوه وتطمئنوا بالراحة منه، وقد قالت الحكماء: العاقل لا يرحم من يخافه .

قال الوزير الثاني: ما أرى قتله، إذ ليس بذي سلاح فيتقي كيدته، ولا ذي

قوة فيخاف أيده، وإنه لأوحد بهذه الجزيرة ما له بها من عشيرة، وهو من ضعف

البدن على ما ترون، ومن الذلة على ما تعلمون؛ ولئن قتلتهم ثعلبا تخوفا منه، ورهبا له،

ليكونن ضعفا من أموركم، وصغرا من هممكم، فليسعه عفوكم يعظم به أجركم، ونحوه عن

أبصاركم يفتح عن قلوبكم .

قال الوزير الثالث: إنه ليس يمنع العاقل عداوة عدوه من مقاربتة التماس ما

عنده إذا طمع في دفع مخوف. واحترار مرغوب؛ وقد ميزت بين الحظ من الثعلب

في المنّ عليه، وبين قضاء الوطر من العقوبة له بدمه، فرأيت ما فرط من فعله لا يعدله

الانتقام منه بقتله، وعاجل الاستمتاع بالتطول عليه ممكن فيه، فهبوا حرمة مسألته العفو

عنه الانتظار منه، فقد قال الممثل: إذا ارحمن شاصيا فارفع يدا.

فأجابه الوزير الأول فقال: إنه رب عداوة باطنة ظاهرها صداقة وهي أشد ضررا من العداوة الظاهرة؛ والعامل يفني لمن صالح بما جعل له، ولا يثيق بما جعل لنفسه بمثل ذلك من عدوه، ولا يؤثر على البعد عنه والاحتراس منه ما استطاع شيئا، ومن كان أصل أمره عداوة ثم أحدث صداقة لحاجة حملته على ذلك فإنه إذا ذهب الأمر الذي أحدث ذلك صار إلى أصل أمره كالماء الذي يسخن بالنار فإذا رفع عنها عاد باردا، وقد كان يقال: الضعيف أقرب إلى أن يسلم من القوي إذ هو قد احترس ... منه، ولن يعتريه ما يعتري القوي إذا اغتر بالضعيف، واسترسل إليه، ولا أعلم ترك العقوبة إلا عجزا أو ضعفا.

قال الوزير الثاني: أن القادر من قدر على الشرّ، والعاجز من لم يقدر على أن يبغى دفع ذلك، فلا أعز ولا أثبت أركاننا، ولا أبذخ بنيانا، من إتياء المكارم واكتساب المحامد، وذلك أن عز التعظيم بالفعل الجميل باق في القلوب ومخلد في غابر الزمان، ومن تحصن بالجود وتجر بالمعروف واستعار الحلية ربطتها وسر بالها ظفر بما نواه ويربح ثواب الله.

قال النمر: فإني قد رأيت أن أعفوه عنه، ولكن امتحنوه في مقامكم هذا، واختبروا عقله بما تسمعون من صحة حجته، وبيان مبارته، فإن العقل ينتظم من أنواع أطباع الصورة الجنسية، فإن رأيتوه موضعا لصحبتنا فألزموه أبوابنا، وإن لم يكن لها أهلا فادفعوه عنها؛ وسألوه بحيث أسمع .

فاستقبله الوزير الأول بوجهه فقال له: أخبرني عن الانسان وحاله ونقصانه وكماله؟ فقال له: معنى الانسان العقل إذا رزقه استحق اسم الانسان، وإذا عدمه فقد نقص، ولا يلزمه إلا اسم الصورة . ثم قال: فإن لحق بعضا وقصر بعضا فهو انسان ناقص . قال: فأخبرني عن العقل أهو شيء إذا نال الإنسان أدناه فقد بلغ أقصاه، أم الناس في نياله مستوون أم متفاضلون؟

قال: بل متفاضلون .

قال: فكيف دعى ذو الحظ اليسير منه باسم ذي الحظ الكبير، فليل لهما عاقلان وهما في العقل متباينان، فهل يقع اللقب الواحد على ذوى الدرجات الشتى؟ قال: نعم وليس ذلك بخطأ من القائل، لأن هذه الدرجات الشتى من جنس واحد، واللغة تضيق عن هذا وما أشبهه أن تدعو كل ذي درجة من درجات الجنس الواحد بلقب غير لقب الآخر، ولو كلفت اللغة ذلك لطال الكلام في غيره لتوزع المعنى المستوجب للاسم، ولكنها شملت كلها باللقب الواحد، ودعت المختلفين فيه باسم واحد.

قال: فكيف يعرف الناقص من الزائد وقد جمعهما اسم واحد؟

قال: بالتمييز وكشف المعرفة، ومثل ذلك في اللغة ما يدعى به أهل صناعة من الاسم الواحد، وهم في تلك الصناعة متباينون في التفاوت إذ يقال: بناء ونجارون وتجار وخياطون، ولكل واحد منهم على صاحبه في الصناعة فضل أو عليه له فضل، فالتاس كلهم مستوون فيما يلحقهم من النقص في العقل، وهم فيما أتوا منه متفاضلون: أحدهم فيه أكثرهم حظاً منه .

قال: كيف مرت هذه الغاية ومنع ذوو العقل بلوغها؟

قال: لأن الغاية كمال، والكمال صفة لا تصح إلا للخالق، ولا يستوي الخالق والمخلوق في صفته تعالى الله عن ذلك .

قال: فهل تحيط المعرفة بمقدار عقل الإنسان حتى إذا أراد واصف أن يصفه لم يُجاوز حده إلى زيادة، ولم ينقص عنه إلى نقصان؟

قال: إن ذلك ثابت المعرفة، وقد يوجد الانسان ثابت المعرفة بشيء وغير ثابتها بشيء آخر، وخلال ذلك درجات كثيرة، فلا يقدر على إحصاء ما ثبت فيه معرفة المرء مما لا يثبت إلا الخالق، غير أن قلوب أولي الأبواب و موازين معرفتها لا يزن بها أحد بعد اختبارها وصحة الفهم له إلا كادت تضعه في موضع بينها العدل منها، وللقلوب في

ذلك بما طوقته من الفهم فضل على الألسن بما طوقته من النطق، وإن كانت تراجمة القلوب أسمى؛ ألا ترى أن قاتلا لو اجتهد في وصفه لما أتى على كنه معرفة قلبه، وليس ذلك لكلال من اللسان يلزمه عيبه ولكن الفهم عن المنطق سبب نقصه .
قال: وما سبب ذلك؟ قال: سبب ذلك أن اللسان رسول والقلب مرسل ولا يقوم الرسول مقام المرسل .

قال: أخبرني على قدر ما أوتي كل امرئ من العقل: أعرض اكتسبه بالتوفيق له، أم خلة فطر عليها كامنة في جوهره؟
قال: بل صنعة موجودة في ضريته .
قال: فما موضع الائمة للجاهل؟

قال: لو كان الجهل موجودا لا عقل معه لسقطت الائمة، ولكن يكون للبرء جزء من العقل فيلزمه من النوم بقدر ما أضاعه بذلك الجزء، فإن كلفه مكلف أكبر من طاقة عقله فقد ظلمه. ومع هذا يكثر من الناس أن يؤنّبوا أهل النقص بأكثر من مقدار ما يلزمهم، وإنما يؤتي الائمة في ذلك من قلة معرفة بمقدار ما يسعه عقل الملووم فيكلفه فوق طاقته، ألا ترى أن الذنوب إذا أصابها مصيب كشفت الحكام عن وجهها، فبيزت الجهل من غيره، فحكمتها في العمد - وهو ارتكاب الذنب مع المعرفة به - العقوبة عليه، وفي الخطاء - وهو ارتكاب الذنب جهلا - إزالة العقوبة إذ ليس عن عمد القاذف وتسقط مع ذلك عنه الملائم .

قال: فهل يسقط عن المذنب غير ذى المعرفة إثم فقد ذلك؟
قال: هذا على أن العقوبة لا تجب إلا على ذى العقل المضيع، وكذلك الائمة عند من حصل إليها موضعا.

قال: فهل بالعقل حاجة إلى شيء يكون بقرنته أحسن منه بفارقتة؟

قال: نعم به إلى العلم أعظم حاجة، فقد يكون الإنسان مطبوعاً على عقل ولا علم عنده، فيكون مثله كمثل القوس العطل لا نفع عندها إن بان عنها وترها، فإذا اجتمعاً بلغت المراد منها.

قال: فصف لي ذات كل واحد منها على حدته؟

قال: أما العقل فإنه قائم لكل محمود، وجنة من كل مدفوع، حياة النفس وراحة البدن، مدته إلى السرور وأيامه إلى السلامة، جامع شمل المذاهب وراجع فوت كل ذاهب، كنف الرحمة ومفتاح الهدى، إتاحة المودة للصائين والساقط بالظن عن اليقين، وزارع الخير ومثمر الفتنة، وحامي الهوى عن مراتع الهلكة، لا يخبو نوره ولا يكبو زنده، يجنيك ثمر العافية ويقيك محذور العاقبة، يستصحب الصنع ويرب التوفيق، مفتاح الخيرات و معدن الصالحات، عليه معول المحروم وفيه عوض من المعدوم، وإنما العلم قياس الدين وشعار المتقين، وحلة العاقل وميزان العادل، وحكمة الهدى ولسان أولي النهي، مسلاة المحزون وفاكهة الحكيم، وروضة يرتفع منها الفهم، ومستراح لثقل الهم، علق نفيس، وصاحب في الغربة، وأئيس في الوحدة، كنفه مألوف، وحمله خفيف، لا يعيب الإفتار من حمله، ولا يزين المال من جهله، المتجر به يربح، والطالب به ينجح، لا يضع منه جهله، ولا ينقص منه بذله، ذائد الجوارح عن الذنوب، وحارس الأعراض من العيوب، لا تمله الأسماع، جنة عند معترك الحجج، ودرجته أرفع الدرجات، قلب العاقل به بهيج، وصدر الجاهل به حرج، سلطانه منصور ومخالفه مشبور، يزداد طالبه كل يوم نشاطاً، وبما يحوي منه اغتباطاً، ذخيرة الدنيا والآخرة.

قال: فما يوصف به العقل والعلم معاً؟

قال: إذا اجتمعاً في امرئ فالعلم خلته وبه يقى عرضه، والحذر جنته وبه يتقي مكروهه، والعزم سيفه وبه يقطع حيرة شكه، والظن سهمه وبه يصيب ما غاب عن عينه، والخير عادته وبه يدفع لجاجة سرفه، والحزم لجامه وبه يقوم مركب هواه،

والصدق لسانه وبه يخضم من ناواه، والصمت حليته وبه يردع خطأ منطقته، والرجاء مطيته وبه يبلغ نجح حاجته، والتأسي شعاره وبه يصون بدنه، والصبر حصنه وبه يتمتع من ندامة عجلته، والقناعة عيره وبه يطأ عنق حرصه، والحياء قناعه وبه يرد مقت حخته، والشكر وسيلته وبه يمتري من يرى النعم عنده، والامانة أمره وبه يتقي سوء الظن عن نفسه، والعفة سلطانه وبه ينال شرف عزه، والإنصاف شيمته وبه يزيل مضرة مظهره والرضا ميدانه، وفيه يجري إلى راحته، ويحسم به سلطان غضبه، والفكر عيناه وبه يقلب عن التدبير، وينظر في عواقب الأمور، ويقيس ما كان على ما يكون .
قال: أريت من سلمه الاختيار فظهر منه بعض ما يكون من خلال، المحكوم عليه به وموصوف بفضيلته؟

قال: لا، حتى يعلم أنه مختار تلك الحال الزكية على خلافها، وذلك أن الحمد إنما يقع على من جعل الاختيار بين الأمرين فاختر أفضلهما وأسأهما؛ وليس من صنعت خلقه على مثال بأهل إلى حمد يستوجه وإن كان مثال خير؛ الا ترى انه لا موضع حمد الشمس من نورها، ولا القمر في ضيائه إذ ذلك فيهما تركيب ولهما لازم، ولا يقدران أن يأتيا بغيرهما؛ وكل حلیم لم يذق مرارة الذل، ولم يطعم حلاوة الغلبة، ولم يتجرع غيظ الضيم فليس بحليم؛ وكل جواد لا يخاف الفقر فيعرف قدر المال، ولا ذلة الفاقة فيستمسك بعزة الغنى، فليس بجواد؛ وكل شجاع لا علم له بألم الجراح وكدر الحياة وما يحول من دونه من لذيق العيش فليس بشجاع؛ وكل صبور ليس له على الصبر مندوحة، ولا إلى الوله سبيل فليس بصابر؛ وكل مبتدئ نعمة عن رغبة أو رهبة لا عن تفضل لا اكتساب حمد أو أجر فليس بمنعم؛ وكل قانع لا يجد مضطربا لا من العدم موثلا فليس بقانع؛ وكذلك كل ذي خلة من الخير والشر لا يقدر أبدا على التحول عنها إلى ضدها اضطرابا فلا موضع لجمده ولا لدمته.

فأقبل عليه الوزير الثاني وقال: سمعنا ما وصفت من الخلال المحمودة والآداب المرضية في أولي العقل، غير أنا نجد بعض ذوي الجهل يشركهم في كثير منها حتى يجتمع المتضادان في اسم الخلة الواحدة فيقال لكل واحد منهما عند السعة بالعطية جواد، وعند الاحتياح للمكروه والصبر عن الأذى حلیم، وعند بذل النفس في البأس شجاع، وعند طلاقة اللسان والفصاحة بالكلام بليغ، وعند الرضا باليسير قنوع، وعند السكوت صموت، وعند النظر والتثبت متأن»، وعند اتخاذ النعم منعماً، وفي أشياء هذه الصفات فكيف يميز العاقل فيها من الجاهل؟

فقال الثعلب: صدقت فيما وصفت، غير أن العاقل والجاهل لا يجتمعان في خلة من هذه الخلال إلا باسم على ألسن العوام، فأما المعنى فهما فيه مختلفان لا يلتبس حالهما على ذي حجي، وذلك أن لكل خلة مما ذكرت وتركت من الخلال المحمودة حدا لا يقف عليه إلا العاقل، ولا يتجاوزه إلا الناقص؛ فمن فهم ذلك الحد لم يدع باسم تلك الخلة إلا من وقف عليه، ولم يتجاوزه إلى النقص؛ فإن مال به عن ذلك ميل وسمه باسم الدرجة التي مالت به، وإنما يؤتى العوام عند صفاتها إذا وصفت من قلة المعرفة بحدود درجات تلك المنازل، فيجتمع ذوو المذاهب المختلفة بالاسم الواحد، فحكم السامع لتلك الصفة واقع على خطأ، ويقينه على خطر، وظنه إلى غير صواب . فأول ذلك العلم وحده العمل بما نبيل منه، وبه يستحق المرء اسمه، وإن أكثر من جمعه بل هو باسم الشقاء أولى لطول نصبه و دؤوب تبعه معملاً جوارحه فيما لا ينفعه، وذلك من عمل به جائراً عن قصد سبيله فهو بالمنزلة الأولى، ويلحقه اسم الضلال، والضلال فرع الجهل، ثم الحلم وحده استعماله عند صيانة العرض، من أهل الضعة والخمول، والتعفف عن مكافأة الكفاء على جرائمهم تكريماً عليهم وسموا بالنفس عن المجازاة بالإساءة إليهم، وبذلك يستحق اسم الحلم، فإن تجوز به هذان الحدان كان اسم العجز أولى به، وأخو العجز ذليل مهين، ثم الجود وحده السماح بفضل المال

في موضعه بعد الكفاف، وذلك استحقاق اسم السخاء، فإن سمح به من غير حده فهو مغبون، فإن وضعه في غير موضعه فهو مبذر وإن جاد بكفافه فهو مسرف، وأخو السرف بغيض عدم، ومن أعدم فلا مرؤة له، ومن لا مروءة له فلا حياء له، ومن لا حياء له فلا دين له، ومن لا دين له فالموت خير له، ثم الإقدام في البأس ولا تجده يجاوز إحدى ثلاث منازل، إما الدنيا ينافس أهلها فيها، وإما الآخرة يحرز نصيبه منها، أو حمية عند الغضب . فأما الأولى فلا تجد تاجرا يبذل سلعته بأدنى من قيمتها الا جاهلا، والمقتحم في الحرب باذل نفسه دون قيمتها لطلب دنيا، وذلك من الخسران المبين، فاسم الخزي أولى به؛ والثانية في طلب الآخرة، والباذل لنفسه مستوف ثمن ما بذل، اذ الثمن باق والمبذول فان وتلك الشجاعة، والثالثة الغضب عند الحمية، والغضب هوج فلا يدعى صاحبه إلا به إلا أن يكون منتصرا بعد ظلم؛ ثم ذرب اللسان والترف في الكلام فحده الإيجاز في القول والاصابة في المعنى وتلك البلاغة؛ فإن أخطأ كان اسم الهذر أولى به، ثم طول السكوت فإن يكن اعتبارا فهو صمت العاقل، وإلا فهو عمي الجاهل؛ ثم الرضا باليسير، فإن يكن احتسابا بالأجر وزهادة من مكسب السوء فهو قناعة والا فهو حق، والاستكانة يبعثها قلة الحيلة؛ ثم التثبت، وطول النظر إن يكن نذيراً للمحذور ونظرا في العواقب فهو تأنٍ ورفق، والا فهو حيرة وشتات في الرأي؛ وكذلك إمضاء التدبير إن يكن ذلك عن معرفة بحيث لا تزل القدم فيه وثبت فهو عزم وصرامة، والا فهو عجلة المخطيء، والمخطئ فيها والمصيب غير محمود؛ ثم الطول بالمنة؛ والكريم يزرع النعمة في قلبه، ويغذوها بشكره، ويربها بتذكر مواقعها من خلده، مستعظما لصغيرها، مستكبرا لقليلها أبدا حتى يموت بموته، وكذلك اصطناع المعروف واكتساب الأجر، واللئيم لا يجد للنعمة حسا في جوارحه إلا ريثما يجد من حلاوتها بين لهواته، فإن تجاوزت حلقة نسيها، وإن خطر بباله ذكرها استصغر عظيم ما أهدى إليه منها، فاستثقل كثيرها، وظن أن الذي نال منها بحق واجب له، فذلك فساد

المعروف وامتهان النعم وخسران المبدول، ثم الغناء والقدرة فخلت هما عند العاقل التواضع وخفض الجناح، وخلت هما عند الجاهل التيه والاستكبار؛ ثم النسك، والعاقل يتزين به ارتضاء ما في فضله فهو يتزيد رغبته فيه، والجاهل يتحلى به رياء وسمعة وحيلة لبعض الأسباب أو لعادة في غيره في بدنه كسائره، ذلك العمل وإن طال الزمان عليه يرجع القهقري على عقبه ثم يسير حتى تزول الشكوك عنه؛ ثم الاعتذار من الذنب وهو من اللبيب إقرار به واستغفار منه، وهو من الركيك إنكار له ونصرة لخطئه، فذلك معتذر بالإعتاب، منيب للإحسان، وهذا زائد في التعنت ومصر على الإساءة، ثم الرضا فهو للعاقل بنيان موطن لا تهده خواطر الظنون، وعود صلب لا يقدر فيه سعي الوشاة، وستر كثيف لا يهتكه حسدة النعم، وهو من الجاهل كظل الغمام أو كريحشة في فلاة من الأرض نخفق الرياح بها كل وجه؛ ثم المشورة في الرأي، فالعاقل يستشير عارضا للاراء على رأيه، وقائسا بعضها ببعض حتى يقع اختياره على أسدها وأولاهها بالصواب طريقا، والجاهل يستشير متردداً في أمره، فيما يسمع من الآراء لا يزداد إلا حيرة وشعاع قلب وتثقل رأي حتى يزل به المخدور، ويلحقه المكروه .

فاقبل عليها الوزير الثالث فقال له: أحسبك عاشرت خلقاً كثيراً، فصف لنا ما اخترت من أخلاق من عاشرت من أولاد الدنيا وما بنوا عليه من الرغبة فيها والمجانبة لها. قال الثعلب: كل بلوته على شاكلته، وعرفت هديه وطريقته، وتصفحت فنون مذاهبه، فوجدت لهذه الناس جواهر قل منهم من يحدث في جواهره، غير أن العرض المركب في خليقته إلا يكن متكلفا لا ينبؤ بغير كلفة، ولا يسع ما يتحمل من خلاف تهجينه؛ والناس لعيونهم أشد تصديقا منهم لقلوبهم، ولو رفع لأبصارهم بعض ما تسره نفوسهم ثم دعا إليه داع ودونه مهالك جملة لكان من يتورط تلك المهالك - وهو يعرفها - أكثر ممن يصد عنها، فالأبصار سامية إلى ذي السير الحسن، والرواء الجميل، والشارة الظاهرة، والرياض الزاهرة، فلا عجب لمن رأى ظاهر ذلك، وجهل باطنه،

فوصل أسباب الطمع إليه، ولكن العجب لمن فهم الباطن، فعلم أن تزوده منه سم نافع، فأكذب علمه، وصدق عينه ولن مال بذى الغشاء بصره، وطمح به نحو كل مخيلة بدرة يمتري فيضة درها اذا أقبلت، ويتربص علائها إذا أدبرت، لا يزداد عن ربيّ إلا ظمأ، ولا عن ظمأ إلا ولها، آثر الحاضر على الغائب، وفاني عاجلته على الغائب من باقي آجلته، ثم لعله يكون في محلّ من شهواته قد أذاقته الحتوف، وشرب بكأس المنون، نفسر الأولى والآخرة لا يعظ الثاني ما أصاب الأول ولا يغنيه فضل ما منع به، وهو كافيته على ازدياد فيه، وهو بالعلم لا يحتاج إليه وآخر من أغفل الأمر الجليل وأضاع الحظ الجزيل وامتنع ألا يغفل ويضيع ما دونه؟ وكان هذا التغلب شامل أهل الدنيا إلا أمراً وهب الله له غزير عقل، ثم أيدته بالتوفيق، فنكث ككائنه ليسر بها فعجم سهامها عودا عودا فنزع بقدرح منها لم يزوره خطرات الشهوات فيطيش، ولم يقدرح به كواذب الآمال فيضعف، فحفره من وتره بهمة لم تقصد بها دناءة وعزم لم يؤخره ارتياب، فلم يعد إذ رمى أن صاب مقتل الدنيا، فغادرها عرضة بلاء وصريرة قلي، ولم يلتسق بقلبه حبا فيبكي عليها، ولا استهوته برونقها فيحنّ إليها، فهي لديه كالميتة لا يصيب من حطامها إلا عن اضطرار وغير باغ ولا عاد في بلغة حتى يدعى إلى مادبة القرون الخالية فيجيب؛ وأما الآخرون فأخيف شتى ضرائبهم، قد منع كل واحد منهم بالستر الحاجب له عن معرفة نفسه وفهم فضيلته عن غيره، فهو يحتسب بالفضل عليه ولولقي الجهل والمرض؛ ولو صحت عقولهم لخربت الدنيا، فلها فطرهم عز وجل أشتاتا فضل بعضهم على بعض في الدرجات، وساوى بينهم في الموت؛ وقد كشفت خصائل الأقسام فوجدت مودة الجاهل وعداوة العاقل أسوة في الخطر، ووجدت الأئس بالجهل والوحشة من العقل سببين في العيب، ووجدت ظن العاقل أوقع بالصواب من يقين الجاهل، ووجدت غش العاقل أقل ضررا من نصح الجاهل، ووجدت العاقل أحفظ لما يستكتم من الجاهل، ولم أجد لكذب حياء، ولا لحريص غناء،

ولا لشره أمانة، ولا للثيم رحمة، ولا لذي هم سمعا ولا بصرا، ولا لبخيل صديقا، ولا لمستظرف عهدا، ولا لحسود راحة، ولا لقتنوع عدما، ولا لفاسق حرمة، ولم أجد من الناس سالما، ولا لمرارة من الخلق مسيغا، ولا من نفسه منصفا، ولا راضيا عن زمانه ولا عدلا إذا خالف الهوى .

قال: فصف العاقل؟

قال: العاقل موفق للرشد في كل أمره، ولا تلقاه الا ناصحا للولاية، موقرا للرؤساء، منقادا للفقهاء، موفيا للإخوان، متحرزا من الأعداء، غير حاسد للأصحاب، ولا مخادع للأخيار ولا متحرس بالأشرار ولا شاغب على الناس ولا بلاح للمستلطف، ولا مرح في الولاية، ولا بخيل في الغناء، ولا ذليل في الفاقة، ولا جالح في الغضب، ولا منقاد للهوى، ولا مكذب بالقضاء، ولا متكل عليه، ولا متكلف ما لا يطيق، ولا يسعى إلا لما يدرك، ولا يعد إلا بما يقدر عليه، ولا ينفق إلا ما يقدر أن يستفيد به، ولا يطلب من الجزاء الا بقدر ما عنده من العناء ولا يفرح لما يقال فيه الا بما يرى نفسه أهلا له علما منه أن تكلف ما لا يطاق سفه، وأن السعي لما لا يدرك عياء نفسه، وأن وعد ما لا ينجز فضول، وأن الاتفاق من غير الفائدة خرق، وأن طلب الجزاء بغير العناء سخافة، وأن بلوغ المنزلة بغير استحقاق إشفاء على الهلكة .

قال: فصف الجاهل؟

قال: هو من تراه يتناقض في كلامه، ويعجب بجديثه، ويعلو صوته بضحكه، ويوقع الظن في غير موضعه، ويسترسل بالمزاح إلى غير أهل الثقة، ويعرض عن العلم، ويوجب إلى غير فهم، ينصرف إلى الرأي في غير كنهه، وبجانب الفقهاء، ويماري الحكماء، ويكثر اللجاج، ويظلم في المعاشرة، فإن نزع به مركب السوء، وثار به العرق اللثيم مال به الحرص على الشرّ كلّ ميل، فكثرت أمانيه، وبخل بما في يديه، فإن سبقته يده بقلته بر كدرها بالمن، وأحدث لها تيبها على المبرور، وإن استغنى بطر، وإن افتقر

استكان، يفرح بالتافه واليسير، ويذل للطمع الحقير، يريق في اللؤم فطنته، ويحوطه حذره في التمسك بما ظفر به من مال والتخليص لما دب عنه من نشب، أنفذ وأبلغ من سائس الحرب التي يريق فيها دمه ودماء أصحابه بألطف التدبير، وأخفى الفطن وأشد الحذر، وأوضح النظر، يرى أن أحدا الا يستوجب النعمة سواه فالحسد يحمله على استصغار ما حمله غيره

وهو يتنى بعضه - واستعظام ما في يده وهو مجتهد في الازدياد منه.

قال: فقد يوجد ذو الحظ من العقل ومن اجتمع له كثير من محمود الأخلاق،

ولا يخلو من نقص ما وصفت به ذا النقص من مذموها.

قال: قد أعلمتكم أن أحدا لا يكمل في كل الخلال حتى لا يأتيه عيب من بين

يديه ولا خلفه، ولكن ذا اللب إذا خالطه بعض المساوي كان له من عقله ساتر يحجبه عن أعين الناس، فإن لم يقدر على ما ستره أحسن مداراة نفسه حتى ينصرف عنه قبح الاسم منه إلى ضده، فيقال للجن منه حذر، وللبلخ منه تقدير، وللمهبة فيه انتصار، وللحرص اكتساب، وللي صمت، وللفظاظة قوة. ولإفراط العقوبة تأديب، وللغضب عز، وللجزع رقة، ولسوء الظن حذر، وللعجلة عزم، ولعصبية أنفة، وللخطأ قضاء، وللظلم اقتدار، وللإفراط تفويض، وللمهانة خشوع، وللهذر بلاغة، ولترك المشورة استغناء، وحسن هذه الاسماء كلها منصرف في الجاهل إلى قبورها؛ فإن استعمل الجاهل طلب العلم طلب منه ما لا يعرفه، وإن استعمل الجود بذر، وإن استعمل الشجاعة قتل نفسه، وإن استعمل البلاغة هذر فأذى جلسه، وإن استعمل القناعة ترك الاكتساب وأفضى إلى المسألة، وإن تحلى بالمروءة خامره الملل فمل الحبيب فضلا على غيره، وإن استعمل الظن انهم نفسه، وإن استعمل النصيحة تنزع فيها إلى ما لا يحتاج إليه، وإن استعمل الأئس استرسل إلى كل من بلغ من الناس، وإن تكلف الصبر تعرض للبلاء، وإن حظي بالطاعة عصى ربه، وإن أخذ نفسه بالشكر شكر على غير معروف،

وإن نصب لعدوه حباله علقها عنقها، وإن استشعر الحذر أعمله في أكثر مما يكرهه، فكان كطائر كان أكله السمك فنشب بسمكة في حباله صياد فلم يزل يضطرب حتى تخلص، فكان بعد ذلك لا يرى سمكة إلا ظن أنها حباله منصوبة، فترك الصيد حذرا حتى مات هزلا وضرا؛ وإن أظهر السرور أكثر الضحك . وإن استعمل الاحتمال رأى العسف وأقام على الظلم، وإن تدبر أفسد أكثر ما يصلح، وإن تأنى أمسك عما به يعنى، وإن استشار شاور الأشرار.

قال: فأخبرني عن الأحمق الداهي من أين أتاه الدهاء والمكر، وهو موصوف

بالتقص؟

قال: لن تجد منه ذلك الا في دقائق الأمور وسفساتها وذوات الدناءة منها؛ ولم يؤت الأحمق من التدبير المستبطن للدهاء وطلب الحيلة شيئا الا وذو المحي فيه أقوى سببا، وأبلغ مراما، وأوفر فيما يريد فيه حظا، ولكن شرف همة اللبيب وكرم طبعه يحجبانه عن استعمال فهمه فيما نظر فيه الاحتمق ونطق بحيرته، وكثيرا ما تجد ذلك في شرار الناس وسقاط الاماء، وقد قال بعض الحكماء: عرفت كل شيء ما خلا الرعناء، فلا تحسن ذلك من الأحمق فضلا فيه قصر عنه المقدم في اللب عليه، ولكنه لما أعلمتك.

قال: فما الدليل على شاهد المرء من عقله قبل ابتلاء خبره وتصفح أيامه؟

قال: ضدّ ما ذكرنا من شاهد الجاهل، غير أنه ليس يقع بالشاهد الحسن حكم على غائب العقل، كما يقع بالشاهد القبيح حكم على الجاهل، وذلك ان خلال الفضل قد يتكلفها من ليس أهلها، ولا يتكلف خلال التقص من لم يطبع عليها، فلربّما رأيت في المجالس وحيث تضمه المحافل حلّما وقورا صموتا، فإن أعطي لسانا سمعت له بيانا يقيم به الأمور، ويشارك أهل الحكمة في التدبير، فإذا قام عن مجلسه وأفضى إلى تدبير نفسه رجعت منه إلى عقدة ضعيفة، وقوة موهونة، ورأي معتل، وجناب من الخير معطل.

قال: فإن أتاها الحلم والوقار والعبارة واللسان؟

قال: يكون قد سمع مجالس الأخيار وفضائل الأبرار، فتكلف من ذلك في وقت عقله مقدار ما يتزين به، ويصير فيه على مفارقة مقدار سجيته كالمستعير ثوبا يتجمل به عند ذوى حشمة، فإذا فارقههم رد الثوب على أهله.

فأقبل عليه الملك فقال: أيها الثعلب، من صغرت الدنيا في عينه؟

قال: من كرمته عليه نفسه.

قال: فمن أعظم الناس قدرا؟

قال: من لا يبالي بالدنيا عند من كانت.

قال: أي الأعمال أفضل؟

قال: اجتناب المحارم

قال: أي الناس أعلم؟

قال: أشدهم لله خشية.

قال: فأبي الناس شر؟

قال: العالم إذا فسد.

قال: فمن لا علم له؟

قال: من لا نية له.

قال: فمن لا مال له؟

قال: من لا رفق له.

قال: فمن أحق الناس بالرحمة؟

قال: عالم يَجُورُ عليه حكم جاهل.

قال: فمن أحق الناس بالرجاء؟

قال: من لا يُرْحَى.

- قال: فمن الموقف للخير؟
- قال: الراضي باليسر مع سلامة الدين.
- قال: فمن المتعرض للشر؟
- قال: الراضي بالكثير مع فساد الدين.
- قال: فمن المعاود للحسنة، الزائد عليها؟
- قال: المربح بها والمستغل لها.
- قال: فمن أخدم الناس للدنيا؟
- قال: الحريص لطول الأمل.
- قال: أي شيء لأمر الناس أخوف؟
- قال: الإصرار على الذنب.
- قال: فمن أين يطلب الرزق؟
- قال: من حيث تكفل به الربّ.
- قال: فمن أين لا يطلبه؟
- قال: من طالب مثله لا ضمان عليه، إن وعده أخلفه وإن ضمن له خاس به .
- قال: فمن أولى الناس بالحدز؟
- قال: من تتابعت عليه النعم وهو مقيم على المعاصي
- قال: فمن أعظم الناس رزية؟
- قال: من ضيع النفس وأخطأه العقل.
- قال: فما ألد شيء؟
- قال: الإفضال على الاخوان.
- قال: فمن الصافي له لسان الثناء؟
- قال: من صفا من الخنا.

قال: فن القصير المهمة؟

قال: الراضي بالفاني العاجل من الباقي الآجل

قال له الملك: فصف لي الدنيا .

قال: الدنيا والدة الموت، وناقضة المبرم، ومرتجة العطية، وكل من فيها يجرى لما لا يدري، وكل مستقر فيها غير راض بحاله، وذلك دليل على أنها ليست بدار قرار، غرارة غير مأمونة؛ من استرسل إليها أهانتها، ومن قلاها أكرمتها، تحوج من بانت عنه، وينالها من لم يكن يروجها، طالبة مطلوبة، فمن طلب الآخرة طلبته الدنيا حتى توفيه رزقه فيها، ومن طلب الدنيا طلبه الموت حتى يخرجها منها، دار فناء ومنزل قلعة، رغب عنها السعداء ورغب فيها الأشقياء، فغناها فقر، وعلوها جهل، وخطوبها صروف، وأيامها دول، وإن امرأ آخره الموت لحري أن يزهد في أوله.

قال: فن العارف بها؟

قال: من لا يفرح لرخاء، ولا يحزن لبلاء .

قال: فصف لي صاحب الدنيا؟

قال: من هو في جميع أموره في حرب ومكابدة، يكابد الشيطان في دينه، والدنيا في حرفته، والأخلاق لتستقيم، والأهواء لتتقدح، والأدواء لتندفع، والجهالة لتتحمي، والآمال لتتال، والمكروه ليزول، وبعض ذلك عن بعض شاغل، والمشتغل عنه ضائع، والمضيق مفسد، والمفسد فاسد، ولا سبيل إلى أحكام جميع ذلك كله، والحكيم من أضعاف من ذلك ما فني لحفظ ما بقي .

قال: فما الصلاح؟

قال: أن يكون التواضع لله أحب إليه من التماس الشرف، وما قل من الدنيا أحب إليه مما كثر منها، ويكون الزائد والناقص في الحق سواء عنده، ويحكم للناس كما يحكم لنفسه .

قال: فأبي الأشغال أحق بالتقديم؟

قال: شغل عظيم الآخرة على شغل صغير الدنيا.

قال: فصصف لي صاحب الأيام؟

قال: كان يقال: من اعتدل يوما فهو مغبون، ومن كان عنده شريومه فهو محروم، ومن لم يعرف الزيادة من نفسه فهو منقوص، ومن كان في نقصان فالموت خير له.

قال: فما الحزم في العمل؟

قال: الحرث للآخرة كأن الموت في غد، والحرث في الدنيا كأن العيش للأبد.

قال: فما أحق الأشياء بالتعجب؟

قال: من رجا فلم يعمل، وخاف فلم يكف.

قال: فصصف لي الدهر؟

قال: هو ثلاثة أيام: فأمس حكيم وهو مؤدب ترى فيه حكمته، واليوم صديق مودع كان عنك طويل الغيبة أتاك ولم تأته وهو سريع الظعن عنك، وغدا وهو عنك طويل الغيبة لا يأتيك ولا تأتبه لا تدري أتكون من أهله أم لا.

قال: فما الموجود؟

قال: المقدم للآخرة.

قال: فما المغنوم؟

قال: ما بقي من الدنيا مما عبر منها.

قال: فمن أضل الناس؟

قال: من وكل إلى نفسه،

قال: فما أحق شيء بالارتضاء؟

قال: اختيار الله، فان ما برى المرء مما يجب فيما يكره أكثر مما يرى فيما يحسب.

قال: فما أفضل ما أعين به المرء على الدنيا؟

قال: الغنى. قال: فما أفضل ما أعين به المرء على الآخرة؟

قال: الفقر.

قال: فأين مكان العبر؟

قال: عند كفر النعم.

قال: فأين مجاري العبر؟

قال: في القبور تحت المدر.

قال: فما الخير الذي لا شر معه؟

قال: الشكر مع العافية والصبر عند المصيبة.

قال: فقيم النجاة؟

قال: في ترك ما تحب إذا كرهه الله عزّ وجلّ.

قال: فما أربع من كن فيه أو واحدة منهن فهو من صالحني من هو منهم؟

قال: من كان له عقل يرشده، أو دين يسدده، أو حسب يصونه، أو حياء يقناه.

قال: فما أحلى شيء؟

قال: الطاعة.

قال: فمن يصبر عليها؟

قال: من استعظم المعصية.

فما أمرّ شيء؟

قال: الحق.

قال: فمن يصبر عليه؟

قال: من عرف فضله.

قال: فما أقوى ما استغفر به الشيطان؟

قال: عزّة السلطان.

قال: ففهم الكمال؟

قال: في ثلاثة: الفقه في الدين، والصبر على النوائب، وحسن التدبير في المعيشة.

قال: فمتى يكون القلب واعياً ما استودع من المواعظ؟

قال: إذا صحا من حب الدنيا، فإذا علقه لم ينفعه وكان كالبدن إذا سقم لم ينجع

فيه طعام ولا شراب ولا نوم ولا راحة.

قال: فما الزهد؟

قال: صرف النفس عن محبوب الشهوات.

قال: فمن شر الأبناء؟

قال: من دعاه التقصير إلى العقوق.

قال: فمن شر الآباء؟

قال: من دعاه البر إلى الإفراط.

قال: فمن الذي لا يصلحه اختباره لنفسه؟

قال: من لا يصلحه أدب ربه.

قال: فمن الغريب؟

قال: من لا أحأ له.

قال: فمن المستوحش؟

قال: من لا جليس له.

قال: فهل لنعمة كاره؟

قال: نعمة الفاجر.

قال: بم يرجع به سائل الكريم؟

قال: الغبطة والسرور.

قال: بم يرجع به سائل اللئيم؟

قال: الغضب والخسران.

قال: بم يسترعي الشريف؟

قال: تقوى الله.

قال: فم يسود المرء؟

قال: بأربع: العلم، والأدب، والفقه، والأمانة.

قال: فما شر الدنيا والآخرة وخيرهما؟

قال: ذلك في أربع: في الكفر، والفقر، والغنى، والتقى.

قال: فأى شيء أحبّ إلى الناس من العطاء؟

قال: الكلمة الطيبة والوجه البسيط.

قال: فم يكون الحمد والمجد؟

قال: لا حمد الا بفعال، ولا مجد الا بمال.

قال: فما خير الجلساء والاصحاب؟

قال: من يستفاد منه الخير في الدين، فمن لم يكن كذلك فلتنبذ صحبته.

قال: فصف لي الايمان؟

قال: ما لا دونه غنى ولا بعده فقر.

قال: فقيم يتعزى العاقل؟

قال: فيما ينزل به من المكروه وذلك بأمرين: أحدهما السرور بما يناله والآخر

رجاء الفرج مما نزل به؛ ويجزع الجاهل في مصيبتيه بأمرين: أحدهما استكثاره والآخر

ما هو أشدّ منه.

قال: فما أدنى ما يستوجب معطي النعمة على نائلها منه؟

قال: ألا يتوصل بها إلى معصية.

قال: فما الشيء الذي هو في بعض الناس أقبح منه في بعض؟

قال: كان يقال: خمسة أشياء تقبح من خمسة: الحرص من القراء والحلدة من الأمراء والبخل من ذوى الأموال، والفحش من ذوى الاحساب والشره من ذوى الامتتان.

قال: فصف لي النعم والذنوب؟

قال: نعم الله أكثر من أن يؤدي شكرها الا ما أعان عليه، وذنوب ابن آدم أكثر من أن يسلم منها إلا ما عفى عنه.

قال: فمتى تكون الصنيفة أحسن؟

قال: إذا كانت عند ذي حسب أو دين.

قال: بم يصيب الظن؟

قال: إن لم يكتفه العقل الراجح فهو في الخطأ سائح أو بارح.

قال: فيم يعرف الرجل؟

قال: بما أكثر منه.

قال: فيم تذهب هيبة الرجل؟

قال: في كثرة ضحكه.

قال: فما يخرج به إلى الاستخفاف به؟

قال: كثرة مزاحه.

قال: فما يكثر سقط منطقته؟

قال: كثرة كلامه.

قال: وما في كثرة كلامه؟

قال: قلة حياته.

قال: وما في قلة حياته؟

قال: موت قلبه.

قال: وما في موت قلبه؟

قال: رقة دينه.

قال: فأين موضع السلامة؟

قال: موضع السلامة في الصمت.

قال: فأين عاقبة الندامة؟

قال: في كثرة الكلام وفي ذلك قال الشاعر:

يموت الفتي من عثرة من لسانه وليس يموت المرء من عثرة الرجل
فعرثته بالقول ترمي برأسه وعرثته بالرجل تبرأ على مهل

قال: فن الجواد بالعطية؟

قال: الموقن بالخلف.

قال: كيف ينزل الصبر؟

قال: على قدر المصيبة.

قال: كيف تنزل المعونة؟

قال: على قدر المؤونة.

قال: بم يصفو ود الأخ؟

قال: ثلاثة: يوسع له إذا جلس إليه، ويبدوّه بالسلام، ويدعوه بأحب أسمائه إليه.

قال: فما أفضل أعمال البرِّ؟

قال: انتظار الفرج.

قال: كيف الدنيا بعدنا؟

قال: مثلها بعد غيرنا.

قال: مثلها بعد غيرنا.

قال: فأعجب النمر ما سمعه من كلامه، ورأى من حسن عقله، وجودة منطقته وألفاظه، ونفوذ رأيه، وثبوت حجته، فأمر له بجائزة سنوية، وأمره بالمقام في جواره وبقرب داره، فكان يرتئيه في خطب إن فدح، وأمر إن سنح، ويعمل برأيه ومشورته إلى أن هلك.

تمَّ الكتاب والحمد لله ربَّ العالمين.